

Vanessa Durando

**BALÔN:
UM MERCADO POPULAR**

Curitiba/PR

2010

Universidade Federal do Paraná
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Antropologia Social
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social- PPGAS

BALÔN:
UM MERCADO POPULAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Antropologia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Sandra Jacqueline Stoll

Curitiba/PR

2010

*A minha avó,
com amor.*

RESUMO

O presente trabalho é um exercício etnográfico que tem como objetivo a observação e a análise do mercado Balôn, situado em Torino, Itália. Esta feira de rua existe desde a metade do século XIX e comercializa mercadorias usadas, representando a mais conhecida da cidade. Composta por diferentes grupos sociais que se sobrepuseram ao longo do tempo (desde migrantes vindos dos vales rurais próximos, os do sul da Itália, até imigrantes originários de países extra-europeus), é caracterizada por práticas formais e informais de venda. Operam vendedores de categorias distintas, desde “coletores” até “antiquários”, os quais comercializam objetos de diversas procedências. Esta análise aponta para a produção variável das fronteiras que se traçam entre esses grupos sociais a partir de diacríticos como “ancianidade”, “profissionalização” e “proveniência”. Estes se modificam contextualmente, incluindo também a atuação do Estado como agente que participa desses processos.

ABSTRACT

The present work is an ethnographic exercise of observation and analysis on the Balôn street market in Torino, Italy. Since the middle of the 19th century used objects have been traded have been traded in this fair, which came to be well known as the most notorious in the city. Composed by different social groups overlapping through different layers of time (domestic migrants, from rural valleys, Italian Southern migrants and immigrants from outside Europe), is is characterized by formal and informal trading practices. Several categories of traders operate in the market, from scavengers to antiquary dealers, selling objects from diverse origins. The analysis points to the production of variable borders between these social groups departing from diacritics, such as “elderness”, “professionalization” and “provenience”. The latter change contextually, including the intervention of the State as agent of the processes themselves.

AGRADECIMENTOS

A todos os vendedores do mercado Balôn (Francesco, Olga, Bruno, Dario, Maria Teresa, Joseph, Zigou, Karim, Mario, Giuseppe Ferrua, Thomas, Maurizio...), aos lojistas (Gualtierio, Chiavassa, Falciola, Dell'Aquila...), à *Associazione Vivi Balôn* (Dario, Maria Rosa e Angiolina), à *Associazione Commercianti Balôn* (Massimo e Laura), a Crudele, que contribuíram com meu trabalho conversando, se mostrando, desabafando e tendo paciência e disposição em se relacionar comigo.

Agradeço especialmente Giovanni Semi que, generosamente, disponibilizou seu trabalho, textos e idéias, acrescentando minha pesquisa e reflexões. Agradeço também a Daniele Teobaldo por ter me repassado preciosas informações e contatos que viabilizaram boa parte do meu trabalho.

Aos meus colegas de mestrado, “parceiros” ao longo desses três anos.

Agradeço especialmente Sandra Jaqueline Stoll, minha orientadora, por ter me ajudado a direcionar meu olhar, apontando para questões sempre esclarecedoras (e também por sua paciência comigo).

Ao departamento de Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, que me possibilitou a entrada no “mundo” da antropologia e direcionou até agora (o início) da minha caminhada. Especialmente agradeço a Lorenzo Macagno e Liliana Porto por suas orientações ao longo das disciplinas cursadas, e a Miguel Carid Naveira e Ciméa Barbato Bevilaqua pela leitura cuidadosa e as preciosas sugestões feitas em ocasião da qualificação desse trabalho.

Enfim, agradeço a CAPES por ter me disponibilizado um ano de bolsa de estudos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	pag. 10
CAP. 1 PORTA PALAZZO E SEU CONTEXTO ENTRE HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES -----	pag. 13
1.1 Torino, uma cidade em transformação-----	pag. 13
1.2 Um pouco mais de perto: Porta Palazzo-----	pag. 20
1.3 Piazza della Repubblica e mercado-----	pag. 29
1.4 Quadrilatero Romano-----	pag. 31
1.5 História e representações-----	pag. 37
CAP. 2 O BALÔN ENTRE OUTRAS FEIRAS: A LITERATURA ANTROPOLÓGICA SOBRE MERCADOS -----	pag. 43
2.1 Definição de mercado e debate econômico/social -----	pag. 43
2.2 Um modelo clássico: O <i>suq</i> de Sefrou-----	pag. 46
2.3 A dimensão multiétnica dos mercados-----	pag. 50
2.4 Informalidade e dimensões transnacionais-----	pag. 53
CAP. 3 BALÔN: ESPAÇO URBANO E COMERCIAL -----	pag. 57
3.1 O bairro – Porta Palazzo-----	pag. 57
3.2 O cotidiano do mercado Balôn-----	pag. 75
3.2.1 De madrugada e de manhã cedo: espaços e tempos do mercado-----	pag. 75
3.2.2 Vendedores e mercadorias-----	pag. 97
3.2.3 Transações-----	pag. 109
3.2.4 Desmontando o mercado: a “chepa” de Canale Molassi-----	pag. 116
CAP. 4 O MERCADO EM TRANSFORMAÇÃO -----	pag. 121
4.1 MEMÓRIA E TRADIÇÃO-----	pag. 121
4.1.1 <i>Ferramiu</i> e antiquários-----	pag. 123
4.1.2 Várias histórias, diferentes memórias-----	pag. 127
4.2 PRÁTICAS INFORMAIS E MERCADO MOLASSI-----	pag. 138
4.2.1 Formalidade, informalidade e ilegalidade-----	pag. 138

4.2.2 Mediações estratégicas-----	pag. 150
4.3 DISPUTAS CRUZADAS: O “CASO” VIA COTTOLENGO-----	pag. 160
4.3.1 Etnicização do espaço e relações “de esquina”-----	pag. 166
4.3.2 A “ocupação militar” de Via Cottolengo-----	pag. 173
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	pag. 178
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	pag. 183

ANEXOS

MAPAS

Mapa 1- Porta Palazzo-----	pag. 20
Mapa 2 - Estrangeiros residentes na área de Porta Palazzo. (Relação percentual estrangeiros/população total). -----	pag. 22
Mapa 3 – Quadrilatero Romano, mercado de Piazza della Repubblica e Borgo Dora. pag. 24	
Mapa 4 - ‘Villaggio’, “enclave” e mercado-----	pag. 28
Mapa 5 – Porta Palazzo, Borgo Dora e Balôn-----	pag. 58
Mapa 6 – Balôn e “enclave”-----	pag. 59
Mapa 7 – Balôn, configuração espacial-----	pag. 60
Mapa 8 - Mercado Balôn-----	pag. 74
Mapa 9 – Balôn e Vivi Balôn-----	pag. 76
Mapa 10 – Distribuição grupos étnicos-----	pag. 84
Mapa 11 – Divisões da feira por tipologias de produtos-----	pag. 86
Mapa 12 – Áreas “abusivismo”-----	pag. 96

FOTOS

Foto1 - Cortiço Porta Palazzo-----	pag. 26
Foto 2 – Mercado de Porta Palazzo-----	pag. 29
Foto 3 – Hafa Café-----	pag. 32
Foto 4 – Pichação-----	pag. 36
Foto 5 – Manifesto anarquista-----	pag. 36
Foto 6 – Canale Carpanini -----	pag. 63
Foto 7 – Canale Molassi-----	pag. 64
Foto 8 – Cortile del Maglio-----	pag. 65
Foto 9 – Via Borgo Dora-----	pag. 66
Foto 10 – Retro casas Via Borgo Dora-----	pag. 67
Foto11 – Cortiço Via Mameli-----	pag. 67
Foto 12 – Os três planos de apoio (I)-----	pag. 87
Foto 13 - Os três planos de apoio (II)-----	pag. 88
Foto 14 – Mercadorias no chão-----	pag. 88
Foto 15 - ... na mesa ...-----	pag. 89

Foto 16 - ... penduradas-----	pag. 89
Foto 17 – Banca composta-----	pag. 90
Foto 18 – Buscas (I)-----	pag. 91
Foto 19 – Buscas (II)-----	pag. 91
Foto 20 – Banca com suportes mistos-----	pag. 92
Foto 21 – Banca “de rua”-----	pag. 92
Foto 22 – Banca em frente de uma loja-----	pag. 93
Foto 23 – Antiguidades-----	pag. 106
Foto 24 – Produtos novos -----	pag. 107
Foto 25 – “Étnicos”-----	pag. 107
Foto 26 – Artesanato-----	pag. 108
Foto 27 – Observando de perto (I)-----	pag. 112
Foto 28 – Observando de perto (II)-----	pag. 113
Foto 29 – Catação (I)-----	pag. 117
Foto 30 – Catação (II)-----	pag. 118
Foto 31 – Antiquários-----	pag. 122
Foto 32 – Senhor Raso-----	pag. 131
Foto 33 -... e sua mercadorias-----	pag. 131
Foto 34 – Coletor-----	pag. 137
Foto 35 - Manifestação de grupo de “ <i>ex-centoventunisti</i> ” na praça do Arsenale-----	pag. 149
Foto 36 – Mercado de Via Cottolengo-----	pag. 160
Foto 37 – Joseph e sua banca-----	pag. 165
Foto 38 – Esquina Via Cottolengo e Piazza Lanino-----	pag. 170

INTRODUÇÃO

O Balôn: "(...) un'esposizione grandiosa e compassionevole di miserie, di cui non è possibile farsi un'immagine fuorchè supponendo che un intero quartiere di Torino, invaso da un furore di distruzione, abbia rovesciato giù dalle finestre tutte le masserizie delle sue case, dai solai alle cantine, fino all'ultima carabattola dell'ultimo armadio...E' una confusione di cose e d'avanzi da far impazzire il disgraziato che ne dovesse far l'inventario"

Edmundo De Amicis

(Speranze e glorie. Le tre capitali, Milano, Fratelli Treves, 1911)

Esta dissertação trata de um mercado de rua, o Balôn, localizado em Torino, Itália. Funcionando desde a metade do século XIX, neste se vende produtos usados especialmente. Ao longo do tempo, o Balôn hospedou diversas levas de imigrantes. Primeiro os italianos vindos das regiões rurais das redondezas, depois os migrantes provenientes do sul da Itália e, hoje, os imigrantes provenientes de países extra-europeus, que encontram no comércio uma fonte total ou parcial de subsistência. Tido como “tradicional” pelos torinenses, considerado como “amortecedor social” pelas instituições públicas, representado como lugar “exótico” e “perigoso” pela mídia local, definido como lugar “do bom negócio” por muitos clientes, o Balôn é lugar onde, através da venda de mercadorias usadas, velhas e antigas, diferentes sujeitos se relacionam.

Em uma de minhas viagens a Torino, cidade onde nasci e vivi até 10 anos atrás, visitei este mercado e me surpreendi com a presença de uma multidão de pessoas, vendedores e clientes, das mais diferentes origens étnicas. O fenômeno da “imigração estrangeira”, que já afetava a cidade desde a metade dos anos 80, se manifestava aqui com exuberância (que descobri depois como problemática e complexa) que me fascinou. A primeira geração dos imigrantes magrebinos, ciganos, senegaleses e nigerianos, se misturara com a “Torino popular”. O Balôn está instalado no bairro de Porta Palazzo, área de ocupação operária mais antiga da cidade. Como é que vendedores e residentes dessa região, “velhos” piemonteses que ainda falam dialeto entre eles (o uso

do dialeto entre as novas gerações que vivem na cidade desapareceu), assim como imigrantes *siciliani*, *pugliesi*, *calabresi*, que moram e trabalham nessa região desde a década de 60, lidam com os recém-chegados? Como os italianos reconfiguram sua identidade neste contexto? Essa foi a questão que inicialmente orientou o trabalho de pesquisa que desenvolvi. Observar o mercado como um “palco” de relações interétnicas foi o primeiro prisma, através do qual observei o Balôn. Não existindo etnografias sobre este, precisava analisar, primeiramente, como o Balôn estava configurado, para depois atentar para as dinâmicas identitárias características deste contexto.

O trabalho que passo a apresentar abarca essencialmente este primeiro movimento: a configuração do mercado, os grupos sociais que o constituem e as dinâmicas comerciais que o sustentam. A questão da identidade dos italianos ficou em segundo plano, mas permaneceu, ao longo do trabalho de campo, como um horizonte, um ponto de fuga, que de certa forma contribuiu para moldar o meu olhar. O que passei a observar especialmente no contexto do mercado foram as dinâmicas interétnicas, procurando apreender como estas se manifestam nesse espaço urbano e através dessa atividade econômica. Para retratar isto procurei etnografar o mercado considerando que se estende sobre um território fragmentado, entre ruas, ruelas e praças em uma conjuntura complexa de grupos diversificados. Além de existirem diferenças étnicas entre italianos e estrangeiros de várias nacionalidades, que em alguns casos se delineiam de maneira claramente territorializada, percebeu-se, entre os vendedores, uma rede complexa de relações tecida a partir de noções como “proveniência”, “profissionalização” e “ancianidade”, as quais repercutem na organização social dos grupos. O mapeamento etnográfico foi realizado observando-se como estas categorias criam fronteiras, nem sempre territorializadas, a partir das quais os grupos que compõem o Balôn se relacionam. A etnografia realizada testa, portanto, o rendimento da definição de grupos étnicos utilizando o conceito de *fronteiras* formulado por Fredrik Barth (1969). Segundo esse autor a identidade, em contextos multiculturais, se constrói de maneira contrastiva, através da oposição “nós/eles”, criando assim fronteiras de caráter relacional. Estas são acionadas, dentre outros, por categorias de discurso, como a noção de “legalidade/informalidade/ilegalidade”, que no contexto em questão adquire distintos significados segundo os diferentes agentes sociais. O Balôn, de fato, é um mercado que apresenta traços marcantes de informalidade, “tolerados” pelas instituições, que se evidenciam tanto nas práticas dos atores, quanto em seus discursos.

A organização social da feira que, como veremos, é dinamizada por tensões que existem entre os grupos que a constituem, sendo, portanto, este o foco do meu trabalho.

A pesquisa de campo foi realizada em duas etapas: entre junho e agosto de 2008 e de julho a dezembro de 2009, contemplando um total de sete meses. Participei do mercado, que acontece uma vez por semana, mas também acompanhei alguns dos vendedores fora deste contexto: presenciando parte de seus trabalhos em lojas e/ou nos galpões onde guardam as mercadorias. Etnografei também as atividades das duas associações que atuam na feira – a Associazione Commercianti Balôn e Associazione Vivi Balôn –, presenciando algumas reuniões e iniciativas por eles organizadas. Entrevistei as pessoas procurando mapear os diferentes grupos que participam desse universo social, o que foi se definindo ao longo do campo. Fotografei desde o começo da pesquisa.

O primeiro capítulo pretende contextualizar o universo da pesquisa. Retrato o panorama sócio-econômico e a dinâmica dos fluxos migratórios que ocorreram na cidade de Torino entre a segunda metade do século XX e a atualidade. Em seguida contextualizo o bairro onde o mercado se instala: Porta Palazzo. Seu ordenamento urbano junto com as características sociais de seus moradores são aqui apontadas para depois focar especificamente a dimensão comercial que o caracteriza. No segundo capítulo apresento a noção de “mercado”, da maneira como é articulada no debate sócio-antropológico, para tratar em seguida de algumas etnografias que me permitiram pautar as temáticas e traçar diretrizes para minha pesquisa. Os dois capítulos sucessivos são etnográficos: no primeiro introduzo o Balôn a partir de sua configuração urbana e comercial para depois passar a um olhar “de dentro”, apresentando a dinâmica das relações sociais neste mercado. Através da descrição de um dia “típico” da feira mapeio a construção do espaço comercial, para depois etnografar o trabalho dos vendedores, suas práticas e tipos de transações. A partir de algumas categorias discursivas apreendidas no curso da pesquisa de campo, procedo ao mapeamento do mercado na visão dos “vendedores”, da polícia, da imprensa e da Prefeitura, com o objetivo de mostrar como o mercado está em contínua reorganização interna, que se dá, dinamicamente, a partir da redefinição de suas fronteiras por parte dos diversos grupos que o compõe.

Este trabalho representa um exercício etnográfico, sendo a minha primeira experiência de pesquisa de campo.

CAPÍTULO 1

PORTA PALAZZO E SEU CONTEXTO ENTRE HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES

1.1 Torino, uma cidade em transformação

A cidade de Torino, onde se localiza o mercado Balôn, tornou-se no fim do século XIX um importante pólo industrial centrado na atividade metalmeccânica, mais especificamente na produção de automóveis. A FIAT (Fabbrica Italiana Automobili Torino) nasceu nesta cidade em 1889, estruturando-se por meio de um sistema de produção baseado no fordismo¹. A dinâmica econômica desse sistema produtivo pode ser aferida por meio das mudanças ocorridas especialmente entre o período imediato ao pós-guerra e o começo do século XXI. Alguns indicadores demográficos são significativos nesse sentido. Dentre eles, o fato da flutuação populacional observada entre 1951 e 2001 na cidade de Torino estar diretamente relacionada, de um lado, aos períodos de crescimento e consolidação da atividade industrial na cidade (anos 50 e 60 do século XX) e do outro ao refluxo econômico (anos 80 e 90 do século XX e primeira década do século XXI), conforme se pode verificar nos dados que seguem:

¹ O fordismo se define como “um sistema orientado à produção de massa de bens estandardizados, fundamentado sobre uma grande concentração industrial, sobre investimentos não elevados na mão de obra operária e sobre uma rígida divisão do trabalho que comporta uma capacidade de projeção e organização, mas também um alto número de mansões desqualificadas” (Bagnasco, 1990:14). Embora a atividade econômica torinense não se reduzisse apenas a isto, essa modalidade produtiva marcou profundamente a sociedade local. Basta lembrar que em 1980, época do assim chamado “outono quente” – período de intensas greves e protestos decorrentes da demissão de 140 operários –, os trabalhadores da indústria local somavam pouco menos da metade da população ativa da cidade. Na época, o sistema produtivo caracterizava-se por uma organização fortemente burocrática e centralizada, envolvendo também o trabalho terceirizado de uma série de empresas subsidiárias, situadas nos subúrbios da cidade. Esse sistema produtivo levou, segundo Arnaldo Bagnasco (1990), à formação de uma sociedade caracterizada por uma estruturação rígida das classes sociais.

Tabela 1- Dados Demográficos Torino/Itália: 1951 a 2001.

ANO	POPULAÇÃO	VARIAÇÃO DEMOGRÁFICA (em %)
1951	719.300	+14,3%
1961	1.025.822	+42,6%
1971	1.167.968	+13,9%
1981	1.117.154	-4,4%
1991	962.507	-13,8%
2001	865.263	-10,1%

Fonte - Istituto Nazionale di Statistica – *14° Censimento Generale della Popolazione e delle Abitazioni*. Roma, 2007 in: www.istat.it/dati/catalogo/20071011_01/FP_Torino.pdf.

O aumento demográfico observado entre as décadas de 50 e 60 do século XX decorre do incremento do índice de natalidade, mas, sobretudo, da chegada de novos moradores. O “boom econômico” ocorrido na Itália no final dos anos 50 do século XX promoveu um aumento significativo da produção e, conseqüentemente, demandava por um maior número de trabalhadores nas fábricas. Nessa época, conforme lembram alguns migrantes do sul da Itália, era comum encontrar, nos trens que ligavam as grandes cidades do norte ao *mezzogiorno*², numerosos cartazes que convidavam os moradores do sul a trabalharem como operários em Torino.

A chegada desses “novos moradores” não era novidade. De fato, a cidade já havia acolhido, entre 1853 e 1930, pessoas que vinham das regiões rurais próximas, dos

vales e das montanhas alpinas², que procuravam melhores condições de vida. A imigração de habitantes da região sul do país, entre os anos 50 e 70 do século passado, porém, se destaca como um fenômeno sem precedentes. De acordo com os dados que Enrico Pugliese (2002) apresenta no texto *L'Italia tra migrazioni internazionali e migrazioni interne*, nesse período o “êxodo agrícola” provocado pela busca de emprego na indústria envolveu 6.500.000 trabalhadores que abandonaram suas próprias terras. O fluxo migratório rural para as cidades do norte do país, que já tinha começado no início do século XX, teve momentos de aceleração e de refreamento: o ápice ocorreu em 1965 e continuou até o 1973, ano da primeira crise petrolífera, quando quatro milhões de pessoas já tinham se instalado na cidade de Torino (Pugliese 2002: 44). A maioria dos migrantes vinha, sobretudo, das regiões de Puglia, Calabria e Sicilia.

A indústria metalmeccânica, que representava o motor da indústria italiana segundo o modelo fordista-taylorista, instalou-se no “triângulo industrial” constituído por Genova, Milano e Torino. Não se exigia mão-de-obra especializada, o que representava uma alternativa profissional para os migrantes com baixo nível de escolaridade, que passaram a trabalhar principalmente nas linhas de montagem. Estes eram em sua maioria homens jovens. Uma vez empregados, passavam a trazer para a cidade os demais familiares, tornando assim a migração um movimento em caráter definitivo. Nos anos 60 do século XX, portanto, o crescimento da classe operária no norte do país e a imigração meridional caminharam juntos. A estrutura urbanística da cidade, porém, não estava preparada para receber um número tão elevado de pessoas. Os novos residentes passaram, em parte, a habitar casas degradadas, porões ou construções abandonadas. A dificuldade encontrada por estes migrantes em encontrar moradia surgia também da recusa dos torinenses em alugar os apartamentos. Na memória de alguns destes migrantes ainda estão presentes os cartazes pendurados nos edifícios com os dizeres: “não se aluga para meridionais”. O processo de inserção dessa população foi, portanto, tenso e difícil, marcado por episódios de intolerância e discriminação.

As implicações sociais, econômicas e culturais desta mobilização foram marcantes, transfigurando o sistema social local. O ano 1974 representou o ápice da produção industrial e foi seguido de uma fase de encolhimento, cujos reflexos se podem perceber nos dados acima mencionados: o número de habitantes de Torino em 1981

² Dos Alpes, montanhas próximas.

registra uma queda de 4,4%, o que se acentua em nove pontos percentuais na década seguinte. Esse declínio populacional estabilizou-se nos últimos 10 anos em razão de um novo afluxo populacional, desta vez decorrente de movimentos imigratórios transnacionais. Entre 1974 e 1999, Torino perdeu quase 300 mil habitantes, passando de 1.205.000 para 910.000. Essa redução demográfica reflete o processo de desindustrialização que caracterizará as dinâmicas econômicas das últimas três décadas: ao longo dos anos 80 houve uma queda de 65 mil postos de trabalho na indústria torinense, dado que sobe para 89 mil se considerarmos a área metropolitana. A classe operária foi, evidentemente, a mais afetada com uma diminuição de 27,6% dos postos de trabalho na região (Istat, 2000 *apud* Semi, 2005). Este processo afetou a Itália como um todo, mas especialmente a Torino, uma vez que a indústria metalmeccânica era sua base econômica. Segundo Bagnasco (1990: 54), Torino enfrentou a crise a partir de dois recursos fundamentais que já a caracterizavam: a capacidade tecnológica e a organizativa.

Se do ponto de vista sociocultural a onda migratória dos anos 60 tinha proporcionado profundas mudanças, começa então aqui uma fase de transformação econômica que mudará ulteriormente a cidade. Porquanto a produção industrial continuou sendo a atividade dominante, a entrada no mercado de novas empresas de grande e médio porte, organizadas de forma mais elástica e descentralizada, começou gradativamente a substituir a administração monolítica e rigidamente hierarquizada que caracterizava a FIAT. Isto levou à constituição de um novo panorama econômico, onde a regulamentação das grandes organizações segundo esquemas rígidos e formalizados deu lugar a modelos mais interativos e flexíveis. Sujeitos, empresas e pessoas, se tornavam, assim, mais autônomos e móveis. Essa renovação da organização industrial afetou também o desenvolvimento do setor terciário e, mais recentemente, algumas políticas públicas promovidas pela Prefeitura, voltadas à reforma urbana e organização de grandes eventos como as Olimpíadas de Inverno de 2004, tendo em vista o desenvolvimento do potencial turístico da cidade.

Com relação às características do fluxo populacional mais recente ocorrido em Torino, destaca-se o movimento imigratório de países extraeuropeus. Como Pier Paolo Viazzo (2003) ressalta, a Itália é considerada tradicionalmente um “país de emigração”, mas ao longo da metade do século XX transformou-se em um “país de imigração”. O marco da mudança é 1973, ano da primeira crise petrolífera, quando, pela primeira vez, o número dos ingressos na Itália superou o número dos expatriados (Viazzo 2003: 7).

Esta tendência começou a tornar-se visível na metade dos anos 80, quando houve o registro de 400.000 concessões de direitos de permanência para indivíduos vindos de regiões ditas do “terceiro mundo”. Até os anos 90 do século passado o fluxo de entradas aumentou e neste mesmo ano 20.000 refugiados albaneses chegaram ao país gerando o que foi chamada de “crise migratória”. A partir deste momento a presença “estrangeira” começou a provocar alarmismo: a sociedade italiana dava sinais de intolerância, evidenciados por estudos sociológicos feitos na metade da mesma década. De acordo com essa literatura, as tensões sociais foram se exacerbando paralelamente ao crescimento do processo migratório que foi se tornando cada vez mais intenso. De fato, dez anos depois, em 2000, as entradas formalizadas de estrangeiros no país chegaram a 1.340.000, dado que não inclui as pessoas que ingressaram clandestinamente. Dentre estas, centenas de origem magrebina e oeste-africana, os quais, quase que diariamente, ainda hoje atravessam o Mediterrâneo em embarcações precárias para chegar até a costa italiana. Os desembarques desesperados na ilha de Lampedusa se tornaram, na mídia, imagens “clichê” deste fenômeno imigratório, representando somente uma parte do êxodo, às vezes trágico, de milhares de pessoas em busca de uma melhor condição de vida.

Neste novo contexto, a cidade de Torino, como a maioria dos grandes centros urbanos do país, tornou-se um dos pólos de atração dos imigrantes. Alguns dados podem ajudar a entender as recentes mudanças no perfil demográfico da cidade. Entre 1996 e 1999 verificou-se um aumento de 20 mil para 40 mil novos moradores estrangeiros. No ano 2000 os imigrantes representavam 2,4% da população total. Número que, em 2006, subiu para 9,4%: de um total de 900.736 habitantes, 84.854 eram estrangeiros (30,2% romenos; 18,2% marroquinos; 7,1% peruanos e 5,6% albaneses, seguidos por chineses, egípcios, filipinos, nigerianos, brasileiros, tunisianos, senegaleses e equatorianos, para citar as presenças mais significativas). Muitos destes (51% homens e 49% mulheres) atuam como mão-de-obra “não qualificada”, como operários do setor metalmeccânico e urbanístico principalmente, embora também estejam inseridos na esfera do comércio³. Aos torinenses se juntaram primeiramente uma leva de migrantes vindos dos arredores rurais, depois os “meridionali” provenientes do sul

³ As atividades que mencionei acima são praticadas tanto pelos homens quanto pelas mulheres, sendo que os primeiros se encontram mais presentes nas fábricas. Algumas das atividades mais praticadas pelas mulheres estrangeiras são a de assistente para serviços domésticos e a de “badante” (pessoa que cuida dos idosos). Esta categoria de trabalhadores, quase exclusivamente composta por imigrantes estrangeiras, foi especialmente tutelada pelo governo, que estabeleceu facilidades fiscais para os contratantes e, no ano passado, promoveu uma “sanatoria” (regularização dos estrangeiros) destas trabalhadoras.

do país e, por último, o mais recente afluxo transnacional. Este movimento se sobrepôs às mudanças econômicas acima mencionadas, gerando resistência por parte da população já instalada aos novos moradores da cidade.

Atitudes conflituosas em relação aos recém chegados, de fato, são freqüentes, apresentando-se como episódios de intolerância que se repetem de forma não muito diferente do que acontecia, em outros tempos, em relação aos imigrantes do sul do país. Viazzo (2003) evidencia que muitos dos estereótipos hoje atribuídos aos imigrantes estrangeiros como “primitivismo”, “falta de educação”, “sujeira”, “violência” e “tendência à delinqüência” são os mesmos que se atribuíam aos “meridionais”. Parece importante, neste sentido, não observar as imigrações isoladamente, mas estabelecer uma continuidade na análise dos diversos fluxos migratórios como parte de um processo que, embora diversificado, apresenta algumas características recorrentes.

Hoje a intolerância em relação aos novos imigrantes integra as chamadas “crises urbanas” (Allasino et al, 2000), contexto em que se inserem protestos violentos e improvisados de cidadãos italianos tendo como alvo os “estrangeiros”. Segundo Allasino, Bobbio e Neri (2000) estes últimos são identificados como responsáveis pelos “problemas” locais, como prostituição, tráfico de drogas, e aumento da criminalidade. A abertura de centros de acolhimento e episódios que envolvem conflitos de convivência com a alteridade são temas que suscitam acusações em relação aos estrangeiros, motivando reivindicações por parte dos moradores locais⁴. Esses protestos quando veiculados pela mídia (jornais e televisão), são apresentados de forma alarmista.

Para responder à questão da segurança foram instituídas várias políticas públicas. No caso específico de Torino, os autores identificaram cinco medidas adotadas pela Prefeitura: o reforço do controle policial sobre o território para garantir a ordem pública; a requalificação urbana; a estruturação de serviços sociais, iniciativas interculturais e mediações de conflitos; a promoção de “políticas para o desenvolvimento”, voltadas à

⁴ O modelo de “crise urbana” é definido, pelos autores em questão, a partir das reivindicações dos italianos em relação aos estrangeiros. Um exemplo eloquente de crise urbana “às avessas”, isto é caracterizada por uma mobilização de protesto operada por parte dos imigrantes estrangeiros, é representada pelo recente “acontecimento” de Rosarno na Calabria. No dia 7 de janeiro de 2010, na cidadezinha de Rosarno, cerca de 2000 imigrantes africanos invadiram ruas e praças protestando contra as condições de moradia e o desfrute do trabalho. Os imigrantes, todos irregulares, isto é, sem visto de permanência, estavam há meses desempregados e, anteriormente, trabalhavam como subassalariados na colheita das laranjas, atividade organizada pela *ndrangheta* (tipo de máfia). Centenas deles viviam em galpões abandonados, sem condições de higiene e sem comida, no centro da cidade. Sua revolta violenta desencadeou a raiva dos “residentes”, originando uma guerrilha urbana. A resposta do governo foi a captura e o repatriamento dos “clandestinos”. Este episódio representa a primeira mobilização reivindicatória de caráter violento dos imigrantes estrangeiros na Itália veiculada pela mídia.

recuperação de áreas degradadas, por meio do estímulo ao desenvolvimento de atividades econômicas e comerciais – política que também abarca o mercado Balôn, objeto desta pesquisa –; assim como a promoção de “projetos integrados”, que visam a abordar os conflitos usando estratégias mistas (sociais, econômicas, culturais).

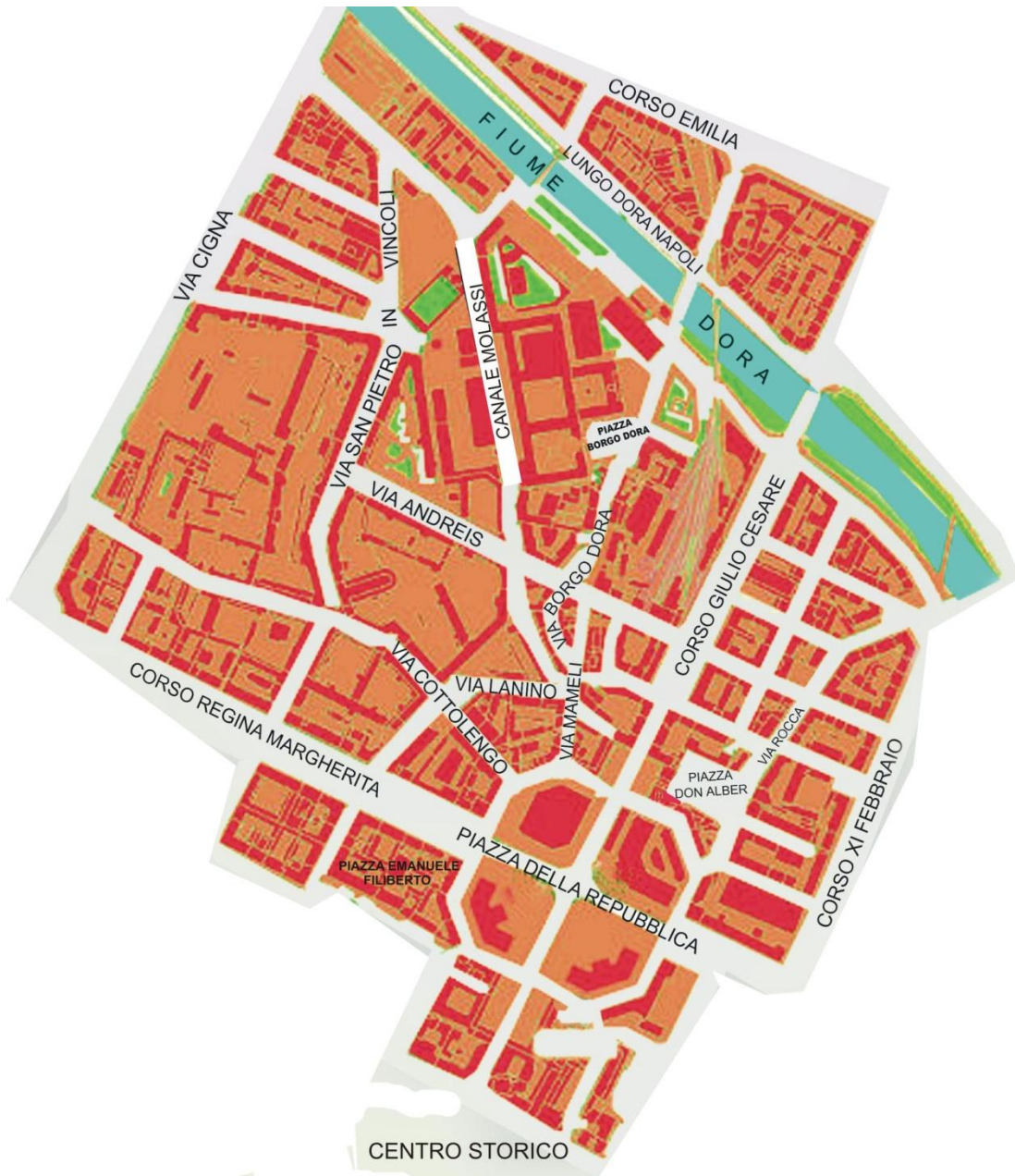
Os autores alertam que, além de se analisarem as causas que geram essas crises, é importante observar quais consequências elas produzem. De fato, devem ser vistas também como “potentes fatores de mudança que oferecem aos atores a oportunidade de redefinir as próprias estratégias.” (Allasino et al, Id: 8).

A região de Porta Palazzo, em Torino, onde o mercado Balôn se insere, é uma das áreas da cidade onde os “conflitos urbanos” e as políticas públicas mencionadas incidem com maior intensidade, uma vez que nesta localidade, “desde sempre”, reúnem-se velhos e novos imigrantes. Descreverei a seguir a organização social deste espaço, no intuito de oferecer um panorama de suas características e destacar como se articulam aí alguns dos processos mencionados.

1.2 Um pouco mais de perto: Porta Palazzo

Uma das áreas de Torino em que a chamada “crise urbana” se faz mais visível socialmente é a região de Porta Palazzo.

MAPA 1- Porta Palazzo



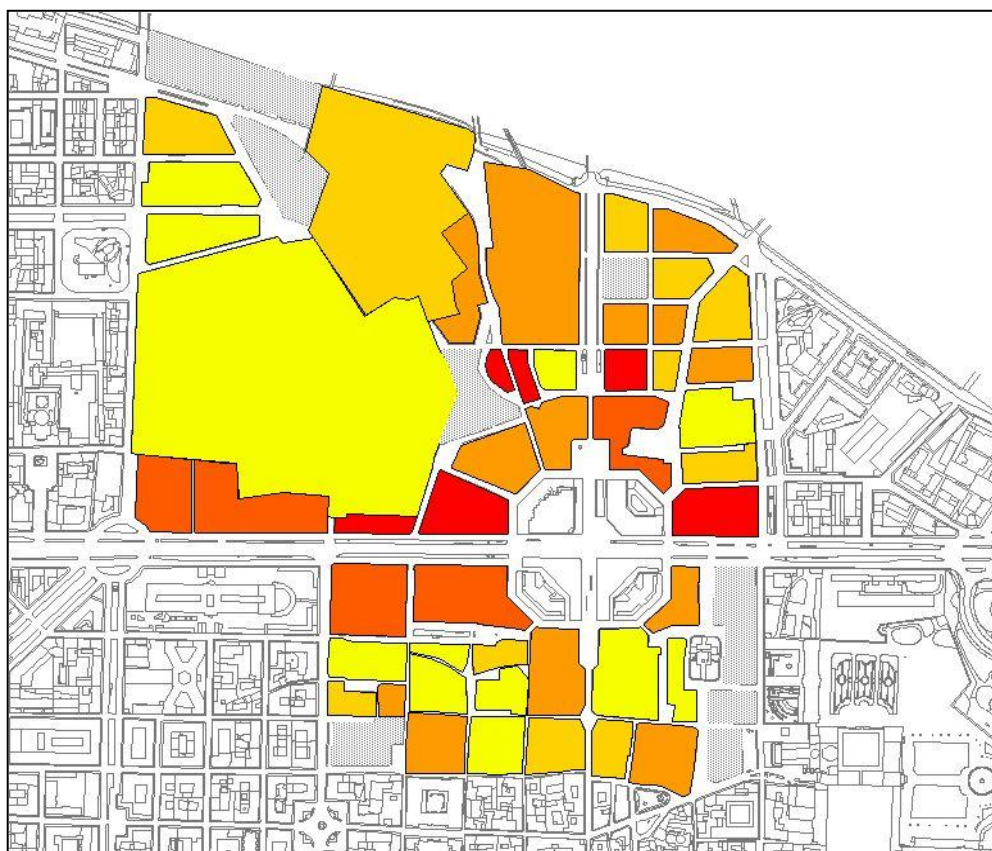
Fonte - www.comune.torino.it/portapalazzo/eng/comitato.htm

Este bairro localiza-se próximo ao centro histórico de Torino, situado na região sul do mapa, compreendendo uma área urbana tradicionalmente identificada com a feira ao ar livre instalada na central Piazza della Repubblica. Como se pode observar no mapa, essa área situa-se entre as ruas: Via Cigna, Corso Emilia, Corso XI Febbraio e Piazza della Repubblica. Este bairro e San Salvario, região localizada perto da estação ferroviária, são os que abrigam o maior número de imigrantes da cidade. A concentração deles em Porta Palazzo deve-se em parte a um processo de realocação dos moradores “tradicionais” da cidade para outras regiões. Os italianos alegam, como causa de seu deslocamento espacial, a questão da delinquência, prática que atribuem aos estrangeiros, refletindo um aumento da intolerância nas relações interétnicas.

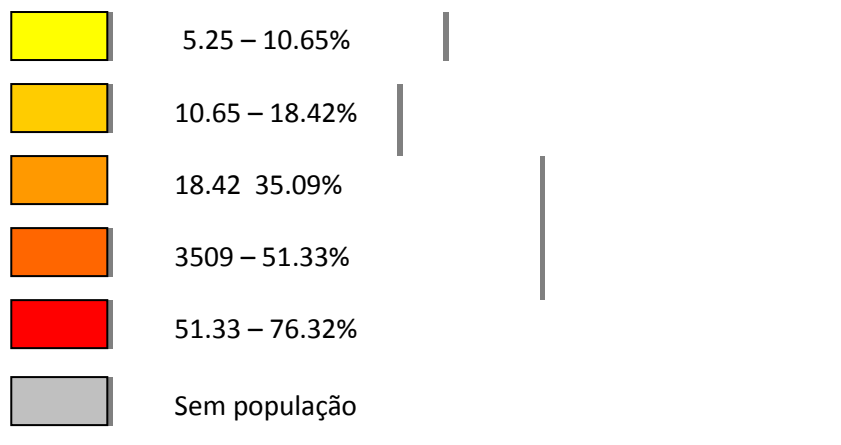
Segundo o Ufficio di Statistica del Comune di Torino (2008), em 2006 os habitantes dessa região somavam 15.082 pessoas, concentrando-se aí, portanto, 1,6% da população da cidade⁵. Nesse universo o número de estrangeiros era de 4.115 pessoas, ou seja, 27,3% dos habitantes do bairro.

⁵ Dentre estes há um elevado número de solteiros e jovens que apresentam percentagem de desocupação superior à média da cidade.

MAPA 2 - Estrangeiros residentes na área de Porta Palazzo. (Relação percentual estrangeiros/população total).



Fonte – Cicsene 2003: 34 Apud Semi 2005.



De acordo com dados censitários, entre 2006 e 2008 houve um acréscimo populacional nesta região da cidade (de 15.082 em 2006, a população do bairro passou para 15.218 em 2008), composto principalmente por moradores estrangeiros que passaram a constituir o 32,4% do total. Desse último contingente, os marroquinos representavam até 2005 o grupo preponderante. A partir de 2006 a comunidade romena, que vinha aumentando visivelmente nos anos anteriores, tornou-se a mais numerosa. Apesar disso, a presença dos primeiros é mais visível: os marroquinos constituem um

dos grupos presentes na Itália há mais tempo (junto com os albaneses, filipinos e senegaleses) e, por isso, marcam de forma mais efetiva a vida do bairro e o seu espaço. Dentre esses a maioria são homens, em geral solteiros, com idade variável entre 20 e 39 anos (Semi 2005:64). Sua inserção no cotidiano do bairro é notada, sobretudo, pelas numerosas atividades comerciais que empreendem. A chegada de moradores vindos “de fora”, contudo, não é novidade em Porta Palazzo. Desde o começo do século XX, este foi o abrigo privilegiado de diversas ondas migratórias, em especial daqueles provenientes dos campos e montanhas piemontesas e, depois, das roças do sul do país. Os anos 90 do século passado, como se comentou anteriormente, inauguram um novo fluxo, desta vez do exterior, fazendo do “estrangeiro” uma presença cada vez mais consistente.

Na ampla praça octogonal (51.300 m²) de Piazza della Repubblica, o “coração” do bairro, é instalada diariamente uma grande feira. Bancas de frutas e verduras, especiarias, roupas, artigos domésticos, mesas de açougueiros e de vendedores de queijo e de peixe compõem o “mercato di Porta Palazzo”, como é chamado, visitado por milhares de pessoas a cada sábado - estima-se de 40 mil a 100 mil visitantes (Semi 2005:72) - sendo o mais frequentado e conhecido da cidade, por muitos considerado o maior da Europa. Aqui se encontram artigos que em nenhum outro lugar da cidade são ofertados como, por exemplo, a hortelã fresca importada diretamente do Marrocos e outras especiarias. O *ethos* “popular” do mercado de Porta Palazzo deriva do tipo de mercadorias ofertadas e da competitividade dos preços, que atraem principalmente clientes de classe média baixa.

Para além do grande mercado, essa área urbana caracteriza-se por uma intensa atividade comercial, constituída de pequenos supermercados e numerosas lojas que vendem no atacado e no varejo, alocadas ao redor da praça. Esse universo é constituído, também, por práticas comerciais informais e ilegais. A venda de drogas, receptação e contrabando, a produção de CDs e DVDs pirateados em laboratórios instalados em porões da localidade, juntamente com produtos de furtos são algumas destas atividades. Essas práticas, como veremos adiante, são de alguma maneira “tradicionais” neste espaço, o que contribuiu para a produção de sua imagem na mídia e da opinião pública como “lugar perigoso”.

O bairro de Porta Palazzo é composto por três áreas: a grande praça que abriga o mercado, a região de Borgo Dora e o que hoje é chamado de “Quadrilátero Romano”.

MAPA 3 – “Quadrilátero Romano, mercado de Piazza della Repubblica e Borgo Dora.



Divisão do bairro de Porta Palazzo: Borgo Dora, mercado de Piazza della Repubblica, Quadrilátero Romano.

Estas últimas duas se localizam em áreas opostas à Piazza della Repubblica. Uma grande avenida (Corso Regina) atravessa a praça e demarca a divisão entre as duas regiões. Olhando o mapa acima, a área que se estende ao sul, em direção ao centro da cidade, é identificada como “Quadrilátero Romano”. Esse recorte urbano é constituído por edifícios recém-reformados, onde funcionam vários bares e restaurantes da moda. Na região norte da praça, por sua vez, estende-se Borgo Dora, um conjunto de edifícios marcados por forte degradação habitacional. Essa é a área que abriga o mercado Balôn.

Atravessar a esquina à esquerda da praça e passar de um lado para o outro da avenida significa cruzar universos muito diferentes. Há numerosas áreas de venda ilegal de produtos frescos e embalados, de mercadoria roubada e drogas ao redor do mercado

(Semi 2005:71). A esquina mencionada representa um dos lugares onde as atividades informais e ilegais são mais visíveis. O bar que aí está instalado é ponto de encontro de nigerianos e senegaleses, a maioria dos quais são taxistas irregulares, proprietários dos automóveis que se vêem estacionados nas proximidades. Nesse mesmo ponto se reúnem grupos de marroquinos, a maioria homens entre os 20 e 35 anos. Alguns deles oferecem drogas, principalmente *hashis*, heroína e cocaína. Os carros da polícia, frequentemente estacionados em frente ao bar, completam o cenário⁶. A esquina é movimentada: carros e pessoas transitam em grande quantidade e circulam ao redor deste edifício que, nos andares superiores, abriga em sua maioria imigrantes vivendo em apartamentos superlotados, em condições de pobreza. A entrada do prédio e seu pátio interno (“ballatoio”)⁷ são visivelmente arruinados: além das péssimas condições higiênicas, as moradias (paredes, fiação elétrica, escadas) são precárias. Toda a área de Borgo Dora, delimitada por Lungo Dora Napoli, via Cigna, Corso Regina Margherita e Corso XI Febbraio, tem essas mesmas características de degradação habitacional (foto abaixo), com exceção de algumas regiões, requalificadas, sobre as quais comentarei adiante.

⁶ Na minha última ida a campo, em outubro de 2009, esse bar tinha sido substituído por um supermercado que vende produtos alimentícios e artigos árabes e oeste-africanos. Com a placa “Asia market”, assim como muitos outros pequenos supermercados presentes no bairro, de propriedade principalmente chinesa ou magrebina, esta loja substitui o bar de propriedade de italianos que há décadas estava aí instalado. A abertura de lojas de propriedade “estrangeira” e o fechamento dos comércios de propriedade italiana é um fenômeno que, como veremos, interessa a toda essa região, especialmente a região de Borgo Dora. Apesar do bar ter desaparecido, a presença das pessoas acima citadas permanece.

⁷ Em Torino muitos edifícios tem pátios internos e alguns tem o “ballatoio” que é típico das casas populares. Estes prédios são construído ao redor do pátio e cada andar tem uma sacada única para todos os apartamentos. As entradas das casas são posicionadas nas sacadas, assim que os apartamentos ficam um ao lado do outro e de frente um para o outro, todos voltados para o interior da estrutura. O “ballatoio” é o conjunto destas sacadas posicionadas uma em cima da outra, ver foto1.

Foto1 – “Ballatoio” em Porta Palazzo



Fonte - www.comune.torino.it/portapalazzo/foto/index.htm

Do outro lado da avenida Corso Regina Margherita o panorama muda totalmente. Depois de uma agência bancária situada na esquina, beirando a praça, uma ruazinha à esquerda leva a uma outra pequena praça, Piazza Emanuele Filiberto (mapa 1). Esta é contornada por edifícios restaurados que possuem uma área verde central, em cujo subsolo foi recentemente construído um amplo estacionamento. Uma parte dessa área central é ocupada por mesas de dois bares-restaurantes que oferecem pratos e bebidas caras e sofisticadas. Esta região, que se estende até via Corte d'Appello e é limitada ao leste pela Via Milano e a oeste pela Via Bligny, é habitada, de modo geral, por italianos de classe médio-alta. O “Quadrilátero Romano”, como é conhecida essa área, é tido como uma região “da moda” na cidade. À noite suas ruelas fechadas ao trânsito se enchem de pessoas que passeiam entre lojas de “alta moda” e restaurantes “étnicos”. Para se ter uma idéia da diferença entre estes dois espaços urbanos (Borgo Dora e o Quadrilátero Romano) basta mencionar que na Piazza della Repubblica um apartamento custa de 850 até 1.100 euros o m², enquanto que na Piazza Emanuele Filiberto seu custo varia entre os 2.000 e 4.000 euros (Cicsene, 2006).

A avenida Corso Regina constitui uma fronteira física entre estes dois espaços: seus poucos metros de largura equivalem à distância que separa “dois mundos”. Nem sempre o panorama urbano dessa região foi assim tão heterogêneo. O “Quadrilátero Romano”, também chamado de “Quartiere Latino”, representava, até o final dos anos 80, a continuação de Porta Palazzo e Borgo Dora tanto em termos da composição sócio-econômica dos residentes, quanto em relação à qualidade das habitações.

O sociólogo italiano Giovanni Semi (2005) desenvolveu uma pesquisa nessa área e seu trabalho ajuda a entender este espaço complexo e composto. Sua análise contribui especificamente para a discussão sobre *gentrification*, práticas de comércio “informal”, transnacionalismo e produção de formas de sociabilidade associadas ao que ele denomina de “multiculturalismo cotidiano” (147). Por “multiculturalismo” o autor entende “o êxito das múltiplas relações interculturais que acontecem a partir do confronto com a idéia de diferença”, caracterizadas como “quotidianas”, sendo resultado de uma prática contínua e repetida ao longo do tempo, ritmicamente construída e ressignificada nas diversas “situações”. Semi (Ibid) ocupa-se especificamente da análise das dinâmicas multiculturais nos três contextos que compõem a região de Porta Palazzo: o do mercado instalado na grande praça e os das duas regiões adjacentes, Borgo Dora e “Quadrilátero Romano”. As relações interétnicas são aprendidas no contexto das atividades comerciais, que variam em cada um dos três contextos. Além da feira, Semi (Ibid.) apresenta dois panoramas comerciais muito diferentes: o “Quadrilátero Romano”, definido também como “villaggio”, que sofreu um processo de *gentrification*⁸ iniciado em 1991, onde o elemento étnico é incorporado como “exótico” por parte dos donos italianos dos estabelecimentos locais; e Borgo Dora, onde desenvolveu-se uma *ethnic enclave economy* com a consolidação do comércio marroquino.

⁸ Por *gentrification* entende-se a dinâmica de reestruturação e requalificação de imóveis em áreas degradadas que inclui a expulsão dos moradores, geralmente pobres, e a chegada de novos residentes com maior poder aquisitivo. Este fenômeno de substituição das classes populares pelas classes médio altas não se verifica de forma mecânica, mas acontece gradativamente envolvendo porções de espaço em tempos diversos.

Mapa 4 – “Villaggio”, “enclave” e mercado



Fonte - Semi, 2005: 35

O trânsito dos indivíduos entre essas duas áreas corresponde, como se comentou, à passagem de um “mundo” a “outro” viabilizando a interação entre indivíduos com inserção e trajetórias sociais diferentes por períodos de tempo limitados.

Tratarei agora as três áreas de forma mais específica, ressaltando as características urbanas principais e o universo comercial que aí se instala.

1.3 Piazza della Repubblica e mercado

Foto 2 – Mercado de Porta Palazzo



Fonte: www.lfar.it/content/data/upimages/TO1.jpg

A Piazza della Repubblica representa a “moldura” que hospeda o mercado. Este, definido metaforicamente por Semi como “espetáculo” (2005:22), acontece todos os dias, com exceção do domingo, das 7h às 14h e aos sábados das 7h às 19h. A feira ocupa a praça inteira e é ordenada por tipologias de produtos, vendidos em regiões delimitadas. Ao seu redor há várias pequenas áreas onde é praticada a venda “abusiva”⁹ de mercadorias, de bens roubados e de drogas. Semi (Ibid.) tem como objetivo analisar o mercado informal marroquino relacionando-o com questões mais amplas, como os processos de requalificação urbana e as políticas de controle do território promovidas pela Prefeitura. O mercado de Porta Palazzo é identificado pelo autor como composto por três dimensões: a formal, a informal e a ilegal, que são definidas, a priori, a partir de

⁹ Este termo, em italiano, remete às práticas que estão “fora” da lei.

uma visão normativa que remete à perspectiva do Estado. As modalidades e êxitos relacionais diferentes que se articulam nessas três esferas e, sobretudo, os esforços em termos de comunicação intercultural feitos no mercado informal, que estruturam o “multiculturalismo cotidiano” vão receber uma atenção especial. O autor alega que é difícil fazer uma reconstrução empírica das distinções entre práticas formais, informais e ilegais, sendo que se caracterizam por várias sobreposições. Essas dinâmicas são descritas etnograficamente. A construção física do mercado de Porta Palazzo por exemplo, isto é, a montagem das bancas é uma atividade que se dá de maneira inteiramente informal. As bancas são desmontadas no final da tarde e remontadas para o mercado do dia seguinte, por pessoas “recém-chegadas” na cidade. Jovens marroquinos, na maioria clandestinos, são recrutados pelos vendedores regulares para realizar esse trabalho, que representa uma etapa do “ciclo de integração” (id. *ibid*:84) desses atores na feira. As relações entre mercado formal e informal em Porta Palazzo são numerosas e vão desde a construção física do espaço até o estabelecimento de uma rede de serviços para os vendedores, entre os quais o mais difuso é a venda de café com leite. Esse serviço é promovido e utilizado quase exclusivamente por atores marroquinos. Semi (2005), porquanto recorte empiricamente sua pesquisa analisando essencialmente o grupo dos imigrantes marroquinos, ressalta que a divisão formal e informal das atividades não é de natureza étnica, e que numerosos sujeitos, menos italianos e mais estrangeiros, compõem este universo. São pessoas jovens que atuam sem contrato de trabalho para os proprietários das bancas, que podem ser de diversas nacionalidades¹⁰.

A diferença entre a esfera formal e informal, além de ser normativa, é também dada pelos “vínculos que garantem a transação” (Semi 2005:81). Segundo o autor, de fato, o mercado formal conferindo legitimidade à troca, é tido como mais seguro pelos clientes (pelo fato, por exemplo, dos preços das mercadorias serem expostos), enquanto que o informal requer uma interação maior entre os sujeitos, sendo que o processo de compra-venda é tido como precário e incerto. A confiança é considerada o elemento determinante para o bom êxito das negociações e promove dinâmicas e características específicas no contexto informal, dependendo também da posição dos atores (vendedores e/ou clientes) e da origem étnica dos sujeitos envolvidos. Através da etnografia de situações específicas, Semi (*Ibid.*) mostra a produção de êxitos relacionais diferentes. Entre vendedores, vendedores e clientes e entre os mesmos clientes a

¹⁰ Esse trabalho é, na maioria dos casos, precário e sub-pago. Rachid, de Casablanca, ganha 5 euros para montar e desmontar uma banca (Semi, 2005:84).

brincadeira, a zombaria e os conflitos mascarados são modalidades difusas para estabelecer relações sociais. Quando a grande feira é desmontada na praça, a prática da venda informal permanece e muda de características, reajustando-se a essa nova situação. As pessoas que circulam são outras, sendo agora constituídas por poucos transeuntes, marroquinos e italianos, em sua maioria dependentes químicos. O mercado ilegal de drogas, sempre ativo, acaba se destacando pela falta do mercado formal. Também a ação da polícia torna-se mais rígida, assim, porquanto os vendedores informais sejam os mesmos e continuem vendendo os mesmos tipos de produtos, a forma de atuar no espaço público e a tipologia de troca se modificam. O comportamento passa a ser mais esquivo e desconfiado e as transações se tornam mais rápidas. As formas de “multiculturalismo cotidiano”, conseqüentemente, se transformam passando de relações mais flexíveis e complexas, enquanto a dinâmica informal está inserida no contexto institucional, até um endurecimento quando compartilha das dinâmicas ilegais. O mercado informal, segundo Semi (2005), se aproxima do ilegal: a ilegalidade se transfere às margens da praça e as atividades informais seguem a mesma trajetória. Quando a pressão intimidatória dos controles policiais diminui, as práticas informais voltam ao lugar inicial. Uma das conseqüências dessa dinâmica é que o espaço se “etniciza”. A coabitação dos moradores com essas realidades (presença de um maior número de “estrangeiros” no espaço público, ou melhor, sua maior *visibilidade* neste contexto, e a realização de práticas ilegais, em especial a venda de drogas) representa a razão central dos conflitos que interessam a Porta Palazzo.

1.4 Quadrilátero Romano

A forma como vêm se reconfigurando as relações entre os grupos sociais é também objeto de análise da pesquisa de Semi (2005) no contexto do Quadrilátero Romano, onde “artistas pouco conhecidos ou em ascensão, imigrantes, estudantes, intelectuais, delinquentes, jovens profissionais e anciãos convivem na mesma porção de território” (190). Em relação a esta área, o aspecto econômico-urbanístico e residencial serve de pano de fundo: o ponto central que o autor examina é a *gentrification*. A revitalização do comércio nesta região é, de fato, o resultado da requalificação urbana, empreendimento que teve origem num processo de reestruturação imobiliária realizada por empresas privadas junto à Prefeitura. Além das lojas italianas que permaneceram

após a reestruturação urbana e alguns pontos comerciais de imigrantes, um novo espaço comercial foi criado, caracterizado por três registros: “étnico”, “jovem” e “tradicional” (id. *ibid.*:221). O primeiro é certamente um dos mais evidentes e representa uma tendência voltada ao processo de “mercantilização da cultura” (Simon 1995:184), neste caso a *outra*, representada pela espetacularização da diferença. Exemplo disso é o Hafa Café (foto abaixo), o bar “étnico” considerado como o mais elegante do “Quartiere Latino”, do qual é proprietária uma italiana que vive entre Casablanca e Torino, segundo o jornal torinense “La Stampa”.

Foto 3 – Hafa Café



Fonte: www.flickr.com/photos/64637626@N00/451297647

Mistura de café oriental e boutique de produtos artesanais, oferece comida e objetos marroquinos a preços elevados, sendo as peças à venda escolhidas pela proprietária. Este bar, freqüentado por italianos, se mantém também com o trabalho de estrangeiros: os “cornos de gazela”, doces marroquinos servidos como especialidade, são produzidos por mulheres árabes que vivem nas proximidades. A procedência dos doces não é, porém, mencionada aos clientes. Este tipo de comércio baseia-se na construção de uma imagem da “autenticidade”, alegada ostensivamente como garantia de qualidade e exclusividade do produto oferecido. Dentro desta dinâmica de

apropriação, como Semi destaca, o “autenticamente” marroquino é produto do trabalho de cozinheiras imigrantes, instaladas em porões próximos ao bar, o que é devidamente ocultado.

A etnografia do autor nesta região mostra um panorama de conflitos e contradições que nascem do encontro de velhos e novos moradores, de vendedores estrangeiros e, em menor quantidade, italianos, além de jovens clientes “multiculturais”¹¹ e consumidores que pertencem às gerações mais velhas. Em relação à questão multiétnica, Semi (2005) evidencia que parte do comércio do Quadrilátero Romano, bairro “chic” e exclusivo da “Torino multicultural”, sustenta-se na valorização do consumo “exotizado” por parte da classe média “cosmopolita”. O comércio étnico *gentrificado* produz, portanto, “uma forma específica de multiculturalismo, que integra o outro em uma relação de consumo da diferença” (id. *ibid.*:249). A alteridade passa por um processo de apropriação e ressignificação, norteadas por um sistema que, de alguma forma, se apresenta como uma espécie de “domesticação” do outro. A *gentrification* do consumo “étnico” pode também ser interpretada como resposta local ao processo imigratório que envolve a cidade.

A partir desse processo de “enobrecimento” (Zukin, 2000), esta área urbana não foi e nem é mais considerada, pelo senso comum ou pela Prefeitura, como pertencente ao bairro de Porta Palazzo, que passa a ser identificado somente com a região da Piazza della Repubblica e Borgo Dora¹².

Deixando Piazza della Repubblica em direção ao rio Dora, e deslocando-se então em direção a Borgo Dora, as lojas dos italianos se fazem cada vez menos numerosas. Corso Giulio Cesare representa o centro do comércio “estrangeiro” (mapa 4). Aqui açougues-bazares são sinalizados com nomes árabes em caracteres coloridos e nas vitrines encontram-se expostos grande variedade de objetos como *narguilé*¹³, copos de vidros coloridos e dourados, panelas de barro, roupas e sapatos de couro. Nestas lojas vendem-se produtos como carnes, azeitonas, especiarias, comidas enlatadas importadas de países árabes. Em número menor encontram-se lojas oeste-africanas e também

¹¹ “Uma fração da classe média composta por jovens artistas, profissionais e intelectuais, consumidora de diversidade cultural” (Simon 1995:57 *apud* Semi 2004:8).

¹² O mapa que apresentei no começo do parágrafo, cuja fonte é o órgão da Prefeitura The Gate, mostra este recorte. Procurando na internet a localização de Porta Palazzo, o site www.maps.google.com.br indica a mesma região.

¹³ “Cachimbo largamente usado pelos turcos, hindus e persas, composto de um forninho, um tubo e vaso cheio de água perfumada, que o fumo atravessa antes de chegar à boca” (Dicionário Aurélio).

armazéns que vendem artigos chineses (óculos, isqueiros, esponjas, brinquedos...), local onde se abastecem as centenas de vendedores irregulares da cidade. Outra categoria de lojas frequente neste bairro, assim como em toda a cidade, são os *phone shop*, que oferecem ligações telefônicas para o exterior com tarifas econômicas. Os estabelecimentos comerciais mais numerosos são os que vendem produtos importados do Marrocos, Senegal, Nigéria e China, cujos proprietários são estrangeiros e têm como clientela preferencial seus próprios conterrâneos. Este tipo de comércio foi classificado por Semi como *ethnic business* (id.ibid.:8). Esta modalidade comercial na região é recente e se deve ao aumento da demanda destes bens por parte dos imigrantes que residem aí e em outros lugares da cidade. Estas lojas garantem, portanto, certa continuidade de práticas, ao mesmo tempo, que configuram importantes espaços de sociabilidade. Sua expansão tem proporcionado a revitalização da região definida como “em crise” no começo dos anos 90 (Semi, 2005:8). Muitas destas lojas foram adquiridas de italianos, promovendo uma “eticização” da área, dando lugar a episódios conflituosos em relação aos estrangeiros.

Semi (2005) estudou a organização e a dinâmica do comércio marroquino e definiu esta região como “enclave étnico”¹⁴. “São configurações que podem ser construídas a partir das relações entre a circulação dos bens produzidos, distribuídos e vendidos segundo modalidades verticais e horizontais cada vez reformuladas” (id. ibid.:140). Apesar disto a concentração de atividades, pessoas e bens, segundo o autor, se realiza em uma área específica definida como “região de enclave” (fig. 4). Ao mesmo tempo que aponta recortes territoriais, Semi (ibid.) mostra etnograficamente como o comércio nessa região da cidade se estrutura através de uma série de negociações e percursos que envolvem a circulação de atores e mercadorias, com dimensões transnacionais. Assim, a identidade e a organização do *ethnic enclave economy* constrói-se tanto em termos locais, e em alguma medida territorializados, quanto em termos globais. É preciso destacar que a área pesquisada por este autor representa apenas uma parte do bairro Borgo Dora, que exclui a porção de território à esquerda de Corso Giulio Cesare, onde funciona o mercado Balôn. Exclusão que decorre do fato do autor ater-se ao comércio marroquino. Na região onde funciona o Balôn, como veremos mais adiante, embora haja presença comercial de estrangeiros, existe uma

¹⁴ O sentido dado a esta noção remonta á etnicização das relações sociais, caracterizadas, segundo o autor, por um substancial fechamento (Semi, 2005). Os enclaves são, segundo Semi mais um princípio organizativo do que uma agregação delimitada e circunscrita dentro da cidade.

preponderância de lojas de proprietários italianos. Estas oferecem, em geral, móveis novos e usados, objetos e móveis de antiquário. Estes estabelecimentos, juntamente com restaurantes e *piole*¹⁵, estão inseridos em uma região que tradicionalmente foi ligada ao empreendimento de atividades artesanais. Essa sub-área do mercado de Borgo Dora e suas características serão objeto de análise do terceiro capítulo deste trabalho.

O que articula os três espaços que compõem o bairro de Porta Palazzo são suas “formas de relações sociais e tecidos multiculturais” (Semi, *ibid.*:11). Como outras regiões caracterizadas por uma intensa atividade comercial, Porta Palazzo é um local por onde passa uma grande quantidade de pessoas. Isto pode ser observado sobretudo no período da manhã, quando a feira se instala na Piazza della Repubblica e, aos sábados, quando em Borgo Dora é montado o mercado Balôn. A área comercial urbana se estende e é atravessada por milhares de sujeitos que transitam rumorosamente, atraídos pela conveniência dos preços e pela possibilidade de adquirir mercadorias impossíveis de serem encontradas em outros lugares da cidade. A forma como os estrangeiros ocupam a rua, sua maneira de vivenciar o espaço público, delineia outro aspecto deste quadro: os marroquinos, homens especialmente, reúnem-se nas calçadas, nas esquinas, em frente aos bazares e portões dos edifícios. Como Semi (2005) destaca, a especulação imobiliária obriga os imigrantes a se unirem em grupos numerosos para que possam arcar com as despesas de moradia. Muitos deles vivem dessa forma em Porta Palazzo, onde as condições de moradia são agravadas pela ausência de água e serviços sanitários inadequados, assim que a superlotação leva estes sujeitos a procurar espaços de sociabilidade na rua, nos bazares e bares do bairro¹⁶.

Faz também parte do cenário dessa região a presença da polícia que faz rondas mais ou menos contínuas de carro e circula a pé pelas ruas, onde os muros apresentam escritas, pichações e xerox com anúncios e convites, na maioria de caráter reivindicatório, dos grupos anarquistas que atuam na região (fotos abaixo).

¹⁵ Tabernas típicas piemontesas.

¹⁶ Isto se refere principalmente aos homens, a visibilidade pública feminina é quase imperceptível.

Foto 4 - Pichação



Fonte: www.pdci-ibarruri.it/immigrati.jpg. “Imigrantes”

“Por favor, não nos deixe sozinhos com os italianos”.

Foto 5 – Manifesto anarquista

INFORMAZIONE PROLETARIA
-TRADUCI-FOTOCOPIA-DIFFONDI!

ATTENTI! è un POLIZIOTTO
Memorizza questa faccia: si aggira nei mercati, pronto a saltarti addosso per menarti, arrestarti, espellerti.

WARNING!
that's a COP
Remember this face: he walks through markets, ready to catch you, kick you, arrest you, expel you.



حذاري من هذا الشخص إنه شرطي .
تذكر دائما هذا الوجه الذي يجول
في الأسواق وهو مستعد للإعتداء
والقذف عليك ثم ترحيلك
إلى بلد الأهلبي .

ATTENTION! c'est un FLIC
Rappelle-toi ce visage: il se promène dans les marchés, prêt à te frapper, à t'arrêter, à t'expulser.

numero 5
Torino febbraio
2008
Anarchia in
movimento

Fonte: www.informazione.info/files/ritrovato_a_Porta_Palazzo.jpg

Tensões entre moradores italianos e estrangeiros aparecem às vezes de forma velada, por meio de olhares, murmúrios, gestos e comentários compartilhados entre poucos. Em outras ocasiões, porém, estas se manifestam de forma mais evidente, por exemplo, através da apresentação de abaixo-assinados e organização de cortejos de protesto. Neste contexto é recorrente a menção por parte dos moradores, da presença dos estrangeiros na cidade como “invasão”. Os discursos decorrentes são geralmente vinculados ao tema da “segurança”, apelando-se para uma intervenção direta das instituições. Comitês espontâneos e numerosas associações operam acionando dinâmicas em uma dimensão institucional dentro da qual seus interlocutores não interagem.

Diante destes protestos – que integram a chamada “crise urbana” (Allasino et al., 2000) – o poder local investiu em duas ações principais: intervenções voltadas à requalificação do território e um “projeto integrado” que consistiu na criação de uma agência de “mediação de conflitos”, de natureza mista, público-privada, chamada “*The Gate*”. Se estas ações podem ser vistas como réplicas circunstanciais às “crises”, como Allasino, Bobbio e Neri (2000) sugerem, devem também ser inseridas no contexto mais amplo da transformação da cidade. Tratarei melhor destas questões e das práticas derivadas deste quadro de respostas institucionais contextualizando-as mais adiante.

Passarei agora a descrever brevemente como tal espaço social e urbano constituiu-se diacronicamente. A sua história, de fato, e as formas como Porta Palazzo é representado, contribuíram para produzir elementos que, do ponto de vista da identidade, hoje o caracterizam.

1.5 História e representações

A área até agora retratada e os espaços que a compõem têm origens e desenvolvimentos urbanos diferentes. O “Quadrilátero Romano”, construído em continuação com o centro histórico, até 1800 era uma região periférica da cidade. Ali surgia a região mais tarde denominada de Borgo Dora, um conjunto de aldeias rurais construídas nas margens do rio Dora e dos seus afluentes. A Piazza della Repubblica, edificada imediatamente após as muradas da cidade, assim como o “Borgo”, foi incluída no perímetro urbano em período relativamente recente, em função da expansão econômica e demográfica da cidade na primeira metade do século XIX. Foi Napoleão

Bonaparte quem decidiu pela construção dos 51.200m² de praça num projeto que começou em 1808. A sua função primária foi de abrigar o mercado de gêneros alimentícios que, devido à expansão da cidade, foi deslocado para a periferia, criando ao mesmo tempo uma continuidade com o “Borgo”. Este, se inicialmente caracterizou-se como região rural, em seguida tornou-se o primeiro centro industrial da cidade. A incorporação dessa área ao perímetro urbano deveu-se, portanto, de um lado ao seu próprio crescimento em razão da demanda crescente de mão de obra por parte das fábricas e, de outro, pela edificação da praça como ponto de junção entre os dois espaços. A função e as características de Borgo Dora são, portanto, centrais para a constituição de Porta Palazzo, que se constituiu a partir da existência do mercado e do “Borgo” como polo industrial.

Porta Palazzo era composto originariamente por duas vilas: Porta Doranea, posicionada na região de junção entre via Borgo Dora e o rio, e Porta Pusterla, situada nas proximidades de via San Pietro in Vincoli. Em 1700 as duas regiões receberam a nomeação oficial de Borgo Dora, também chamado de Borgo del Pallone ou del Ballone, em dialeto piemontês Balôn. Este nome, que se pode encontrar também em documentos oficiais, deriva, segundo Bianchi, do fato que, desde 1600, havia na região um campo que era usado para o jogo “del pallone a bracciale”¹⁷, já praticado em época romana. O jogo deu antes o nome a uma *osteria*¹⁸ e depois, metonimicamente, ao bairro como um todo.

O rio Dora teve um papel central na constituição deste espaço, sendo que possibilitou o surgimento da indústria local. Utilizado como fonte de energia hidráulica para o funcionamento das máquinas permitiu, de fato, a implantação de moinhos, chamados de “*molassi*”, que foram os primeiros e depois os maiores da cidade. Em função do incremento demográfico e do conseqüente aumento da demanda de farinha, os centros de produção se multiplicaram, originando um aumento de população cada vez mais veloz e consistente. Os operários e suas famílias escolhiam morar próximos do lugar de trabalho e acabavam se instalando nessa área, onde a estrutura urbanística era frágil e insuficiente para recebê-los. Diversas regiões foram então invadidas e o crescimento acelerado fez com que as casas fossem edificadas de forma improvisada, originando uma paisagem irregular e condições de moradias precárias. Este aumento foi devido também a uma disposição do rei que, na metade de 1700, previu o deslocamento

¹⁷ Jogo de bola lançada com o braço.

¹⁸ Taberna.

das indústrias consideradas ruidosas e poluentes de outras áreas da cidade para o bairro. Algumas políticas de incentivo e a transferência das fábricas conduziram a um ulterior aumento da população, que passou de 2.450 moradores em 1819 à 10.690 em 1848. Na segunda metade do século chegou-se ao vértice do processo de industrialização. Borgo Dora abrigava, assim, o primeiro proletariado urbano da cidade. As condições de desordem e degradação, decorrentes da chegada de um número tão elevado de pessoas em um breve período de tempo, levaram a uma intervenção urbanística que comportou a criação de novas ruas, a transposição dos canais a céu aberto para o subsolo, a reestruturação de algumas casas e a construção de edifícios.

No final da década de 1890, com o surgimento da indústria elétrica, a importância de Borgo Dora como região industrial foi diminuindo cada vez mais, já que as fábricas podiam ser construídas longe dos cursos de água. Assim, gradativamente, quase todos os estabelecimentos foram transferidos para outras regiões da cidade. O bairro passaria a se caracterizar pelas atividades artesanais e comerciais já presentes anteriormente. Apesar do processo de desindustrialização, o bairro continuou crescendo do ponto de vista demográfico pelo fato de abrigar imigrantes que começaram a vir para a cidade. A grande feira de Piazza della Repubblica e o mercado de usados do Balôn, as numerosas tavernas, os albergues e as casas com aluguéis baratos facilitavam a instalação de novos moradores. A informalidade desses dois mercados, de diferentes maneiras, oferecia a possibilidade de trabalho imediato aos recém-chegados, que atravessavam uma fase de adaptação. Muitos abandonavam essas atividades mais tarde, encontrando a possibilidade de um trabalho “melhor”; outros, ao invés, se profissionalizaram, adquirindo licença comercial. Neste sentido Porta Palazzo caracteriza-se historicamente por uma mobilidade, também em termos residenciais, marcada pela substituição sucessiva da população a cada nova “onda migratória”.

Talvez por se tratar de uma região com uma alta densidade populacional que vivia em condições de pobreza, aí se desenvolveram também diversas atividades filantrópicas e de caridade que atendiam aos moradores. Dentre todas, a casa de cura “Cottolengo” é certamente a mais importante, sendo até hoje a maior instituição de caridade da cidade. O passado industrial, a concentração de moradores de extração proletária e subproletária, bem como algumas formas de sociabilidade (por exemplo, o sistema de troca de bens e serviços ofertados por algumas associações e as festas religiosas que se celebravam nos pátios dos edifícios) marcaram o caráter “popular” deste espaço, reforçado pela presença das duas feiras. A da Piazza della Repubblica, que começou em

1835 como mercado de gêneros alimentícios por atacado e varejo, representava, já naquele tempo, o maior comércio ao ar livre da cidade. A área que agora é denominada de Quadrilátero Romano, na época, era considerada parte integrante da grande praça, sendo habitada por muitos dos vendedores e trabalhadores empregados no mercado. Do outro lado, Borgo Dora também caracterizava-se como área comercial. De fato, ali estava alojado desde o começo do século XVIII o mercado de gado, e em 1837 somou-se a ele o de produtos agrícolas por atacado. O deslocamento desse último, em 1934, abalou parte da economia local, implantada sobre a atividade de vários estabelecimentos, como estalagens, albergues, tabernas e armazéns, construídos para atender a clientes e vendedores. O mercado de usados, implantado em 1856, somava-se às outras atividades: tecidos, roupas usadas, ferragens e qualquer tipo de objetos eram ofertados, de forma que o Balôn era chamado também de “Strass-borg”, isto é, “bairro dos trapos”.

Porta Palazzo, portanto, representa tradicionalmente “o lugar do mercado” em Torino. Este espaço, as pessoas e os bens que reúne tornaram-se objeto privilegiado e fonte de inspiração de obras literárias e teatrais, canções e poesias relativas à Torino “popular”. Edmundo De Amicis, no final de 1800, oferece um retrato da feira de Piazza della Repubblica em um dia de inverno. O autor a descreve assim:

“Um Zola torinense poderia colocar aí a cena de um romance intitulado: O Ventre de Torino.

Embaixo dos amplos telheiros, entre as longas fileiras de bancas dos mercadores de tecidos, no meio dos botequins de quinquilharias e louças de barro expostas ao ar livre, com montões de frutas espalhados ao lado, legumes, aves, entre pilhas de cestas e sacos e o vai e vem das carretas que levam embora a neve, no meio da fumaça das castanhas assadas e das peras cozidas, gira e se agita confusamente uma multidão cerrada de lavradores, de servidores, de criados, de domésticas embuçadas nas mantas, de moças com seus cestos, de carregadores encurvados, de mulheres do povo e de moleques frientos, que fazem negra a praça. Ao redor das inumeráveis bancas é uma alternância tumultuada e contínua de ofertas e de recusas, discussões, frases bruscas e truncadas, de vozes maravilhadas e desdenhadas, de apóstrofes e de blasfêmias, que se

juntam e se confundem em um murmúrio surdo e difuso como de uma multidão descontente. Lá se tem que ir para ver as famosas vendedoras de ervas, robustas e formidáveis pelo pulso e pela língua, e para estudar a potência insolente do dialeto, a ferocidade impiedosa da injúria plebéia, a chalaça que chicoteia, o sarcasmo que tira a pele, corrói a carne e estremece os ossos.” (Bianchi, 1991:251).

A imagem de um lugar de intensa sociabilidade, de troca, descrita nas barganhas e nas relações entre as pessoas “do povo” é impactante para o autor, que pertence a outra classe social e percebe os sujeitos que compõem esse cenário com fascínio e estranhamento. A “ferocidade” das injúrias, a “chalaça que chicoteia” e o sarcasmo, além de serem qualidades vistas como “plebéias”, são dinâmicas próprias da venda no mercado e da sua *messa in scena* que, como veremos, não se modificaram substancialmente ao longo do tempo. Vivido para De Amicis como um espaço de alteridade, pelas práticas inusitadas e pela diferente extração social dos atores, a sua natureza remete a uma dimensão visceral, se tornando assim o “ventre” da cidade. Esta definição se aproxima à representação de Guido Gozzano que, mais tarde, denominará Porta Palazzo como “a grã-cozinheira de Turim”. Estas representações se referem à ideia de um lugar gerador, “baixo” e fértil, o *humus* popular que mistura diversidades, objetos, animais e pessoas e os transforma. Além de criar “por dentro”, proporciona para quem vem “de fora” uma experiência desestruturante e renovadora que “estremece os ossos”.

No mercado, além dos vendedores e de seus clientes, podiam-se encontrar contadores de histórias, charlatães, músicos, titereteiros, cartomantes, saltimbancos, curadores, entre outros que contribuía para alimentar as narrativas, orientando-as para uma exotização dessa realidade. A sedução das extravagâncias desses personagens produzia um clichê benévolo que incluía estelionatários, ladrões, prostitutas e contrabandistas como sua parte integrante. A marginalidade e a “malandragem” de Borgo Dora constituem o pano de fundo do romance *noir* intitulado “La donna della domenica”, escrito por Carlo Fruttero e Franco Lucentini em 1972, e do qual, em 1975, produziu-se um filme, com o mesmo título, sob a direção de Luigi Comencini. Porquanto apresentada às vezes de forma caricatural, a dimensão da delinquência foi e é uma das características da vida e da economia de Porta Palazzo. Entre os anos 50 e 60 o lugar representava o centro piemontês de contrabando de cigarros. Ao longo do tempo

desenvolveu-se aqui um linguajar específico, resultado de uma mistura entre a gíria da *mala*¹⁹ e o dialeto piemontês falado pelos seus moradores.

Porta Palazzo, que sempre abrigou sujeitos vindos “de fora”, permanece um “lugar-laboratório” onde se experimentam novas políticas e se produzem novas formas de sociabilidade em um cruzamento de diversidades, muitas vezes, impactante. A especificidade desta região, e também seu paradoxo, faz deste um “lugar” tradicionalmente torinense e, ao mesmo tempo, “do outro”. Esta dinâmica se construiu e se moldou ao longo do tempo. Se de um lado é tido como “marginal”, por abrigar algumas práticas ilegais, e “periférico”, pelo fato de ser habitado por moradores em sua maioria imigrantes e pobres, de outro, representa um “lugar aberto”, ponto de convergência de diversos fluxos migratórios. “O Ventre de Torino” pode ser considerado como indicador dos fenômenos migratórios que historicamente impactaram a cidade, gerando novas formas de sociabilidade. Características de “fechamento” e de “abertura” não devem, portanto, ser consideradas como excludentes, mas como elementos que dialeticamente geram a tensão através da qual o espaço social se constitui. Essas características interessam também ao Balôn como parte integrante desse bairro.

Antes de introduzir os meus dados etnográficos sobre o mercado Balôn, porém, é necessário definir o que é “mercado” e como a literatura antropológica aborda o tema. Essas duas questões serão os assuntos tratados no capítulo seguinte.

¹⁹ Abreviação de “malavita”: “vida torta”, delinquência, criminalidade.

CAPÍTULO 2

O BALÔN ENTRE OUTRAS FEIRAS: A LITERATURA ANTROPOLÓGICA SOBRE MERCADOS

2.1 Definição de mercado e debate econômico/social

Os mercados são retratados na literatura antropológica como lugares onde se sobrepõem pessoas, vozes e objetos em movimento: uma imagem “poluída”, termo emprestado do campo das artes visuais, por meio do qual se caracteriza a superabundância de elementos inscritos em um espaço, sem uma ordem aparente. É assim que alguns antropólogos descrevem o mercado “à primeira vista”, assim como seu próprio desnorteamento inicial (Geertz, 1979; Rabossi, 2004; Semi, 2005; Stoller, 2002). Esta impressão se modifica quando se passa a um olhar “de perto” e “de dentro” (Magnani, 2002), por meio do qual este universo adquire uma forma e organização que se explicitam nos seus próprios termos. Neste segundo momento pode-se perceber que ritmos e lógicas específicas são internamente produzidas pelos atores – vendedores e clientes – através do ato de intercâmbio (vender, comprar e trocar objetos) no contexto sociocultural onde estão inseridos. Para entender essas características, o observador precisa de “um olhar espaço-temporal do social em movimento” (Rabossi 2004:78), ou seja, é preciso ser capaz de perceber os diversos registros temporais e espaciais, sincrônicos e diacrônicos, através dos quais o mercado se faz presente (lugares e tempos de aquisição e venda das mercadorias, de preparação das bancas/lojas/vitrines, etc.)²⁰.

Apesar das diferenças que cada mercado apresenta, alguns elementos comuns podem ser considerados como condições básicas para a sua existência. O mercado se pode definir, em termos gerais e de forma esquemática, como uma *situação de intercâmbio realizada por um conjunto de pessoas que exercem atividades de compra-venda e/ou troca de bens num lugar pré-estabelecido*.

²⁰ Segundo Fernando Rabossi que, como veremos a seguir, pesquisou o mercado de rua de Ciudad de Leste, na tríplice fronteira (Brasil, Paraguai, Argentina), as dinâmicas espaço-temporais são “constitutivas” dos mercados. De fato “como lugares de intercâmbio, os mercados não podem ser pensados fora de sua espacialidade. Como práticas de intercâmbio, o que neles ocorre não pode ser pensado fora de sua temporalidade” (Rabossi, 2004:78).

Com o termo “situação” refiro-me à definição que Giovanni Semi (2005), na sua etnografia sobre o mercado de Porta Palazzo (Torino, Itália) formula a partir de algumas reflexões teóricas propostas por Erving Goffmann, Clyde Mitchell e Ulf Hannerz. Segundo o sociólogo italiano, as “situações” são “momentos relacionais durante os quais o fluxo de significado (produzido pelos sujeitos) toma forma (e adquire sentido) determinando uma interação. A interação, segundo esta perspectiva, define-se, então, enquanto fluxo situado” (Semi 2005:31). Neste sentido o mercado, que é sempre em várias medidas heterogêneo do ponto de vista social, econômico e cultural, define-se socialmente por seu caráter interacional e funciona segundo valores e normas internamente estabelecidas e externamente normatizadas. Ele se define também territorialmente, instalando-se num espaço público que é regulado pelo Estado. As modalidades da troca, as formas como são organizadas e os contextos onde estão localizadas são variáveis através das quais se modifica a dinâmica das relações sociais que se estabelecem nesse contexto. Definir o mercado como uma situação de intercâmbio *in loco* significa, porém, limitá-lo a uma realidade fechada. Este, além de fronteiras territoriais, se realiza também por meio de algumas práticas que comportam e levam à sua própria existência, mas que não são necessariamente associáveis a um lugar específico. A proveniência das mercadorias, seu percurso socioeconômico até chegar às bancas de venda nas ruas ou lojas, a trajetória dos vendedores e dos clientes, assim como das mercadorias são elementos característicos que remetem à natureza aberta e fluida do mercado. Este, então, se constitui no perpassar de lugares, momentos e situações para depois manifestar-se, enquanto evento, em um lugar específico.

A primeira preocupação, que aparece como uma constante na literatura socioantropológica sobre este tema, é a de caracterizar e definir a natureza social da troca. A idéia de que a troca comercial, mediada pelo uso do dinheiro, possa anular a dimensão social da relação entre os sujeitos que a praticam é o eixo do debate teórico que vê uma profunda ambiguidade e tensão entre visões, respectivamente, econômica e social da transação. Do ponto de vista abstrato, o mercado é o mecanismo de formação do preço de um produto que se estabelece através do encontro entre demanda e oferta. O estudo destas dinâmicas foi e é área de estudo privilegiada dos economistas, os quais deixaram aos historiadores, antropólogos e sociólogos a análise dos mercados locais enquanto espaços de interação social (Semi 2005:75). Esta repartição de campos de observação reflete duas formas de entender as relações econômicas que se polarizam em duas posições opostas: a que foi definida como “formalista” (ou economicista) de um

lado e a “substancialista” (ou culturalista) do outro. No primeiro caso, conceitos como concorrência e capital, por exemplo, levam a conceber em termos puramente utilitários os intercâmbios, despojando-os de qualquer valência sociocultural. A segunda posição, ao contrário, interpreta a troca como um momento de interação inscrito e produzido internamente a um sistema de valores culturalmente construídos, sendo estruturada por uma série de códigos e rituais estabelecidos socialmente.

A visão autoexcludente dessas duas orientações foi superada por Karl Polanyi que, nos textos *A Grande Transformação* (1944) e *Trade and Market in the Early Empires* (1957), reflete sobre a posição que a economia ocupa dentro da sociedade. Segundo o autor, a origem das crises econômicas e guerras da primeira metade do século XX residia no sistema de mercados autorreguláveis, que implicava numa economia desembutida das relações sociais. A economia, conseqüentemente, subordinava todos os aspectos da vida humana às relações de mercado e, assim, constituiu-se como ameaça à integridade da sociedade e do próprio sistema produtivo. Polanyi acreditava que a economia não havia ocupado sempre esse lugar, mas que nas sociedades antigas apresentava-se como uma economia inserida (*embedded*) nas relações sociais. A sua proposta ressalta, então, a necessidade de se inserir novamente a economia dentro da sociedade para podermos compreender seus processos.

O uso da noção de *embeddedness* para indicar o pertencimento entre essas duas esferas foi defendido mais recentemente por Mark Granovetter, no artigo intitulado *Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness*, publicado em «*American Journal of Sociology*» em 1985, que inaugura uma nova fase da sociologia econômica. Segundo o autor as transações econômicas entre atores (indivíduos e/ou empresas) estão inseridas em redes sociais estruturadas por relações pessoais concretas. O mercado, então, não deve ser pensado como um mecanismo abstrato, mas como um sistema integrado onde a ação econômica é ação social e vice-versa. De fato, a troca não inclui somente a movimentação de objetos de valor monetário agregado, mas também maneja e se realiza pela dinâmica de produção de valores e identidades dos sujeitos envolvidos, os quais interagem orientados para o reconhecimento recíproco (Zukin, 2000; Semi, 2005). “A dificuldade conceitual que se encontra na atribuição do caráter *social* a um momento que parece puramente *econômico* remonta, como afirmou Michèle de La Pradelle, a uma forma de economicismo implícito que leva a esquecer que também o aspecto considerado como mais antissocial da transação, como poderia ser a ‘neutralização das identidades’ dos atores sociais, é ‘uma condição social da troca de

mercado' (La Pradelle 1996:16 *apud* Semi, 2005:78,79)²¹. A modalidade econômica da transação é imbricada na modalidade social e esta interdependência é portanto a característica, tanto do mercado como sistema econômico, quanto do mercado considerado como evento *in loco*. Neste último “através do intercâmbio, as pessoas não somente obtém um bem em troca de dinheiro, mas criam um momento social específico (...). A situação da troca (...) cria uma reciprocidade de reconhecimentos (ou de negações) de idéias sobre a diferença e institui formas específicas de relação com o outro” (Semi, id.:79).

O trabalho que aqui apresento foi realizado a partir do pressuposto teórico que considera o mercado uma forma de organização social formulada através da troca e espera ser também a sua demonstração em um contexto específico. Esclarecidas estas questões preliminares, escolherei agora alguns trabalhos dentro do universo múltiplo do comércio que a literatura socioantropológica aborda. Tratarei especificamente de feiras de rua, as quais incluem os mercados constituídos por lojas que expõem mercadorias na calçada. Os textos apresentados em seguida representam apenas um recorte, de fato, não pretendo esgotar as discussões sobre o assunto, mas esboçar uma configuração na qual inserirei a pesquisa que desenvolvi sobre o mercado Balôn.

2.2 Um modelo clássico: O *suq* de Sefrou

O trabalho que Geertz realizou sobre um mercado em Sefrou (Geertz, 1979) constitui referência fundamental no campo da antropologia econômica. “*Suq: the bazaar economy in Sefrou*” é umas das etnografias mais completas e abrangentes sobre mercado. Com o termo “bazar” o autor se refere a um tipo específico de feira: um espaço onde se vendem mercadorias a preços módicos, onde se negociam produtos artesanais ou de segunda mão, ou ainda artigos raros e pode-se contratar mão-de-obra para serviços específicos, sobretudo manuais. Geertz (1979) faz uma “análise cultural” do *suq* (bazar), uma das principais instituições das sociedades árabes do Oriente Médio.

²¹Como casos concretos de troca caracterizada por uma suposta “neutralização das identidades” dos sujeitos, podemos pensar na compra de objetos no supermercado, com o pagamento nos caixas, ou, no contexto de um “não lugar” (Augè,1994) como um aeroporto, o pagamento do estacionamento feito através de uma máquina, ou, ainda, a aquisição pela internet de uma passagem de avião.

Assim com as mesquitas, cafés etc., este é considerado lugar privilegiado de interação e de sociabilidade. Relações de produção e consumo de bens e serviços definem o que o autor denomina “economia de bazar”, um modelo particular de troca que deve ser analisado como categoria específica, assim como o sistema de castas na Índia ou a burocracia mandarim na China (De Mello, 2005). Para Geertz (1979) o mundo social é como um texto escrito através das relações interpessoais, as quais incorporam e são incorporadas em formas simbólicas que lhe dão estrutura. A tarefa do etnógrafo, através da análise empírica e microssociológica, é interpretar, do ponto de vista de quem os produz, os significados desses símbolos, que são criados reciprocamente no processo de interação a partir dos significados compartilhados da realidade. O bazar de Sefrou é, nesse sentido, não somente um lugar econômico, onde o objetivo das transações é a conveniência e o lucro, mas também um lugar social e cultural. A troca de bens e serviços se constrói, ali, através de redes familiares, clãs e linhagens por meio das quais os produtos circulam, e se dá por processos interacionais que seguem prescrições de condutas, cordialidades e posturas de convívio social. O comércio envolve, portanto, o intercâmbio de valores materiais e simbólicos através dos quais se configuram identidades e formas específicas de socialização.

Geertz (ibid.) ressalta que o *suq* é, ao mesmo tempo, uma instituição, uma forma cultural e um tipo de economia e, ao longo do texto, mantém essas três esferas analiticamente distintas. Seu funcionamento e interrelação caracterizam a “economia de bazar”. Na primeira parte do trabalho o autor apresenta o mercado nas suas divisões territoriais conforme concebidas pelos sujeitos, bem como a trajetória histórica dessa construção. A economia de bazar inclui o comércio em lojas, ateliês e ao ar livre. Os atores dividem o espaço em três arenas: a área permanente de negociação na “cidade velha”, a rede periódica de mercados na região urbana e rural e os distritos de negócios mais ocidentalizados situados na “cidade nova”. Esta configuração composta resulta do “encurtamento” do comércio que no passado se articulava em longas distâncias. Traçar a história das transações na região de Sefrou permite então mostrar a formação do bazar, assim como se apresenta hoje: a economia de bazar é uma instituição que adquiriu forma e sentido no tempo. Geertz destaca a importância da análise diacrônica para se entender, por exemplo, a transformação funcional da cidade de Sefrou. Esta, antigamente, era lugar de hospedagem posicionado entre as cidades de Fez e Tafilalt, que representavam a principal rota das caravanas. Aí se situavam os *Funduqs* que eram, ao mesmo tempo, depósitos, hotéis e armazéns de propriedade majoritariamente judaica.

Com o fim do “*caravan trade*” em torno de 1915, esses espaços tornaram-se casas de *commodity*, cada uma especializada no comércio de um artigo específico, denominadas pelo autor “miniempórios”. O fim da economia de longa distância proporcionou o desenvolvimento desses núcleos de comércio fixo²².

Entender o comércio marroquino, segundo Geertz, significa apreender o que é propriamente “marroquino”. Para tanto, além da análise das distinções étnicas que compõem esse espaço, o autor descreve as relações que o mercado marroquino mantém com instituições religiosas locais. A questão da identidade torna-se, dessa forma, um dos focos temáticos aí ressaltados. Segundo o autor, a heterogeneidade étnica do bazar resulta do fato que “*different varieties of people entered it in different degrees, in different ways, and with not altogether complimentary views of one another*” (1979:141). Para mapear esses grupos sociais o autor usa em princípio categorias sociológicas “*externally invented*” (id. *ibid.*:143), as quais chama de “socioétnicas”. Em seguida passa a analisar divisões internas, tal como concebidas pelos atores, observando a dinâmica de funcionamento do *nisba*. Este é um dispositivo linguístico que consiste na mudança de uma parte de nome do que chamaríamos adjetivo relativo, por exemplo, *Sefru*/Sefrou e *Sefruwi*/filho nativo de Sefrou; *Sus*/região ao sudoeste do Marrocos e *Susi*/homen originário daquela região. Este recurso morfológico da língua árabe é usado para classificar a proveniência das pessoas, assim “*the ethnic-like classification is publicly stamped onto man’s identity*” (id. *ibid.*:142). Observar a dinâmica do *nisba* permite, portanto, perceber as formas de classificação que os atores utilizam para se definirem etnicamente e, também, vislumbrar o tipo de ocupação comercial que exercem.

Na segunda parte do texto, Geertz passa a focar o aspecto territorial, descrevendo o mercado como um sistema. Neste sentido o autor se contrapõe à literatura que descreve os *suqs* como autônomos, distinguindo, por exemplo, o mercado rural do urbano, ressaltando que seu funcionamento e organização são os mesmos. A divisão do trabalho e as dinâmicas da troca apresentam-se subordinadas ao sentido que os atores lhes atribuem. Geertz assinala, por exemplo, a importância da informação para a constituição do valor dos bens. A qualidade do produto, o custo de produção e a

²² “*A caravanserai transformed into a commercial house, a passage trade transformed into an investment business, and a protection pattern transformed into a market channel – these were the elements out of which the bazaar economy was built*” (Geertz 1979:13).

proveniência são algumas das informações necessárias para sua valoração. Em Sefrou, o nível de “ignorância” em relação a estas questões é, segundo o autor, muito elevada. Informação e segredo têm, portanto, importância crucial tanto no resultado final dos intercâmbios comerciais, como no posicionamento dos atores. A busca da informação é atividade central da vida do bazar, motor fundamental das relações sociais por meio das quais se estabelecem hierarquias entre os atores, campos de disputa e de solidariedade e maneiras de se apresentar ao outro. *“The search for information – laborious, uncertain, complex, and irregular – is the central experience of life in the baazar, an enfolding reality its institutuins at once create and respond to”* (id. *ibid.*:125). A venda e a compra no bazar de Sefrou são viabilizadas também a partir de um conjunto de qualidades compartilhadas entre os atores como, por exemplo, confiança e desconfiança, que mobilizam as relações entre os atores sociais. Esta situação comporta o uso de retóricas eficientes nos processos de negociação, a produção de comportamentos ritualizados, entre os quais a barganha, considerada dispositivo relacional fundamental para estabelecimento dos preços das mercadorias.

Na conclusão de seu trabalho Geertz (1979) esclarece que a “economia de bazar” não deve ser considerada um universo fechado. De fato, representa tanto uma expressão da cultura marroquina quanto uma instituição do “mundo moderno” na medida em que constitui resposta social, política e econômica à modernidade tal como esta se apresenta no cenário local. A “economia de bazar” em Sefrou não é, portanto, “uma forma primitiva” de se fazer comércio. A partir desta reflexão o autor sugere encontrar uma forma de situar a análise etnográfica entre uma visão macrosociológica e microestudos isolados, evidenciando a necessidade de se colocarem em relação a realidade observada e o contexto mais amplo onde ela está inserida, problematizando os laços que os enredam. Geertz (1979) mostra que o mercado não está necessariamente vinculado ao exercício de uma atividade econômica de tipo unicamente utilitário, ressaltando, ao invés disso, como o êxito da troca está subordinado e regulado por uma série de variáveis de tipo social. Algumas de suas características como as redes familiares de circulação das mercadorias, as modalidades de negociações baseadas na confiança/desconfiança etc., embora se apresentem com características diferentes, encontram-se também em outros mercados. Algumas dessas continuidades, por exemplo, foram evidenciadas por Thiago de Mello, que pesquisou o mercado SAARA no Rio de Janeiro, do qual tratarei no parágrafo seguinte.

2.3 A dimensão multiétnica dos mercados

O viés étnico/multiétnico das feiras tem sido perspectiva de análise ressaltada por muitos trabalhos sobre “mercado”. É o que se observam nas pesquisas de Thiago de Mello (2005) e Fernando Rabossi (2004), realizadas em espaços etnicamente heterogêneos.

Thiago de Mello (2005) desenvolve uma etnografia sobre o SAARA, mercado popular do Rio de Janeiro. Esse nome é a sigla da Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega, que o administra. Composto por 1250 lojas, algumas das quais expõem seus produtos também na calçada, oferece uma grande variedade de mercadorias, desde artigos de vestuários até jóias. Segundo o autor, o comércio local se modifica respondendo prontamente às demandas do consumo e é administrado por diversos grupos étnicos. Esse mercado acolheu diversas levas de imigrantes, principalmente sírios, libaneses, turcos e armênios, dentre outros ao longo do tempo. Por esta razão, então, a escolha do nome da associação: SAARA, que remete ao grande deserto africano e seus mercadores. A presença árabe neste contexto remonta ao final do século XIX e começo do século XX. A feira é também chamada de “pequena ONU carioca”, pela variedade de etnias que hospeda. A partir desta situação, o autor descreve como se instalaram, em tempos diferentes e no mesmo espaço, diferentes levas de imigrantes e como, submetidos ao mesmo filtro internacional da troca, desenvolvem suas dinâmicas comerciais. Mello (2005) define o recorte empírico de sua pesquisa a partir do modelo do *suq*. Se, de um lado, encontra no seu campo algumas “evocações” como a produção organizada por grupos familiares e transações comerciais fracionadas, do outro existem diferenças marcantes. A questão da “camelotagem” e da venda de produtos ilícitos, por exemplo, o que no bazar marroquino é parte integrante do comércio local, aqui é proibida e policiada por uma equipe de seguranças que trabalham para a referida Associação.

A forte incidência de grupos étnicos diferentes delimita, segundo Peraldi (1995), uma espécie de “região moral”, no sentido que Robert E. Park (1925) confere à expressão, onde redes sociais e econômicas confluem e se interpenetram, estabelecendo-se sobre um território que está inserido em um panorama comercial mais amplo²³. A discussão quanto aos processos de apropriação do espaço onde este mercado se

²³ O SAARA confina com o Camelódromo e outro mercado administrado por outra associação.

estabelece, em específico a dinâmica de ocupação deste por grupos étnicos diferentes e como é elaborada e aplicada a noção de “legalidade” pelo Estado, toma forma e se torna o tema central do trabalho. Além disto, Mello (2006) privilegia em sua análise como o mercado se reconfigura, do ponto de vista das relações sociais, políticas e comerciais, com a recente inserção de um novo grupo étnico, composto por chineses e coreanos²⁴. Essa leva de imigrantes começou a se instalar no SAARA a partir dos anos 90, desenvolvendo práticas econômicas distintas daquelas estabelecidas pelos árabes. A estratégia utilizada pelos comerciantes asiáticos consiste em oferecer produtos a preços muito baixos. Os chineses usam as práticas do *dumping*, “venda de produtos por preços abaixo do custo, normalmente com a intenção de aniquilar a concorrência” (Mello 2006:8). A abertura de numerosas “lojas de 1,99” determinou consequências marcantes, com o fechamento de lojas “tradicionais” e o surgimento, em seu lugar, do “comércio asiático”, gerando conflitos que passaram a ser mediados pela associação SAARA. A aquisição de lojas por parte dos asiáticos era quase sempre feita com pagamento “à vista”. Esta disponibilidade financeira do grupo foi facilitada por um sistema de crédito organizado como uma espécie de cooperativa, criada por meio de redes associativas ou clãs, constituídas a partir de relações de afinidade e de parentesco. Etnografando esse processo, Mello (2006) aborda várias questões, dentre as quais, o processo de instalação dos asiáticos, a natureza das disputas que se desenvolvem entre os dois grupos quanto às diferentes formas de se “fazer comércio”, seu impacto e consequências na redefinição e requalificação da sociabilidade entre os “comerciantes tradicionais” (id. *ibid.*:7). Essa nova dinâmica comercial, como demonstra o autor, coloca em cheque valores relativos à ética do trabalho como, por exemplo, a concorrência.

A etnografia de Fernando Rabossi (2004) intitulada *Nas ruas de Ciudad Del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira* analisa a prática dos vendedores de rua (os “mesiteros”) que, posicionados na fronteira do Paraguai com o Brasil, constituem um “centro comercial transnacional” (id. *ibid.*:4). A especificidade deste mercado reside no fato de estar situado em um contexto de fronteiras nacionais e, portanto, sujeito a um conjunto de políticas e legislações acionadas por dois Estados. O autor etnografa a circulação dos compradores, de diversas procedências étnicas, assim como dos objetos, de um lado para o outro das fronteiras. A interrelação entre grupos sociais de origens étnicas diferentes, que no caso do SAARA ocorre diacronicamente, com a sucessiva

²⁴ O ensaio “Chineses no Saara: conflitos num mercado popular do Rio de Janeiro”, 25ª Reunião Brasileira de Antropologia – Goiânia – Brasil, 2006, se refere especialmente a essa questão.

chegada dos grupos e a sua instalação no mesmo espaço, em Ciudad de Leste é produzida sincronicamente.

As transações cruzadas entre Brasil e Paraguai se dão através da Ponte da Amizade: da região comercial de Foz de Iguaçu os “*paseros*”²⁵ levam mercadorias produzidas *in loco* para o Paraguai, em quanto que em Ciudad Del Este se recebe produtos que vêm de fora (Estados Unidos, Taiwan, China) para serem vendidos à turistas e revendedores. Parte desta mercadoria, através de mediadores brasileiros - os “laranjas”²⁶ - circula até o Brasil. Este tipo de comércio itinerante é viabilizado por pessoas que atuam com várias funções. “Mesiteros”, “cambistas”, “ambulantes”, “kombistas” etc. são alguns dos diferentes atores sociais que possibilitam as transações e que atuam como partes do mesmo sistema. O movimento é construído justamente a partir das diferenças entre esses lugares, “isto produz uma situação singular” (id. *ibid.*:11), definida a partir da fronteira que se interpõe entre eles.

O autor etnografa também a dinâmica das transações, realizadas através da circulação de duas moedas diferentes. O objetivo é analisar a organização social das vendas, abarcando também a maneira como as práticas e políticas espaciais são mobilizadas num território etnicamente heterogêneo. O comércio de Ciudad Del Leste, de fato, é atração para um volume tão grande de compradores sobretudo pela conveniência dos preços das mercadorias que têm privilégios por transitarem em uma “zona franca”. A isenção dos impostos sobre os produtos vendidos no Paraguai e as diferentes regulamentações presentes no Brasil promovem práticas ilegais como o contrabando. Esta prática adquire significados e dinâmicas diferenciadas também à luz das políticas econômicas desenvolvidas por cada país e às relativas atividades de controle (aplicado e/ou burlado) por parte das instituições responsáveis. O que interessa então é refletir sobre as conjunturas entre espaço, negócios e legalidade, e Rabossi (2004) alerta que, para entender esse contexto, não é interessante tomar o caráter normativo *a priori*, como categoria de análise, devendo ser observado como elemento constitutivo do campo. No “mercado de fronteira”, legalidade/ilegalidade “constitui o operador através do qual se produzem distinções, se reproduzem desigualdades e se aproveitam oportunidades.” (id. *ibid.*:15-6).

²⁵ “Pessoas que realizam o transporte” (2004: 91).

²⁶ “Brasileiras e brasileiros que ganham dinheiro pondo a disposição de outros seu direito de ingressar mercadorias do exterior como se fossem elas próprias” (2004:73).

2.4 Informalidade e dimensões transnacionais

A questão normativa, que remete à esfera da legalidade/ilegalidade e da formalidade/informalidade, é inerente à natureza do mercado, sobretudo no que diz respeito aos contextos urbanos ocidentais, visto que as *feiras de rua* estão inseridas em espaços públicos garantidos pelo Estado. Trata-se, então, de uma tipologia de mercado cuja dinâmica é diretamente condicionada por políticas públicas. No caso do estudo de Rabossi, o governo paraguaio favoreceu o surgimento de um grande centro comercial em Ciudad Del Leste, também em termos de infraestrutura, enquanto que outros mercados não tiveram esse mesmo apoio institucional. Episódios de remoção e/ou relocação de mercados de rua tidos como ilegais e/ou informais pelo Estado, são fenômenos comuns que geralmente desencadeiam processos associativos entre os vendedores.

Este é o caso, por exemplo, do mercado informal de Harlem, em Nova York, que Paul Stoller (2002) descreve em sua etnografia "*Money has no smell*". O autor, além de etnografar este processo, dedica-se à análise de como a globalização está mudando os universos urbanos na América do Norte, dinâmica apreendida através do retrato de vida dos imigrantes "oeste-africanos" (vindos sobretudo do Senegal, Mali, Gana, Nigéria), que trabalham em um mercado de rua. O autor estuda especificamente as modalidades das transações e como o Estado regula a vida econômica e social desses sujeitos focando, em especial, o impacto das políticas institucionais em relação ao espaço público, que se traduz na redefinição das práticas econômicas²⁷.

Seu trabalho anterior de pesquisa na Nigéria lhe permitiu estabelecer uma relação comparativa entre a realidade social e cultural de algumas etnias em seus locais de origem, na África, e as dinâmicas observadas no novo contexto. Stoller (2002) tem como foco privilegiado observar a vida e a construção de valores e práticas dos oeste-africanos, observando suas relações sociais e econômicas. Esses atores mantêm fortes laços com a África, de natureza familiar e comercial. O comércio que praticam envolve a circulação de mercadorias que transitam por várias rotas: eles vendem principalmente produtos chineses, adquiridos mediante comerciantes asiáticos instalados no sul de

²⁷ Veja-se também Stoller, Paul. "Spaces, Places and Fields, the Politics of West African Trading in New York City's Informal Economy", *American Anthropologist* 98 (4), december 1996.

Manhattan, além de mercadorias provenientes da África. Estas últimas são pessoalmente adquiridas nos lugares onde são produzidas ou obtidas através de redes comerciais constituídas por parentes que permaneceram na África, caracterizando um tipo de comércio a longa distância. A mobilização de redes de parentesco no comércio de longa distância já havia sido observada no contexto nigeriano por Abner Cohen²⁸, em 1963, representando hoje uma prática comercial não somente no mercado de Harlem, mas também em outras realidades, assim como mostram os trabalhos de Mello (2005), Peraldi (2001) e Semi (2005).

Stoller problematiza o significado político e cultural do espaço segundo o ponto de vista de quem vive transnacionalmente. O contexto tratado é especificamente reconfigurado por esta condição: *“the fiction of cultures as discrete, object like phenomena occupying discrete spaces becomes implausible for those who inhabit borderlands”* (2002:784). O espaço das fronteiras como espaço transnacional *“has rendered any strictly bounded sense of community or locality obsolete. At the same time it has enabled the creation of forms of solidarity and identity that do not rest on the appropriation of space where contiguity and face-to-face contact are paramount”* (Gupta and Ferguson, 1992:9 *apud* Stoller, 2002: 785)”. Essa condição é característica da pós-modernidade (Harvey, 1989), em que as noções cartesianas de espaço e tempo implodem, levando também à erosão das fronteiras nacionais.

Problematizar a noção de espaço, privilegiando a questão do fluxo de sujeitos e mercadorias, é também um dos focos dos antropólogos Michel Peraldi, Nouara Foughali e Nancy Spinousa (1995), que estudaram o mercado das pulgas de Marselha, na França. Situado num grande conjunto comercial localizado no limite da cidade entre o velho porto, o aeroporto e uma rodovia, este mercado caracteriza-se como um “espaço inusitado e complexo que agrega ordens mercadológicas usualmente disjuntas” (Peraldi, 1995:83). De fato, reúne diversos tipos de mercados (alimentar, das pulgas, roupas e antiguidades), que funcionam em diferentes dias da semana. O recorte da pesquisa é constituído por um grupo de 200 vendedores magrebins, que vendem produtos usados no mercado das pulgas. Depois de várias transferências, esse mercado instalou-se alugando lojas de um grande centro comercial. A dimensão privada que o caracteriza,

²⁸ Em relação a esta temática, em especial a relação entre tribalismo e comércio “moderno”, COHEN, Abner. *O homem bidimensional. A Antropologia do Poder e o Simbolismo em Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963 e COHEN, Abner. *Custom and Politics in Urban Africa*. London: Routledge & Kegan Paul, 1969.

em termos de alocação do território, é uma das razões pelas quais é submetido a um persistente controle da polícia, segundo uma política que os autores descrevem como quase persecutória. A relação estabelecida com os imigrantes por parte dos franceses é caracterizada pela desconfiança e é analisada através dos discursos da mídia local, que classificam o mercado usando dois referenciais: “perigoso” e “exótico”. Os autores caracterizam esse mercado como um *enclave* extraterritorial parecido com os mercados da idade média. Eles, porém, destacam que o comércio praticado pelos magrebinos, estruturado em cadeias empresariais, se estabelece através de amplas redes, em que a organização e regulamentação cotidiana da circulação de dinheiro, mercadoria e mão de obra se inscreve em um quadro econômico e social radicalmente independente. O mercado então adquire uma dupla característica que se articula sobre um paradoxo, baseado em duas dinâmicas opostas e simultâneas: uma, de ordem repressiva, atua “de fora”, envolvendo contenção e marginalização acionada pelas instituições e pela opinião pública, e remetendo a uma concepção do mercado como lugar fechado; a outra, promovida “de dentro”, opera no sentido da abertura e mobilidade da atividade comercial, qualidade necessária, como os autores demonstram, para garantir o bom êxito das transações econômicas. A “competência de deslocamento”, que atua sobre o que o sociólogo Alain Tarrus (1995) chamou de “território circulatório”, é uma característica da prática de comerciantes que organizam o próprio trabalho criando uma estrutura que permite o deslocamento das mercadorias e/ou de si próprios. Para se conseguirem vender a um preço conveniente, os produtos são adquiridos diretamente da fonte, o que implica num fluxo de caráter transnacional. Ou criam-se dispositivos para fazer com que os artigos cheguem até o local de venda. Assim, em alguns casos os comerciantes viajam até o lugar onde são produzidas as mercadorias, o que parece acontecer com mais frequência no caso dos imigrantes, enquanto em outras situações faz-se uso de uma rede comercial com pontos distribuídos estrategicamente no espaço, mobilizados para a importação dos objetos.

Na literatura sobre feiras, como vimos, o “mercado” é qualificado por meio de categorias diferenciadas. “Bazar”, “mercado de rua”, “de fronteira”, “popular”, “transnacional”, são noções utilizadas para qualificar características particulares e situacionais dos contextos pesquisados. As dimensões e centralidade destas atividades variam conforme o contexto social. Apesar disso, algumas temáticas são recorrentes e certas dinâmicas padronizadas. A questão da informalidade e/ou ilegalidade de certas

práticas e os processos transnacionais do comércio me parecem, dentre todos, serem os mais evidentes. Claro que o recorte no qual me foquei (mercados de rua que acontecem em cidades ocidentais,) favorece essa padronização. O fluxo migratório de pessoas vindas do chamado “Terceiro Mundo”, que interessou aos países ocidentais desde o pós-guerra, e o desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte, hoje mais flexíveis e ágeis do que no passado, são os principais fatores de ativação de circuitos comerciais transnacionais, objeto de análise dos estudos mais recentes. O mesmo se observa com relação à intervenção do Estado, expressa dentre outras formas, por meio da regulação da ocupação do espaço urbano, assim como das práticas de ordenamento do ingresso de pessoas e mercadorias, traduzidas em termos de legalidade/ilegalidade, práticas que se acirram no contexto histórico e social em questão.

A leitura dos autores acima citados contribuiu para estabelecer os parâmetros através dos quais me foi possível entender algumas das dinâmicas que ocorrem em meu estudo de caso no mercado Balôn, que passarei em seguida a etnografar. Caracterizando-se socialmente pela estratificação de ondas migratórias *diversas*, que se traduz na inserção sucessiva de “novos” grupos de vendedores, esta feira se rearticulou e complexificou ao longo do tempo. Essa afluência reelaborou e reelabora sua organização social, que está em contínua transformação. As fronteiras (Barth, [1969] 1998) que marcam sua configuração são então retraçadas e ressignificadas a partir desses movimentos, os quais remetem a um cenário mais amplo que, como retratei no capítulo anterior, envolveram a cidade de Turim como um todo. A articulação dos recentes fluxos migratórios transnacionais, porém, se refere aqui mais aos atores que compõem a feira do que às mercadorias comercializadas. O Balôn, de fato, enquanto mercado de usados, oferece produtos em sua maioria arrecadados *in loco*, viabilizando uma circulação que, como veremos, está predominantemente vinculada ao contexto no qual está inserido. A organização desse mercado em termos de fluxos e seu ordenamento na relação com o Estado representam o foco desse trabalho.

CAPÍTULO 3

BALÔN: ESPAÇO URBANO E COMERCIAL

3.1 O bairro – Porta Palazzo

O tema deste capítulo é o Balôn, que como assinalamos anteriormente compõe o Borgo Dora. Esta área, assim como as demais que constituem Porta Palazzo, é considerada “popular” e “marginal”. Apesar dos traços comuns, relativos principalmente à classe socioeconômica dos moradores e ao fato de ser um espaço que historicamente abriga imigrantes, não é socialmente homogênea. Em relação à posição de Borgo Dora dentro do bairro de Porta Palazzo, é necessário ressaltar que a centralidade do grande mercado diário, localizado na Piazza della Repubblica, funciona como elemento unificador desta heterogeneidade. Em relação a isso, Donatella Calabi, historiadora do urbanismo, escreve:

“quem examinou e comparou vários mapas de cidade, evidenciou com freqüência, uma correspondência entre a área circunscrita, especializada aos fins mercantis e os lugares de maior descontinuidade (física e/o cronológica) do tecido urbano. (...) O mercado parece se colocar como “trait d’union” entre dois mundos; se colocar onde a aglomeração é constituída por partes justapostas; jogando na topografia urbana o mesmo papel que o porto adquire na geografia econômica do território” (Calabi 1993:23 apud Semi 2005:124).

A centralidade do mercado de Porta Palazzo destaca-se por articular a região do centro histórico da cidade com Borgo Dora. O processo de “*gentrification*” da região “Quadrilátero Romano”, mencionado no primeiro capítulo, promoveu uma reconfiguração dos espaços urbanos que hoje são demarcados por uma maior *distância socioeconômica* entre as duas áreas, os “dois mundos” apontados pela Calabi, divididos por Corso Regina. A função de interligação do mercado tornou-se assim ainda mais evidente.

Mapa 5 – Porta Palazzo, Borgo Dora e Balôn



Porta Palazzo: localização da área Balôn no bairro Borgo Dora

A urbanização de Borgo Dora começou na área localizada entre Corso Giulio Cesare, Corso Regina, Via San Pietro in Vincoli e o rio Dora, chamada de Balôn. Essa área representa o seu coração histórico e o lugar ao redor do qual expandiu-se a região.

A organização desse espaço urbano, conforme o mapa acima, indica a existência de “dois centros”: a praça do mercado de Porta Palazzo e o centro histórico Balôn, mas elegê-los como lugares definitivos a partir dos quais o resto se articula não é correto. De fato, a região definida como “enclave étnico” pelo Semi (2005), que se estende de Corso Giulio Cesare até Corso XI Febbraio, também representa um “centro” ligado, neste caso, ao comércio marroquino. A noção de centro, assim como qualquer delimitação espacial, é arbitrária e se define segundo parâmetros e critérios situacionalmente estabelecidos.

Mapa 6 – Balôn e “enclave”



No bairro Borgo Dora, a região do Balôn e o “enclave étnico” (Semi, 2005).

Mapa 7 – Balôn, configuração espacial



Nos limites territoriais definidos do ponto de vista urbanístico entre o Balôn e a restante região de Porta Palazzo existem fronteiras (Barth, [1969] 1998), cuja reconstrução remete à questão da noção de “pertencimento”, formulada pelos participantes do mercado e moradores da região. Como ilustração, cito o comentário a esse respeito de Massimo Gazzitano, que nasceu em Turim e sempre morou neste bairro. Ele é filho de imigrantes meridionais (da província de Agrigento), que quando

chegaram a Turim foram morar em Via Mameli. Residiram aí desde os anos 50 até 15 anos atrás, quando então se mudaram, “de coração partido”, devido a vizinhos estrangeiros que os “incomodavam”²⁹. Massimo tem 46 anos, é operário (em férias coletivas há dois anos) e pertence à *Associazione Commercianti Balôn*³⁰, na qual atua como “porta voz dos residentes”. Por ter trabalhado anteriormente na Associação dos Moradores desse bairro e organizado numerosos projetos para a comunidade, foi convidado pela associação para atuar como mediador entre esta e os moradores. A necessidade de uma figura de mediação decorre, como ele relata, dos numerosos conflitos entre residentes e comerciantes. Em decorrência das queixas promovidas pelos primeiros com relação à feira³¹, periodicamente barram a viabilização de projetos comerciais neste espaço público.

Ao delimitar o Balôn, Massimo afirma:

*“O Balôn para mim é Via Borgo Dora, Via Lanino, Via Mameli, Via San Simone, Via Andreis... esse é o Balôn... até a ponte sobre o rio Dora. Depois da ponte não é mais Balôn”. Pergunto: “Até Porta Palazzo?”, referindo-me metaforicamente à Piazza della Repubblica. Ele confirma: “até o começo de Via Mameli esquina com Piazza della Repubblica, Via Cottolengo... Via Cottolengo também é Balôn e de Piazza della Repubblica somente o pedacinho que liga Via Mameli com Via Cottolengo. Depois o resto é Porta Palazzo.”*³²

Essa distinção, segundo Massimo, é compartilhada pelos residentes do Balôn, os quais tendem a atribuir ao lado “de lá” (i.e, a Porta Palazzo) os problemas de

²⁹ Segundo o relato de Massimo, sua família vivia no último andar de um prédio e o porão foi ocupado por “extracomunitários” (termo usado, no senso comum para indicar o “estrangeiro”). A saída dos seus pais “que não aguentavam mais morar ali, pois não conseguiam dormir à noite”, segundo ele, coincidiu com o pedido de devolução da casa do proprietário, que alegou a necessidade de cedê-la para a filha, recém-casada. Posteriormente, Massimo descobriu que a casa foi habitada por estrangeiros. Esse caso representa um exemplo do deslocamento de moradores “tradicionais” de Porta Palazzo para outras áreas da cidade e aponta, possivelmente, para o fenômeno da especulação dos aluguéis em desfavor dos imigrantes que Semi (2005) ressaltava como prática comum nessa região da cidade. (Entrevista realizada em 30 de setembro de 2008).

³⁰ Esta associação foi fundada por comerciantes do bairro, recolhe hoje em sua maioria antiquários e alguns ambulantes da feira, exclusivamente italianos. Essa não atua na organização do mercado do sábado, meu objeto de pesquisa, organizando exclusivamente um mercado chamado de “Gran Balôn”. Esta feira, que acontece no segundo domingo do mês, é composta por antiquários.

³¹ Os residentes alegam: “barulho”, “sujeira”, “aumento da criminalidade” em seu espaço de residência.

³² Todos os trechos registrados em itálico reproduzem porções de meu diário de campo, entrevistas e/ou gravações de diálogos.

delinquência existentes na região. A fronteira funciona, portanto, como um dispositivo para deslocar questões problemáticas “para fora” da região de moradia.

Essa representação da região do mercado em Turim é compartilhada pela maioria dos residentes italianos, sejam eles piemonteses ou de origem meridional. Os moradores mais recentes da região são estrangeiros e, segundo Massimo, não participam da vida associativa do bairro, nem produziram sujeitos institucionais que os represente nesse contexto. Essa divisão entre Porta Palazzo e Balôn não me pareceu ser marcada da mesma forma pelos residentes estrangeiros. Os imigrantes que moram aí afirmam, genericamente, viver em Porta Palazzo.

A região é constituída por uma paisagem urbana heterogênea e complexa, demarcada por seu percurso histórico, com seus antigos estábulos e porções de velhas fazendas, intercalada por prédios, casas e edifícios de datações diferenciadas, muitos dos quais foram reconstruídos depois dos bombardeios da Segunda Guerra. Devido também às operações de “requalificação urbana” desenvolvidas em porções de território específicas, a região aparece como um espaço composto e desigual. Entre 1997 e 2003, de fato, a Prefeitura investiu, em toda a área de Porta Palazzo, 6 milhões de euros, obtidos através de concursos da União Européia.

O processo de requalificação, nesse contexto, deve ser visto como uma resposta às “crises urbanas” (Allasino et al, 2000) decorrentes na região. A criação, por parte da Prefeitura, da agência *The Gate* foi orientada para responder a esta problemática e seu nome, “*The Gate. Living, not leaving*”, representa um verdadeiro apelo aos moradores italianos que abandonam o bairro. Segundo o relato de Ilda Curti, presidente do *The Gate* e agora assessora da Coordenação das Políticas de Integração da cidade de Turim, “*Gate* é um projeto de políticas públicas com uma modalidade de gestão não burocrática” ativada para fazer frente “ao declínio econômico” da região, “o fechamento de lojas, o esgotamento, digamos, do comércio e, do outro lado, uma degradação físicoambiental muito significativa”³³. Este “projeto integrado” (Allasino et al, 2000) promoveu uma série de intervenções que envolveram principalmente a reestruturação urbanística, a criação de novos espaços públicos de sociabilidade e a promoção de eventos.

Nessa área do Balôn foram reestruturadas as ruas Canale Carpanini e Canale Molassi, possibilitando o ampliamto da feira de sábado, assim como uma parte do

³³ Entrevista, 3 de outubro de 2008. O “declínio econômico” ao qual se refere Curti é relativo ao comércio italiano, que diminuiu também em favor do estrangeiro (Semi, 2005).

Arsenal Militar³⁴, transformado em uma praça coberta onde foi incentivada e viabilizada pela Prefeitura, a abertura de laboratórios artesanais³⁵.

Foto 6 – Canale Carpanini



Canale Carpanini, uma tarde sem mercado (2007).

³⁴ Em 1862, foi implantado aqui o Arsenal da Artilharia. Essa fábrica teve uma importância preponderante no bairro, se tornando um grande centro de produção que se expandiu ao longo do tempo.

³⁵ O *Cortile del Maglio*, segundo relato de comerciantes que aí trabalham, está comercialmente em crise. De fato, muitas lojas e laboratórios fecharam sendo substituídos por escritórios de jovens arquitetos e designers. Essa área é a mais calma e silenciosa da região. Durante a semana, de fato, os transeuntes que passam são pouquíssimos. Cfr. <http://www.cortiledelmaglio.it>.

Foto 7 – Canale Molassi



Canale Molassi, sem mercado (2007).

Foto 8 – Cortile del Maglio



Fonte - <http://www.comune.torino.it/circ7/pagine/eut/schede/Image9.jpg>

The Gate interveio também na pavimentação de Via Borgo Dora e na reestruturação das fachadas de numerosas lojas que aí se instalam, assim como, mas em menor número, em Via Mameli.

Foto 9 – Via Borgo Dora



Fonte:[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/db/BorgoDora.JPG/800px- BorgoDora.JPG](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/db/BorgoDora.JPG/800px-BorgoDora.JPG).

Para concluir, foi criado um jardim no final dessa rua antes do Ponte Mosca e trocada a iluminação em todas as ruas citadas. A organização de eventos culturais foi também realizada pelo projeto, assim como a disponibilização de uma agência de consultoria comercial gratuita para os proprietários das lojas da região.

Os investimentos foram expressivos e se estas intervenções, voltadas principalmente a “revitalizar” o comércio da região, como declarado pela Prefeitura, beneficiaram algumas áreas, tornaram mais evidente a disparidade com outras, como Via Cottolengo, Via Mameli, Via Andreis, e Via San Simone, onde permanecem situações críticas de degradação habitacional (superpopulação, saneamento básico precário, porções de edifícios arruinados e abandonados, etc). A qualidade das construções presentes, como estas casas retratadas pelo lado das sacadas, contrasta com alguns edifícios próximos.

Foto 10 – Retro: casas Via Borgo Dora



Casas de Via Borgo vistas do Canale Carpanini (2007)

Foto 11 – Casa Via Mameli (2007)



Esta casa de Via Mameli, a 50 metros de distância da anterior, por exemplo, posicionada quase na esquina com Piazza della Repubblica, é um dos maiores cortiços da região. A primeira é habitada principalmente, por italianos enquanto que a segunda é ocupada por moradores quase que exclusivamente estrangeiros. O território que não foi requalificado, de fato, é o lugar onde moram, na sua maioria, os imigrantes recém-chegados e que se caracteriza por uma alta mobilidade populacional.

O Balôn configura-se, portanto, por uma região central reestruturada, especialmente Via Borgo Dora, que representa o centro histórico de Borgo Dora e, ao redor, uma área em diversos graus desqualificada. A distribuição das lojas, considerada segundo um critério étnico, tende a corresponder a este modelo, como veremos, com uma concentração do comércio italiano na área requalificada e do estrangeiro na região restante. As atividades comerciais, que constituem a perspectiva a partir da qual se pretende apreender as relações sociais entre italianos e estrangeiros, são demarcadas espacialmente. O comércio de propriedade dos imigrantes estrangeiros se estende desde Corso Giulio Cesare, centro do enclave, diminuindo gradativamente ao longo da Via Borgo Dora e da Via Andreis para, na região de cruzamento com a Via Mameli, chegar quase a desaparecer. Uma área de transição entre o comércio estrangeiro e aquele praticado por italianos se estende da Via Cottolengo até a Via Lanino. O comércio italiano, por sua vez, concentra-se na Via Borgo Dora, via Lanino e Via Mameli. Não quero fazer uma divisão rígida entre estas áreas comerciais, mas sim apontar distinções sociais, étnicas em particular, produzidas no processo de apropriação social do espaço. Segue a ilustração de um levantamento etnográfico realizado sobre as atividades comerciais praticadas por italianos e estrangeiros nessa região:

	Italianos	Estrangeiros
Tipologias de lojas		
Roupas e acessórios novos ³⁶	1	10

Fone Shop		2

Móveis novos	8	

Móveis, objetos usados e antiguidades	15	1

Bar	8	3

Bazares/açougues		2

Restaurantes	5	6

Sorveteria	1	

Loja de sapatos		1

Tabacaria		1

Panificadora		1

Cabeleireiros		2

³⁶ As lojas que defini como “roupas e acessórios” foram classificadas de forma mais genérica porque não vendem artigos específicos, mas objetos variados, às vezes no atacado. (São comércios que podem ser diferenciados entre os de propriedade chinesa, que oferecem principalmente vestidos femininos e para criança junto com objetos do tipo “1,99”, e lojas de magrebinos que vendem roupas, tecidos, tapetes e objetos artesanais).

Hotel	1	

Marcenaria	1	

Ourives	1	

Molduraria	2	

Galeria de arte	1	

Supermercado		1

Lojas de bicicletas (vende, conserta)	2	

Autopeças	1	

Ferramentas	1	

Produtos para acampar	2	

Garagem	2	

Alfaiataria		1

Sapataria	1	

Tapeçaria	1	

Colchões e Cobertas	1	

Fechado/Vende/Aluga		14

Total	55	31
-------	----	----

A partir do mapeamento feito em outubro de 2008, contabilizamos 55 estabelecimentos comerciais no Balôn cujos proprietários são italianos; 31 de estrangeiros, principalmente marroquinos e chineses; 14 estavam fechados e/ou à venda ou para alugar³⁷. Dentre as lojas de italianos, o maior número é de móveis usados e antigos. Se até os anos 80 o Balôn era conhecido como lugar “tradicional” de venda de artesanato, a partir dessa década foi florescendo em seu lugar o comércio de antiquários. Este se concentra no recorte curvo da Via Borgo Dora, continuando pela mesma rua depois do largo em direção ao rio e subindo em direção a Piazza della Repubblica, em Piazza e Via Lanino. Também os restaurantes são numerosos nesta área, em especial as “*trattorie*” de comida típica piemontesas, *kebab*’s (restaurantes árabes) e bares.

As lojas de roupas e acessórios de propriedade dos imigrantes estendem-se principalmente pela Via Andreis. Por sua vez, Via San Simone, Viale Carpanini e Canale Molassi não são regiões comerciais, sendo, portanto, as ruas menos movimentadas do bairro durante os dias de semana. Nestas lojas trabalham, em geral, pessoas de mesma origem étnica, sendo este também o padrão de suas clientela. Essa estrutura aponta para uma etnicização do comércio e do consumo, que no Balôn se manifesta de forma territorializada.

A etnicização do comércio nessa região pode também ser ilustrada por episódios que ocorrem no cotidiano. Relato um deles, ocorrido durante a pesquisa de campo. No mercado Balôn, um sábado, eu havia comprado em uma banca que vende produtos para pintura, algumas tintas a óleo. Não tendo o dinheiro comigo naquele momento, o vendedor italiano, para não perder o negócio, sugeriu que me encontrasse com seu “ajudante”, um senhor marroquino, na segunda feira, quando então ele me entregaria as tintas e eu pagaria o que devia. Aceitei, trocamos os números de telefone e combinamos que eu ligaria na segunda de manhã, antes das 11, visto que depois ele iria trabalhar na fábrica. Na segunda liguei e ele me disse que poderíamos nos encontrar no Balôn, no bar da Via Borgo Dora. Porquanto eu soubesse que a Via Borgo Dora tem vários bares e cafés, dirigi-me ao bar de Gualtieri, na frente das lojas de antiguidades, pensando que, sendo a rua tão curta e pequena o encontraria facilmente. Sentei na varanda tomando um café. O tempo passava e o senhor marroquino não chegava. Liguei para ele³⁸:

³⁷ Segundo Massimo Gazzitano o Balôn é composto por cerca de 60 lojas, das quais 40 são de proprietários residentes no bairro.

³⁸ Esse diálogo está sendo reproduzido de memória, pois não foi anotado naquela ocasião.

V.: “Oi! Onde está?”

S.M.: “Estou aqui no bar”.

V.: “Mas... onde, eu também estou aqui”.

S.M.: “Aqui aonde?”

V.: “Em Via Borgo Dora... onde estão as lojas de antiguidades”.

S.M.: “Eu estou no largo”.

V.: “Ah! Estou tomando um café, vem aqui tomar um comigo?”

S.M.: “Não... venha você”.

V.: “Tá bom”.

Quando cheguei ao “largo”³⁹ da Via Borgo Dora o senhor estava em um café marroquino. Ao ver que me aproximava, saiu e veio me encontrar na rua. Rimos do mal entendido, peguei a mercadoria, paguei e nos despedimos.

O caso citado mostra um pouco de como se articulam as dinâmicas de etnicização do comércio e das relações sociais no Balôn. Eu, *a priori*, excluí a possibilidade de me encontrar com o vendedor em um dos dois cafés marroquinos do largo, onde as varandas são ocupadas exclusivamente por homens, todos magrebinos, no meio dos quais, me dei conta depois, teria me sentido “fora de lugar”⁴⁰. O vendedor, por sua vez, acostumado a frequentar os bares da região do largo, onde se concentram os magrebinos, não se dispôs a deslocar-se desta fronteira, recusando meu convite. E, ao sair do bar para a rua ao meu encontro, negou-me o acesso ao bar marroquino.

Práticas como esta, que sugerem relações polarizadas, são recorrentes nos dias de semana enquanto que aos sábados, durante o mercado, o cenário transfigura-se. A feira, de fato, representa uma situação que dinamiza e torna mais complexas estas relações. Estas dinâmicas serão abordadas no capítulo a seguir, onde apresentarei o mercado visto “de dentro”, enquanto evento central na vida do bairro.

Embora tratada aqui como pano de fundo, a paisagem urbana em que se insere o mercado Balôn não deve ser considerada um item isolado em relação às dinâmicas

³⁹ Utilizo a palavra “largo” para indicar o recorte central da rua, o pedaço que no mapa aparece mais amplo. Este, porém, não é usado pelos atores que, do ponto de vista da terminologia, não o diferenciam do resto da via.

⁴⁰ O bar, para os muçulmanos, não é visto como lugar para mulheres. Certa vez, quando fui até lá para tomar um chá de hortelã, cruzei com os olhares dos homens sentados na varanda, que interpretei como reprovação. Esse fato, junto com os comentários que trocaram entre eles me observando, me fizeram recuar, tendo a sensação de estar me inserindo em um espaço que não me pertencia. Às fronteiras étnicas se somam aqui dinâmicas de gênero, significativas nesse contexto.

constitutivas do mercado. O espaço onde se realiza a feira, com suas características comerciais, habitacionais, urbanísticas, representa uma moldura que de alguma forma a ordena e, ao mesmo tempo, um lugar que se modifica contextualmente pela sua existência. Como Semi esclarece, de fato: “as situações que se dão na moldura arquitetônica” do mercado “não coincidem necessariamente com ela, mas se dão através dela” (Semi, 2005:20).

O Balôn, metonimicamente, designa também uma feira popular. Trata-se do maior e mais conhecido mercado de objetos usados de Turim. Ele acontece todos os sábados e, tendo como referência Piazza della Republica, se estende desde Via Cottolengo e Via Mameli em direção ao rio Dora, se desdobrando por Piazza Lanino, Via Lanino, Canale Carpanini, Via Borgo Dora e Canale Molassi e Piazza San Pietro in Vincoli⁴¹.

⁴¹ É interessante perceber como a definição de “mercado das pulgas”, termo usado em italiano, não seja utilizado por ninguém nesse contexto preferindo usar as expressões “mercado do usado” e “mercado de coisas velhas”.

Mapa 8 - Mercado Balón



Ao primeiro olhar, passeando pelas ruas, a feira se apresenta como um lugar heterogêneo, onde tudo aparece de maneira múltipla e sobreposta: vozes que se multiplicam em diversos idiomas e dialetos (do piemontês ao chinês, do siciliano ao árabe), emitidos e modulados com diversos tons e intensidade pelas pessoas que circulam em todas as direções, sozinhas ou em grupo, por entre as bancas repletas de mercadorias de diversas origens. Fotografá-lo me pareceu uma operação difícil: seus fluxos, movimentos e práticas de interação entre pessoas e objetos desafia a intenção de capturá-lo sem imobilizá-lo em um recorte definitivo. Como retratar este lugar tanto etnograficamente, quanto visualmente, foi o que me perguntei, não sem uma certa apreensão, durante os primeiros dias de campo. Com o passar do tempo, porém, na medida em que me inseria nesse espaço, foi o meu próprio olhar que aprendeu a reconhecer os ritmos que o regem. Comecei assim a descobrir um pouco a lógica subjacente que o sustenta e que o arranja em um conjunto de dinâmicas aparentemente não regradas. É o que procuro descrever no texto a seguir.

3.2 O COTIDIANO DO MERCADO BALÔN

3.2.1 De madrugada e de manhã cedo: espaço e tempos do mercado

A feira Balôn, que a um primeiro olhar remeteria a único lugar, é, ao invés, um espaço comercial que abriga *vários* mercados. Do ponto de vista institucional, o comércio que se estende entre Via Cottolengo, Piazza Lanino, Via Lanino, Via Mameli, Canale Carpanini e Via Borgo Dora é normatizado e fiscalizado pela Prefeitura, enquanto que a região da feira instalada no Canale Molassi e Piazza San Pietro in Vincoli⁴², como veremos melhor adiante, é organizada e monitorada pela *Associazione Vivi Balôn*, que a regulamenta segundo seu próprio estatuto⁴³.

⁴² Chamarei essa área da feira de Canale Molassi, e/ou Molassi, segundo a terminologia dos próprios vendedores.

⁴³ Como retratarei melhor no capítulo subsequente, essa divisão decorre do processo de formalização que a Prefeitura empreendeu em relação a um grupo de ambulantes irregulares que trabalhavam no final da rua Via Borgo Dora, perto do rio.

Mapa 9 – Balôn e Vivi Balôn



Em verde a região monitorada pela Prefeitura, em rosa aquela administrada pela *Associazione Vivi Balôn*.

Segundo as normas estabelecidas pela Prefeitura e pela referida associação, o mercado deve começar, respectivamente, às 8h na região de Via Borgo Dora e às 7h no Canale Molassi. Aqui no Canale o horário de disposição das estruturas previsto é das 5h às 6h30 da manhã, mas boa parte da feira já está montada às 3h da madrugada, quando as transações começam ainda em meio à escuridão. Desde meia-noite da sexta-feira, de fato, na Piazza San Pietro in Vincoli, antes do Canale Molassi, muitos vendedores se recolhem e passam a preparar suas bancas, “*si piazzano*”⁴⁴, como dizem, e iniciam suas atividades.

⁴⁴ “Se instalam”.

As transações começam entre os vendedores e os poucos clientes que circulam por ali, assim como descrevo em meu diário de campo:

Vi um senhor italiano de cerca 60 anos, bem arrumado, comprar de um vendedor, também italiano, um quadro por 10 euros, em uma banca colocada na pracinha do Canale, em frente da Associação, que já estava aberta. O vendedor pede para o cliente que seja rápido, sendo que demora a decidir (observa o quadro com calma) alegando que naquela hora não se poderia estar vendendo mercadorias⁴⁵.

A partir das 5h da manhã começa aqui o horário regular de venda e a movimentação se torna mais intensa.

Sábado cheguei ao Balôn às 5h30 da manhã com Roberto (um amigo) (...). Depois de ter bebido um café em um bar próximo nos dirigimos à praça. (O bar, diz a dona que nos serve, na sexta abre à 1h30 porque “tem o mercado”). Logo entramos na praça em direção ao Canale. Estava cheio de bancas sendo montadas e muitas já instaladas. Acredito, como também me falaram, que entre os vendedores trabalhem pessoas que depois, durante a manhã, vão embora. Vi também mercadorias sendo oferecidas nos portamalas dos carros. A quantidade de bancas aumenta, o Canale já quase todo ocupado e lindo com as luzes das lamparinas. Tive a impressão que tudo era mais brilhante do que durante o dia, as mercadorias aparentavam ter outra aura e as pessoas, muitas, se moviam atarefadas, parecendo mexer-se com um ritmo mais rápido que de dia. Aquele brilho, depois descobri, vinha dos pedacinhos de vidro estilhaçados entre as pedras que revestem a rua, reluzentes com as luzes artificiais da noite e invisíveis na luz do dia. Os artigos me pareceram os mesmos comercializados mais tarde⁴⁶.

Também na outra área do mercado, fiscalizada pela Prefeitura, algumas poucas bancas estavam sendo instaladas, como a de Giuseppe⁴⁷, um dos vendedores que

⁴⁵ Diário de campo, 15 de novembro de 2008.

⁴⁶ Diário de campo, 15 de novembro de 2008.

⁴⁷ Giuseppe é um senhor italiano de mais de 70 anos, “faz o Balôn” há 35 anos. Vende objetos que compra em refugio e que recolhe fazendo mudanças.

trabalha há mais tempo na feira, que na mesma ocasião descrita acima, encontrei sozinho na esquina de Via Cottolengo com Piazza Lanino.

(...) Se no Canale tem movimento, no resto do mercado, em Via Borgo Dora, Via e Piazza Lanino, quase não há clientes. Poucas bancas estão sendo montadas. O único já instalado, sentado austeramente, imóvel, sobre uma cadeirinha atrás de uma banca repleta de mercadorias amontoadas, é Giuseppe. Com ar calmo conta que está aí desde 1h da madrugada. Ele me diz que à noite não vem ninguém, “não é como antigamente”. Mas porque está aí, então? Penso, mas não pergunto, Giuseppe é um homem de idade. Falo-lhe com respeito, não quero que se sinta ofendido. Ele diz que a noite é linda (talvez isso compense). Acredito, porém, que faça algum negócio também de madrugada, excluo a possibilidade de que um comerciante se instale com banca e mercadoria naquela hora somente por nostalgia dos tempos passados. (...) Fala de política criticando o governo em relação à reforma escolar. Diz que a educação é importante. Nunca o vi tão disposto ao diálogo; geralmente de dia está sempre muito ocupado e, sendo que mora fora da cidade, o momento melhor para entrevistá-lo é certamente à noite.

Os antiquários que trabalham nas lojas de Via Borgo Dora e expõem suas mercadorias nas calçadas em frente à suas vitrines também estão já ativos de madrugada. Uma vez vi Chiavassa⁴⁸ passar com rapidez em frente à sua loja, ainda fechada, indo em direção ao filho, que chegava do Canale onde, evidentemente, tinha comprado uma mesinha de madeira que carregava nas costas.

(...) De volta para o Canale, Roberto, (o amigo que me acompanhava), decide comprar um presente para um amigo e está em dúvida entre “uma coisa útil” e algo que define como “nonsense”. Depois de ter procurado um ferro de passar roupa (“é um objeto que gosto” diz) e tendo observado algumas coisas (um relógio quebrado, “não carrega”, comenta, experimentando-o, uma flauta de madeira empoeirada...), escolhe a segunda opção: dentre dezenas de objetos, um presépio (de 40 centímetros mais ou menos e do qual, quando vira para observá-lo, cai um camelo de plástico que se perde no chão). A vendedora diz que é muito bonito e que na semana anterior

⁴⁸ Ex-operário Fiat, tem 75 anos, é aposentado e ajuda o filho que tem uma loja de antiquário em Via Borgo Dora.

vendera outro igual, esse é o último. Pede 10 euros, os quais Roberto entrega sem barganhar. Vamos embora e decidimos ir de novo ao bar tomar outro café. Roberto mostra o objeto à dona do bar, uma simpática senhora napolitana. Orgulhoso de sua aquisição ele diz a ela que fez um grande negócio. “É um antigo presépio napolitano que paguei 200 euros!”. Ela escandalizada diz que lhe deram “um bote”, o deveria ter pago no máximo 10 euros. Roberto desvenda a farsa. A brincadeira acaba e a senhora sorri desconsertada.

Informalmente, portanto, o Balôn começa na região Molassi. As atividades, iniciadas de madrugada, são efetuadas em “bancas” (mesas ou panos colocados no chão), assim como em espaços improvisados como portamalas de carros. Em uma ocasião, falando com um ambulante do Canale, eu lhe disse que tinha algumas câmeras fotográficas que queria vender. Ele me aconselhou ir para o Canale de madrugada, estender um pano ou colocar uma mesinha em um canto e ir embora quando começasse a fiscalização, perto das 7h da manhã. Poderia ser arriscado, mas geralmente nada acontecia. A Associação, aberta a partir das 4h ou 5h da manhã, conhece essas dinâmicas, mas não intervém.

Os clientes da noite, em sua maioria homens, italianos ou estrangeiros, compram no varejo e, mais raramente, no atacado. Entre eles há colecionadores, como o senhor acima mencionado, que comprou o quadro; alguns são comerciantes que trabalham do outro lado do mercado, sobretudo antiquários, como o caso do filho de Chiavassa. A maioria das peças expostas na região do Molassi são objetos usados, de ampla variedade, dentre os quais é possível encontrar alguma coisa “de ocasião”. A brincadeira de Roberto com a senhora napolitana do bar representa bem a transação “típica” da feira, que pode resultar num “bom negócio” ou num “golpe”.

Às 7h da manhã, horário em que começa a fiscalização, a maioria dos vendedores do Canale já estão a postos, e entre esse horário e as 8h, também na região de Via Borgo Dora, muitas bancas já estão montadas. Os participantes da feira, tanto de um lado, quanto de outro do mercado são aqueles que têm “posto fixo”. Os vendedores improvisados do Canale a esta hora já “fecharam seus portamalas” e/ou retiraram seus panos e mercadorias. As vagas vazias, que sobram, são designadas para ocupação tanto pelos fiscais da associação como pelos guardas municipais. Esse processo é chamado de “*spunta*”.

Na região do Canale, a “spunta” começa às 7h.

Na Associação, Angiolina⁴⁹ quase não me cumprimenta. O escritório está cheio de gente: uns vinte estrangeiros, sobretudo marroquinos, se espremem à espera de definição de seus postos na feira. Angiolina apresenta as vagas disponíveis a Salvatore (o fiscal responsável), assim como os nomes das pessoas e os números dos lugares nos quais devem ser instaladas. Tudo parece um pouco improvisado, várias vezes os dois corrigem-se a respeito dos afazeres. Depois Salvatore sai com uma fila de pessoas atrás, eu no meio deles. Ele começa a fazer a chamada em companhia de outro fiscal marroquino. A maioria dos nomes é árabe. As pessoas são muito cordiais com Salvatore, brincam e procuram negociar para serem colocadas onde querem. O fiscal explica que alguns espaços já estão designados (são de vendedores com “ponto fixo” que ainda não chegaram) e leva as pessoas até as vagas que podem ser ocupadas. Os números de referência marcados no chão são quase ilegíveis e às vezes não se consegue identificá-los. Salvatore resolve algumas situações: há uma pessoa instalada num lugar que não é o dela e assim pede que saia desse local; um casal precisa se apertar para deixar espaço viável ao vendedor que se posiciona ao lado, tudo isso entre polêmicas e aparentes incompreensões. “Preciso repetir sempre as mesmas coisas com todo mundo” queixa-se Salvatore que, com firmeza, procura administrar a situação. Enquanto isso, o segurança marroquino explica e traduz para um pequeno grupo de magrebinos que não falam italiano. (...) Angiolina, o “general”, como é chamada por um dos fiscais, o chama várias vezes pelo rádio dando novas disposições que ele não entende e assim volta para a Associação.

A dificuldade de Salvatore em alocar as pessoas decorre tanto da administração, digamos, parcialmente improvisada, quanto do elevado número de pessoas que querem ali se instalar⁵⁰. O mercado do Canale Molassi tem 240 lugares, dos quais cerca de 200 são “fixos” e 40 “rotativos”. No Canale cada lugar mede 2 metros por 2 e é pago: custa 6,12 euros. Esse preço é cobrado para todos os tipos de postações. Os lugares na Piazza San Pietro in Vincoli, destinados aos “moveleiros” custam o dobro e são maiores, visto que sua mercadoria ocupa mais espaço. Nesta área do mercado os postos “rotativos” são fortemente disputados uma vez que são poucos em relação ao número de interessados.

⁴⁹ Angiolina tem 63 anos, ex-ambulante da feira, hoje é coordenadora da *Associazione Vivi Balón*.

⁵⁰ Abordarei essas questões no próximo capítulo.

Estes, em sua maioria, são de nacionalidade estrangeira, marroquinos especialmente, predominantemente homens, com idade entre 25 e 45 anos (mas aí trabalham também ciganos e romenos).

No mercado Molassi nenhum ambulante exerce a atividade com licença comercial. De fato, conforme o estatuto da associação que o administra, é outorgado para “operadores não profissionais”⁵¹, o que possibilita, a princípio, o exercício dessa atividade por qualquer um que queira vender⁵².

Às 8h da manhã a região Molassi está tomada por todos os vendedores e arrumada para as atividades do dia, enquanto que, do outro lado do Balôn, a “*spunta*” começa a ser organizada pelos guardas municipais.

Quando conversei com Marco Lanzetti, o guarda municipal que trabalha na região da Via Borgo Dora, perguntei-lhe se poderia acompanhá-lo para ver como funcionava a “*spunta*”. Ele assentiu prontamente. “Lanzo”, como é chamado por muitos dos vendedores da feira, foi gentil e disponível, mas apresentou uma única ressalva: “aqui todo mundo me conhece e eu conheço todo mundo..., não repare o meu linguajar...”, me disse, “aqui é o Balôn”⁵³. Não perguntei o que queria dizer com isso, preferindo ver como essa sua afirmação se aplicaria na prática.

Chego às 7h30, como o senhor Lanzetti havia me sugerido. Quero acompanhar a “spunta”. Não há ninguém no começo da Via Cottolengo e nem na altura da Piazza Lanino. O dia está nublado, na verdade ainda está escuro, chuveira e faz frio. Lanzo está na esquina de Via Cottolengo e Piazza Lanino, como havia falado. Quando me vê chegar de bicicleta, ri (...). Logo me diz que é um dia incomum e que há menos pessoas por causa do mau tempo. Há algumas bancas já instaladas como a do Giuseppe, que me é indicado por uma vendedora a espera de “piazzarsi” (...), como o mais velho da praça. Essa senhora destaca-se do contexto pela roupa que usa e o carro que tem, deve ser de classe média alta. Quanto à sua alocação na praça, pergunto onde pretende instalar-se e se é ela quem vai decidir. Estamos perto dos guardas, apoiadas no muro da esquina. Ela diz que não, não é ela quem decide, que são os guardas porque ela não

⁵¹ “Regolamento per la gestione dell’attività di vendita e scambio non professionale di cose usate nell’area del Canale Molassi”, Città di Torino, 2006.

⁵² Essa “abertura” é a característica normativa que classifica essa região do mercado. Seu funcionamento interno, porém, é regulamentado por um estatuto que promove restrições (a designação de lugares fixos), as quais obedecem a critérios específicos que discutirei no capítulo 4.

⁵³ Diário de campo, 11 outubro 2008.

tem o posto fixo, “mas sabe, ser mulher ajuda, sendo assim...” não diz propriamente uma mulher bonita, mas dá a entender com os gestos e alega em seguida: “... não que eu faça nada, pelo amor de Deus, com gentileza é mais fácil”.

Lanzo começa a “spunta” e recolhe os bilhetes comprados pelos vendedores para a ocupação do solo público. Ele está acompanhado de outros três guardas (...) que rasgam os bilhetes (...), e depois escrevem os nomes das pessoas num mapa que contém a disposição das bancas em cada rua. Ele na frente, os outros guardas atrás e eu começamos a caminhar. Gradativamente criou-se um pequeno e compacto cortejo de gente que se mexia, pra lá e pra cá, entre as ruelas do mercado. Os que estão à espera de um posto são os “rotativos”, divididos em dois grupos: uma parte deles é a primeira vez que faz o mercado ou já tinham vindo algumas poucas vezes, os demais instalaram-se, segundo alegaram, nos lugares onde costumam ficar (...). Os novos são alocados no centro do mercado. Lanzo pede para alguns vendedores puxarem o pano (que constitui suas bancas) até um certo limite. Um desses é um ambulante marroquino que não lhe entrega o bilhete, dizendo que seu amigo está indo comprá-lo. Lanzo não confere (...). Sua linguagem corporal e formas de se relacionar são cordiais, mas é decidido e determinado. Falando com uma pessoa diz brincando: “aqui sou eu que mando!”. É irônico e faz piadas. Fala piemontês com os piemonteses e diz palavrões: “puta que pariu, te disse para não fazer isso...”, declama no meio de uma fala com um vendedor. Quase todos os ambulantes o cumprimentam e o chamam pelo nome, Pino, mas se aproximam dele com respeito, sorriem e ninguém o contradiz⁵⁴.

Os postos de venda nessa área de mercado são em número de 154. Deste total, 110 são fixos e os 44 restantes são designados aos “rotativos”. Para poder trabalhar, todos precisam ter a licença comercial. Quem tem posto fixo já a possui, ao passo que os “rotativos” têm seu lugar determinado segundo uma lista ordenada por números de presença na praça. Quem “faz mais mercados” terá mais “pontos” ficando, portanto, no topo da lista. Estes pagam um bilhete de 7 euros para a ocupação do solo público, enquanto que os demais pagam através de boletos mensais ou anuais. Alguns, antes de se instalarem, mostram a licença ao guarda, que não a confere. Lanzetti, como, afirmava, conhece “todo mundo”, por isso aloca os vendedores com rapidez interpelando-os pelo nome.

⁵⁴ Diário de campo, 18 de outubro de 2008.

Uma questão fundamental na administração de um mercado é não deixar “buracos”, como são definidos os postos vazios que criam descontinuidade no espaço. Quem tem posto fixo, se não comparece até as 8h da manhã, terá seu lugar ocupado por um “rotativo”. O guarda alega que quase a metade dos lugares fixos, geralmente, não são ocupados, de maneira que o número dos rotativos pode subir de 44 para 99. A escolha dos lugares, uma vez obedecida à classificação da listagem, é estabelecida de forma flexível: o que o vendedor prefere é levado em conta pelo guarda que, se possível, o contenta.

O manejo dos pontos de venda dos vendedores “rotativos” traça, no espaço, configurações específicas, que se traduzem em áreas etnicamente demarcadas. Os italianos escolhem a região central do mercado, próximo das lojas de móveis e antiquários; os marroquinos preferem posicionar-se em Via Cottolengo, Piazza Lanino e no “largo” da Via Borgo Dora, ao passo que os vendedores de proveniência oeste-africana, em sua maioria, estão alocados no cruzamento entre Via Mameli e Via Borgo Dora e no último recorte da Via Mameli, antes do “largo”. Essa dinâmica aparece também na área Molassi, onde o final do Canale perto da Piazza San Pietro in Vincole está quase exclusivamente ocupado por vendedores marroquinos, enquanto os italianos concentram-se do lado oposto. Estou aqui apontando tendências que se explicitam no espaço, mas não se traduzem segmentações rígidas.

Mapa 10 – Distribuição grupos étnicos



Marcados em verde: grupo dos magrebinos.

Em azul: grupo dos italianos.

Em roxo: grupo dos oeste-africanos.

Como observa Paul Stoller (2002) em relação ao mercado informal do Harlem, a possibilidade de escolha dos lugares de venda por parte dos ambulantes pode contribuir para a etnicização do espaço. A produção de “espaços étnicos” no mercado, a diferença dos que caracterizam as lojas, interessam somente à esfera dos vendedores e não incluem a dos clientes, com exceção, com veremos, da região da Via Cottolengo. Na feira, de fato, circulam fregueses italianos e estrangeiros com uma prevalência destes últimos na região Molassi.

Do ponto de vista normativo, o espaço é planejado pela Prefeitura para abrigar três áreas, determinadas segundo as tipologias de bens ofertados: as mercadorias “usadas”, que representam a maioria, os produtos “novos” e os objetos “artesanais”. As áreas designadas para o “novo” são Via Cottolengo e a primeira parte da Via Mameli, a partir de Piazza della Repubblica, até o cruzamento com a Via Borgo Dora; para o “artesanato” o Canale Carpanini e para o “usado”, a região restante da feira.

Mapa 11 – Divisões da feira por tipologias de produtos



Em verde as áreas predispostas para a venda de “novo”, em amarelo o “usado” e em roxo o “artesanato”.

Essa disposição foi determinada pela Prefeitura na metade dos anos 90, com a intenção de criar uma continuidade com o mercado alimentar e de objetos novos de Porta Palazzo. Via Cottolengo e Via Mameli, fornecem mercadorias novas e/ou usadas,

representando uma ponte entre estes dois mercados (o de Piazza della Repubblica e o Balón) viabilizando um amplo circuito comercial⁵⁵.

No mercado Molassi, para além da divisão entre objetos e mobílias comentada acima, não existem disposições normativas que aleguem regiões específicas e tipos de bens.

A feira tem feições heterogêneas e múltiplas não somente pela variedade de objetos que expõe, mas também pela forma como estes são apresentados. As bancas não correspondem a uma forma e tipologia padronizadas. Encontram-se mercadorias dispostas em três níveis: no chão, em cima das bancas e/ou penduradas, criando, como se vê na foto abaixo, uma paisagem composta, constituída por um sobe e desce de planos de apoio onde repousam os objetos.

Foto 12 – Os três planos de apoio (I)

Canale Carpanini (2008)



⁵⁵ Na prática, porém, quem vai ao Balón geralmente tem a intenção de visitar especificamente o mercado de usados.

Foto 13 - Os três planos de apoio (II)



Banca Canale Carpanini (2008)

Foto 14 – Mercadorias no chão,
Banca na Piazza Lanino (2008)



Foto 15 - ...na mesa ...



Banca no Canale Molassi (2008)

Foto 16 - ... penduradas.



Banca Via Borgo Dora (2008)

Uma mesma banca pode ser montada aproveitando todos os planos de apoio.

Foto 17 – Banca composta



Banca em Via Borgo Dora (2008).

A forma como as bancas são organizadas remete, segundo Thomas⁵⁶ à “criatividade” do vendedor e às estratégias de venda: *“aqui tem clientes que olham mais para baixo, para cima, que gostam de procurar em cima das mesas... cada um escolhe fazer a própria banca de um jeito, respondendo aos tipos de pessoas que acredita irão olhar para ela”*⁵⁷.

⁵⁶ Thomas é artesão, tem 38 anos, trabalha no mercado desde a metade dos anos 80.

⁵⁷ Entrevista, 7 de outubro de 2008.

Segundo Dario⁵⁸, a busca dos objetos é o que mais fascina seus clientes. Por essa razão, ele apresenta seus produtos dentro de caixas de papelão obrigando-os a procurar dentro delas.

Foto 18 – Buscas (I)



Banca do Dario, “largo” de Via Borgo Dora (2008)

Foto 19 – Buscas (II)



Banca de um coletor em Via Borgo Dora (2007)

⁵⁸ Citarei os dados referentes a ele a seguir.

As bancas são constituídas por diversos tipos de suportes: mesas, panos, material improvisado ou uma mistura destes, como mostra a foto abaixo.

Foto 20 – Banca com suportes mistos.



Banca de um coletor em Piazza Lanino (2008).

A mercadoria pode também ser ofertada através de uma banca sem suporte:

Foto 21 – Banca “de rua”



Banca em Piazza Lanino (2008)

A feira do Balôn também abriga o comércio de produtos provenientes de lojas, apresentados à frente destas:

Foto 22 – Banca em frente de uma loja



Banca em frente da loja de Chiavassa (2007)

Do ponto de vista normativo o tamanho dos postos de venda é designado, assim como sua prescrição nominal. Isso remete seu uso a um único vendedor, mas as normas não necessariamente são seguidas na prática. No Balôn, de fato, as bancas podem, circunstancialmente, superar os limites legalmente estabelecidos e atrás delas é possível encontrar mais de um vendedor. Discussões e disputas por espaço são comuns e envolvem sempre negociações, mais ou menos pacíficas, sobre uns poucos centímetros “de rua”. Quando a vaga ao lado de algum vendedor fica desocupada, se houver suficiente mercadoria para cobrir o espaço, o ambulante vizinho se “*allarga*”⁵⁹. Assim como um vendedor pode “*espalhar-se*”, pode também “*stringersi*”⁶⁰ para dar lugar a outro.

⁵⁹ “*Expande*”. “*Allargarsi*”, “*espalhar-se*” é o termo usado pelos ambulantes para indicar esse processo.

⁶⁰ “*Encolher-se*”.

(Num final de tarde) *falo com um vendedor que está em Via Borgo Dora (...)* pergunto se ele tem licença comercial e ele me diz que não. Conta que muitos vendedores se organizam assim: uma pessoa que tem licença cede seu lugar para um amigo, que paga uma parte do posto. Neste dia ele estava com outras três pessoas, uma das quais tinha a licença. Quando esta foi embora, ele “*si é allargato*”⁶¹ (“espalhou-se”).

A prática de utilizar parte da banca de alguém para trabalhar é definida como “*appoggiarsi*”, “apoiar-se”, e pode ser negociada de diversas formas. Há situações como essa, em que o vendedor paga uma parte do bilhete adquirido pelo vendedor regular para a ocupação do espaço público; em outros casos pode-se contribuir com o transporte da mercadoria. Essa prática é comum no Balôn, não somente nessa área, mas também na região Molassi e representa a forma privilegiada de inserção da maioria dos vendedores que iniciam atividades no mercado. As dinâmicas de ocupação envolvendo o “espalhar-se/encolher-se”, assim como o compartilhamento de espaço (“apoiar-se”), são conhecidas e toleradas pelos fiscais.

Outra prática comum é o “*abusivismo*”. Esse termo, em italiano, indica a ausência de pagamento, inclusive por terceiros, pelo lugar que se ocupa. Os sujeitos que adotam essa prática de ocupação na feira são chamados “*abusivi*”.

Os “abusivi” estão instalados. Agora estou começando a perceber, nessa multiplicidade de vendedores e objetos, que eles aparecem e desaparecem, de um momento para outro. A fisionomia do mercado está, assim, em contínua mudança: subo para Via Lanino e de repente tem um senhor no meio de duas bancas, distantes, que vende um rádio apoiado em cima de uma mochila. (...) Ao lado da varanda do bar (no largo de Via Borgo Dora) instalou-se uma pessoa com mais de um metro de mercadoria apoiada sobre umas malas, enquanto que outro montou um cabide com roupas penduradas. No Canale Carpanini há três bancas de “abusivi”, dois deles me parecem os mesmos da semana passada. Bruno⁶², indignado, conta que Angiolina (coordenadora da Associazione Vivi Balôn) colocou umas grades, agora amontoadas em um canto,

⁶¹ Diário de campo, 3 de julho de 2008

⁶² Citarei os dados referentes a ele a seguir.

que eles jogaram fora. Ele conta que mandou os guardas que os deixaram permanecer no local “tomarem no cú”⁶³.

O desabafo de Bruno, ambulante “regular”, envolvia irritação de duas ordens: em relação à presença dos “abusivi” e ao tipo de relação que, do seu ponto de vista, se estabelece entre esses e os guardas. Relatando que os vendedores “abusivi” tiraram as grades, Bruno enfatiza a atitude desafiadora desses ambulantes, comportamento que, segundo ele, lhes é permitido pelas instituições. Sobre a tolerância e discricionariedade dos fiscais em relação a essa prática tratarei no capítulo seguinte.

As áreas do Balôn onde o “abusivismo” é mais praticado são apontadas no mapa abaixo.

⁶³ Diário de campo, 12 de julho de 2008.

Mapa 12 – Áreas “abusivismo”



Em roxo as regiões onde se instalam os “abusivi”.

Conforme os dados que mencionei, o Balôn apresenta características informais marcantes, produzidas por meio das relações entre vendedores, assim como entre estes e os fiscais⁶⁴. Como veremos, o “abusivismo” se sustenta pela modulação situacional das normas estabelecidas tanto por parte dos vendedores como dos fiscais. Nesse sentido, quando me refiro ao descumprimento de regras normativas, não quero apontar para uma falta, mas para uma prática compartilhada, socialmente institucionalizada, que contribui para a construção de um certo “tipo” de mercado.

3.2.2 Vendedores e mercadorias

Quem são os vendedores? Qual sua origem, assim como dos bens que comercializam?

Num sábado encontro (...) a mesma velhinha que tinha visto duas semanas atrás no Canale Carpanini perto dos artesãos. Ela conta várias coisas: faz o Balôn há muito tempo, mas antes ajudava a irmã, que ainda hoje é quem tem a licença e trabalha no largo de Via Borgo Dora. (...) Ela trabalhava em uma panificadora, agora está aposentada. Teve, porém, uma redução em seus proventos em 65 euros. Ela desconhece os motivos pelo quais sua aposentadoria foi reduzida, mas esse dinheiro lhe faz falta. Passou a “fazer o mercado” para compensar suas perdas: vende coisas da casa dela, que não utiliza mais. Tem 80 anos, declara, e traz a mercadoria dentro de um carrinho de supermercado. Anda com ele por um quilômetro mais ou menos até chegar ao Balôn... Tem dois panos no chão com numerosos objetos dispostos em cima: carteiras, lençóis, uma bolsa, um leque...⁶⁵

O Balôn é um mercado que abriga ambulantes que praticam a venda como profissão principal, sendo essa sua principal fonte de renda, assim como vendedores

⁶⁴ Em relação a esses últimos, Lanzetti, ao referir-se a seu “linguajar”, quando o entrevistei, quis apontar para a necessidade de modular sua forma de se comunicar para estabelecer relações de reciprocidade com as pessoas. No Balôn, segundo ele, comportamentos “rígidos” e distantes não se adaptariam e sua atitude me é apresentada como uma estratégia para facilitar a realização de sua tarefa.

⁶⁵ Diário de campo, 9 de novembro de 2008.

improvisados, que se engajam nessa atividade temporariamente para “levantar um dinheiro”.

Apresentarei em seguida o perfil profissional de alguns vendedores. Começarei com três dos ambulantes que citei nas descrições acima: Bruno, Maria Teresa e Dario.

Bruno nasceu em Foggia, no sul da Itália. Tem 66 anos, é casado e tem um filho. Chegou em Turim nos anos 60 e trabalhou na Fiat. Nesta cidade fez o segundo grau e depois, por problemas políticos que não quis detalhar, foi licenciado da fábrica. Logo depois, desempregado, mudou-se para a França, inicialmente sozinho, depois acompanhado pela família. Depois de ter vivido no exterior por mais ou menos 20 anos, atuando como operário, voltou para Itália onde não conseguiu mais encontrar trabalho. Começou assim, a “ajudar” o irmão que fazia o mercado Balôn. Este, depois de ter “ganho muito dinheiro”, relata Bruno, aposentou-se, e ele continuou sozinho. Começou fazendo trabalho de “coletor”, provendo-se de mercadorias sobretudo através das mudanças.⁶⁶ Ele trabalha no Balôn há mais de 20 anos e por 10 anos, declara, atuou como “abusivo”. Esse trabalho constitui a única fonte da renda familiar. Hoje atua na região Molassi, não tem licença comercial e nunca a adquiriu. Conta que hoje, em função da idade, não faz mais mudanças, mas ainda tem o depósito cheio de mercadorias, que está comercializando. Depois de ter esgotado esses produtos, diz, vai parar de vender no mercado⁶⁷.

Maria Teresa, turinense, filha de família operária, fez o segundo grau, é solteira, tem 43 anos e trabalha no Balôn desde 2003. Teve uma carreira profissional “precária”, como alega. Trabalhava como funcionária em uma firma e foi demitida, depois passou a empregar-se em uma restaurante sem contrato de trabalho. A dona do local vendia, informalmente, objetos antigos e velhos. Foi assim que ela entrou em contato com o circuito comercial do usado, que a fascinou. Porquanto sua empregadora não participasse do Balôn, ela começou a atuar ali esporadicamente e vender “quando precisava de um dinheiro a mais”. A primeira vez que foi ao Balôn, junto com uma

⁶⁶ Quando um vendedor é chamado por um privado que necessita fazer uma mudança (caso o conheça ou lhe seja apresentado por alguém), o privado oferece a mercadoria da qual quer se desfazer em troca do trabalho da mudança feito pelo vendedor. Se para este o valor da mercadoria compensa seu trabalho, aceita, se não é negociada uma soma em dinheiro. Pode também acontecer que o privado queira vender alguma peça que, eventualmente, pode ser comprada pelo vendedor.

⁶⁷ Entrevista, 1º de outubro de 2008.

amiga, pediu a um vendedor que fizesse um pouco de espaço para ela no que foi prontamente atendida e pode então instalar-se. A vez seguinte, porém, segundo relatou, tendo escolhido a companhia de um amigo para que a ajudasse a descarregar do carro as mercadorias, não teve a mesma recepção do vendedor que a tinha deixado-a “apoiar-se”. Dessa vez negou-lhe espaço. Segundo ela, os feirantes preferem compartilhar seu posto com uma mulher, em caso de desconhecidos. Ela parou de vender por um tempo, até que através de Dario di Gennaro, presidente da Associação Vivi Balôn e seu amigo de infância, retomou as atividades. Maria Teresa passou a vender usando a licença de Dario, que não estava exercendo a atividade na “praça”. Depois de 1 ano adquiriu, junto com um amigo, uma licença comercial. A parceria durou pouco e terminou quando este último, com problemas de droga, “não aguentou” e desistiu. Maria Teresa escolheu não trabalhar em outro lugar. “O Balôn é uma doença, colocar a mão nos objetos, selecioná-los, para mim é uma paixão”, comenta. Continuou a fazer a feira na região Molassi, mas passou a trabalhar na secretaria da Associação, por intermédio de Dario, ganhando 300 euros por mês.

Maria Teresa providencia a mercadoria através de um canal “pessoal”: parentes e amigos mobilizam suas redes de contatos e recolhem objetos considerados sem utilidade para as pessoas, repassando-os para ela. Raramente ela os compra e quando isso acontece adquire-os no Canale. Raramente obtém objetos a partir das mudanças, o que fez poucas vezes, porque não tem um carro adequado e nem um depósito suficientemente grande para abrigar as mercadorias. As poucas vezes que isso aconteceu, ela teve que chamar uns “colegas” para ajudá-la, repartindo depois os objetos. Maria Teresa não comercializa móveis, trabalhando essencialmente com “*oggettistica*”⁶⁸.

Dario, turinense, solteiro, tem 51 anos. Tem o primeiro grau. Seu avô trabalhava nesse mercado e quando era criança, visitava a feira com o pai, que era operário. “Tenho muitos anos de Balôn”, declara, “um pouco para sobreviver e um pouco porque o Balôn é uma coisa que se você ama... é como uma linda mulher... como uma bela cidade, é a realidade, para mim”. Trabalhou como carregador e depois fez “um pouco de tudo”. Começou a fazer o mercado “ocasionalmente”. Atua neste há 27, 28 anos. Segundo declarou, porém, nunca teve nem uma van, nem um carro para locomover-se. Vendeu

⁶⁸ Em italiano este termo indica todos os tipos de objetos pequenos. Entrevista, 23 de outubro de 2008.

por anos como “abusivo”, depois deslocou-se para o mercado Molassi. Há 4 anos adquiriu a licença comercial porque quer “melhorar” e hoje tem posto fixo no “largo” de Via Borgo Dora. Cobre as despesas da licença com seu trabalho, declara. Obtém mercadorias fazendo, ocasionalmente, mudanças e recebendo-a de “amigos”. Raramente compra os objetos de “particulares” ou no Canale Molassi⁶⁹. Ao final da entrevista, quando pedi-lhe alguns dados, dentre eles a profissão, me respondeu: “comerciante... pequeno empreendedor”⁷⁰.

Esses três exemplos assinalam algumas características socioeconômicas dos vendedores, suas trajetórias e práticas na obtenção de mercadorias, bem como algumas formas de interação entre eles. Na maioria dos casos, os ambulantes que trabalham nesse mercado têm uma trajetória profissional “instável”: em geral não escolheram essa atividade no início de suas carreiras. Apesar disso, muitos deles dizem ter “se apaixonado” pelo trabalho, como relatam Maria Teresa e Dario. A entrada no universo comercial através do Balôn frequentemente ocorre por meio da mobilização de rede de relações prévias, através das quais o vendedor começa a atuar, na maioria das vezes iniciando-se no mercado “informalmente”. A obtenção ou não de licença comercial, segundo Dario, assim como para muitos outros vendedores com alvará, determina o que ele considera como a “profissionalização” na atividade, o que explica seu adendo em minha entrevista, ao definir-se como “comerciante” ou “pequeno empreendedor”. Em sua fala, ele diferencia seu trabalho antes da obtenção da licença, quando era “*raccogliatore*” (“coletor”), e depois, quando torna-se propriamente “comerciante”. O uso da categoria normativa “comerciante” confere-lhe status: quem tem licença é visto no Balôn como quem “apostou” na atividade e “melhorou”. A regulamentação normativa deixa de ser, portanto, mera prescrição: tornada símbolo de status, demarca “crescimento”, “evolução” profissional, estabelecendo uma distinção simbólica em relação aos demais vendedores.

A forma de obtenção de mercadorias nos casos de Dario e Bruno é, na prática, a mesma: ambos são “*raccoglitori*”. Ter (ou não) licença da Prefeitura para o exercício da atividade, porém, os distingue formal e simbolicamente. Essa classificação é muito

⁶⁹ Em relação à proveniência das mercadorias, além dos lugares citados acima, estas podem ainda ter sido compradas e/ou trocadas com outros vendedores da feira e, porquanto poucos assim declarem, ter sido pegadas dos lixos e de refugos. Muitos “coletores”, de fato e principalmente à noite, circulam nos bairros de classe média alta revirando os lixos a procura dos objetos.

⁷⁰Entrevista, 22 de outubro de 2008.

comum entre os que se definem como “regulares”, sendo frequentemente acompanhada por narrativas de cunho recriminatório em relação aos “irregulares”, não somente por seu “amadorismo”, mas também por ter uma certa “malandragem” na prática profissional. A formalidade/informalidade da atividade pode ser considerada como um dos critérios que definem a organização social do mercado. Seus significados variam, porém, conforme o emissor. Feirantes que atuam na região do mercado de Via Borgo Dora, muitos deles lojistas, usam esse critério para se diferenciar dos “operadores não profissionais” que trabalham na região do Canale Molassi. A construção dessa fronteira (Barth, 1969) é recente e decorre de mudanças normativas relativas à regulamentação das feiras que, no caso específico do Balôn, se traduziu, na metade da década de 90, na formalização acionada pela Prefeitura de ambulantes “irregulares”, processo que levou à constituição do mercado Molassi e da Associação Vivi Balôn⁷¹. Bruno e Dario, que se definiram como “*abusivi*” no princípio de suas carreiras, fazem parte do grupo que foi formalizado. Essas questões, determinantes para se entender a organização social do Balôn, serão tratadas especificamente no capítulo seguinte.

A partir do relato de Maria Teresa, me parece também importante assinalar que questões de gênero envolvem o desempenho dessa atividade. Legalizadas ou não, as mulheres encontram dificuldades particulares no que se refere à obtenção das mercadorias: fazer uma mudança ou “desocupação de porão”⁷², uma das formas mais praticadas para se arrecadar mercadorias, é inviável para uma mulher sozinha, o que a obriga a terceirizar ou realizar a atividade em parceria, penalizando-as economicamente. Essa é a razão pela qual a maioria das mulheres ambulantes no Balôn não atua autonomamente, sendo em geral acompanhadas por sócios, amigos, maridos ou filhos⁷³.

⁷¹ Etnografarei parte desse processo no próximo capítulo.

⁷² “Sgombero” e “svuotare le cantine”, respectivamente “mudança” e “desocupação dos porões” indica a mesma prática, e são termos usados indiferentemente pelos vendedores italianos.

⁷³ Sobre a condição de ser mulher no mercado, Maria Teresa declara que representa “vantagens e desvantagens”. Além do episódio de ter perdido o lugar pelo fato de estar junto com um amigo, segundo o que comentou, ela sofreu situações de abuso, que pediu para não relatar. Se, como a senhora que vende na Piazza Lanino citada acima, a feminilidade e a “gentileza” podem ser usadas como estratégias em benefício próprio, podem também ser alvo de violência ou serem acompanhadas por atos de discriminação.

Além daqueles que se definem como “*raccoglitori*”, há outro tipo de vendedores que comercializam mercadorias usadas: são os “*rigattieri*” e os “antiquários”. Esta última categoria apareceu no Balôn nos anos 80, representando a tipologia de vendedores mais recente do mercado.

Dell’Aquila, 60 anos, tem uma galeria de arte na Via Borgo Dora. Turinense, é filho de pai meridional, de Foggia, que migrou para Turim em 1947. Contando sobre a trajetória profissional do pai, declara: “era ‘*rigattiere*’⁷⁴ e depois abriu uma fábrica de móveis na Via Cottolengo”⁷⁵. Dell’Aquila começou trabalhar no Balôn como moveleiro, junto com o pai, depois “mudou de caminho”, iniciando a carreira de antiquário. Lidava com jóias, tapetes e obras de arte e viajava pela Itália, comprando e trocando mercadorias. Em 1984 decidiu abrir uma loja na Via Borgo Dora. Sobre essa passagem relata: “retomei o trabalho de “*rigatteria*” do meu pai para defender a parte mais nobre da minha profissão”, explicando que o ganho da venda dos objetos de “*rigatteria*”, das “bugigangas”, como as define, lhe permitia “defender economicamente as coisas mais bonitas, mais importantes”. O ganho obtido através da venda dos objetos de “*rigatteria*”, postos sobre a banca instalada em frente à sua loja, garante-lhe ganhos que permitem adquirir produtos “de valor”, comercializados a partir de outros circuitos, tanto dentro da loja, quanto através de seus contatos pessoais. Quando pergunto sobre como organizava o trabalho das mudanças, Dell’Aquila sorri e, um pouco incomodado, me explica que “ele” não “esvaziava os porões” (pessoalmente), contratava operários, se dirigia até o lugar e, além de levar “as bugigangas”, se houvesse objetos “interessantes”, ele os adquiria. Explica que fazer a publicidade do próprio trabalho usando um cartão de visita com o escrito “se esvazia porões”, era uma estratégia que cativava os clientes, mas que depois, se no local não houvesse nada de interessante, mandava que os operários esvaziassem o espaço e não comprava nada.

⁷⁴ Vendedor que comercializa objetos velhos. A partir das narrativas produzidas pelos vendedores, a diferença entre este e o “*raccoglitore*” está na qualificação da atividade. Em relação a esta última categoria dá-se ênfase ao ato de coleta do material, que não implica, necessariamente, em sua comercialização direta na praça. O “coletor”, de fato, pode atuar como vendedor na feira, assim como pode não estar presente, sendo o sujeito que provê os ambulantes de mercadorias (no atacado e/ou no varejo). Por outro lado, com o termo “*rigattiere*” se aponta, mais especificamente, para um vendedor/comerciante, realçando o ato de venda, no varejo, ao consumidor. Porquanto, no caso do Balôn, a maioria dos vendedores atuam também como “*raccoglitori*”, coletando suas mercadorias em porões de casas e/ou nos lixos e refugos, nem todos eles se autodefinem com este termo, que, como veremos adiante, implica em uma valoração simbólica relativa ao nível de profissionalização.

⁷⁵ Entrevista, 27 de setembro de 2008.

Mais tarde vendeu “sua parte da empresa” e hoje trabalha mais como dono de galeria, negociante de arte. Dell’Aquila acabou de adquirir uns galpões em Fossano, “a cidade antiquária”, próxima a Turim, para onde pretende transferir-se. Concluindo a entrevista afirma: “faz 40 anos que faço esse trabalho” e há tempo quer transferir-se e vender o local porque a mercadoria com que trabalha o faz sentir-se “fora de lugar”. Mas, acrescenta: “o Balôn é uma doença”⁷⁶ e até hoje, apesar de ter a intenção de mudar-se, permanece lá.

Dell’Aquila, como a maioria dos outros antiquários do Balôn (que são cerca de uma quinzena), é filho de um vendedor do mercado. Nesse caso, como se ressaltou no primeiro capítulo, o pai foi um dentre os imigrantes do sul que encontrou na feira uma fonte de sustento. A trajetória profissional do pai foi bem sucedida, de fato, começou como “*rigattiere*” e mais tarde conseguiu abrir uma pequena fábrica, que, como o filho ressaltava, “chegou a ter 20 operários”. O termo “*rigattiere*” define o vendedor que comercializa objetos “usados” e “velhos”, os quais são mais selecionados dos que oferece o “*raccogliatore*”. A capacidade de selecionar as mercadorias é atividade central para “ascensão” profissional dos atores e implica primeiramente na experiência, mas também na esperteza/“malandragem”, que também pode ser adquirida na prática do trabalho e na interação com outros vendedores. Dell’Aquila, passando a comercializar produtos de antiguidade e obras de arte, especializou-se nisso. Sua carreira mostra como formas diferentes de fazer comércio podem coexistir e serem representadas como etapas de uma mesma trajetória. Isto é explicitado na sua fala final, quando afirma que “há 40 anos faz esse trabalho”, colocando assim, na mesma dimensão, a atividade de “*rigattiere*” e “antiquário”. Sua trajetória, porém, é lida como ascensional. O fato de ter comercializado “bugigangas” e objetos antigos e/ou de arte em circuitos comerciais separados, a partir de lugares distintos (dentro da loja/na rua) evidencia de um lado a separação dessas atividades e do outro a sua interdependência e circularidade, viabilizada por uma prática econômica que vinculou uma dimensão à outra⁷⁷.

⁷⁶ Esta declaração, como vimos, é reiterada por muitos vendedores. A ligação com este mercado, por parte de muitos dos atores que o constituem, é também afetiva.

⁷⁷ Voltando à tipologia de vendedores, a seleção por parte de quem se especializa não opera somente segundo o critério de sua datação, mas também segundo o parâmetro da tipologia dos bens. No mercado Balôn, de fato, há quem venda somente livros usados, luminárias, vinis, gravuras etc., ainda que seu número seja exíguo.

Pelo fato de ter atuado tanto tempo no mercado, Dell'Aquila é considerado, entre os ambulantes italianos que atuam há pelo menos 10 anos na feira, um “velho” do Balôn. A questão da “ancianidade” como critério de classificação entre os vendedores é um tema a ser tratado mais adiante.

Além de “*raccoglitori*”, “*rigattieri*” e “*antiquari*”, em número menor, também temos os artesãos. Estes, seis ou sete pessoas, vendem basicamente *cilum*⁷⁸, à exceção de Thomas, que produz e comercializa relógios de parede feitos com discos de vinil e Elida, que vende colares de sementes vindas do Brasil⁷⁹. Os artesãos, excluindo essa última, são os mais jovens italianos participantes da feira (dos 20 aos 35 anos).

Os ambulantes que oferecem mercadorias novas são pouco numerosos em comparação aos demais (totalizam mais ou menos 20 pessoas). Eles vendem desde roupas até artigos para casa. Nesse grupo há quem comercialize artigos vindo de países extracomunitários: 2 vendedores italianos que oferecem produtos indianos (incensos, brincos, estatuetas, roupa, etc.); 5 ou 6 comerciantes senegaleses que vendem mercadoria artesanal proveniente do oeste africano⁸⁰ e 2 chineses que vendem roupas e objetos eletrônicos. Essas duas categorias de ambulantes – os artesãos e aqueles que vendem mercadorias novas – são, contudo, pouco representativos do Balôn, seja devido a seu número reduzido e tipo de mercadorias que vendem num mercado em que predominam os objetos usados, seja pelo fato de raramente serem mencionados nas narrativas recolhidas entre vendedores⁸¹.

No Balôn, diz-se, “encontra-se “de tudo”. Um amigo que trabalhou como guarda municipal na feira, contou-me que uma vez, enquanto fiscalizava, encontrou sobre uma

⁷⁸ Cachimbo, de origem indiana, para o consumo de haxixe e marijuana.

⁷⁹ Elida, brasileira, 27 anos, trabalha no Balôn há 5 anos, vende artesanado (colares, brincos etc.) adquiridos no Brasil e/ou feitos pela própria mãe. A sua banca é no Canale Carpanini. As sementes são obtidas pessoalmente por ela quando vem ao Brasil ou levadas para lá pela mãe quando esta a visita.

⁸⁰ É importante destacar que nenhum vendedor senegalês trabalha com artigos usados.

⁸¹ Para complementar esse esboço das características profissionais dos atores do mercado preciso alegar que alguns dos ambulantes participam também de outras feiras. Quem trabalha com objetos novos, principalmente durante a semana, trabalha nos “*mercati rionali*”, “mercados de bairro”. Quem, ao invés, comercializa objetos velhos e antigos, participa de alguns mercados que acontecem rotativamente uma vez por mês em diversos lugares, como o mercado de Moncalieri. Os vendedores que negociam produtos não selecionados (“*raccoglitori*”) vendem somente no Balôn.

banca uma caveira. O trabalho de apreensão da peça, conta, foi muito burocrático porque desencadeou um processo de “exumação de cadáver”.

Usarei as fotos colocadas mais acima para dar exemplos dos tipos de mercadorias comercializadas. Objetos “usados” e “velhos” que caracterizam a mercadoria dos “*raccoglitori*” estão presentes nas fotos 19 e 20. O mercado Molassi é caracterizado, em boa parte, por esse tipo de mercadoria disposta no chão, mas esta se encontra também, em menor quantidade, no restante do mercado. Além dos objetos mencionados, se comercializa também peças para reparos (motor de geladeiras, cabos de panelas, suporte para luminárias etc.). Os objetos de “*rigatteria*” são apresentados nas fotos 14, 15, 17. Podem ser encontrados mais facilmente na área de Via Borgo Dora, mas comercializam-se também no Canale Molassi. A banca da foto 15 está posicionada ao lado da sede da Associazione Vivi Balôn. Na foto 17 há uma banca de “*rigatteria*” especializada em luminárias, alocada na Via Borgo Dora.

Em relação aos tipos de bens e sua disposição formal estabelecida pelo órgão da Polícia Municipal, é interessante perceber como as mercadorias que provém de países extraeuropeus, com exceção das chinesas, apesar de serem “novas”, foram inseridas na área do “usado”. A categoria “étnica”, segundo a acepção usada pelos vendedores e guardas, que a qualificam como “exótica”, é acionada, nas narrativas, para distingui-las das peças “usadas” e “velhas”⁸².

Os objetos de antiquários dificilmente encontram-se expostos em bancas. Os comerciantes, como Dell’Aquila preferem guardá-los dentro das lojas. Na foto 22, a loja de antiguidade e de “*rigatteria*” de Chiavassa expõem objetos “velhos” e não antigos.

A mercadoria vendida dentro de uma loja de móveis antigos e objetos de arte é apresentada na foto abaixo.

⁸² Não tenho dados referentes a esse processo, não podendo analisar a dinâmica de atribuição simbólica e a relação dada a essas duas categorias por parte da instituição. Inseri esse dado como elemento que contribui na configuração espacial da feira.

Foto 23 – Antiguidades



Loja de antiguidades em Via Borgo Dora (2007)

Produtos novos...

Foto 24 – Produtos novos



Banca em Via Mameli (2008)

... e “étnicos”⁸³.

Foto 25 – Produtos “étnicos”



Banca em Via Lanino (2008)

⁸³ As bancas com esses produtos são cerca de 5.

Por último, o artesanato⁸⁴

Foto 26 – Artesanato



Banca em Canale Carpanini (2008)

⁸⁴ Não fiz fotos específicas sobre os objetos de artesanato, mas esta, que retrata Bruno e Elida, mostra em parte as mercadorias dela.

3.2.3 Transações

Antes de descrever como são realizadas as transações comerciais, é preciso apresentar de que forma os preços são estabelecidos.

(No Canale Molassi) *Estou atrás da banca de Maria Teresa, ajudando-a a dispor as mercadorias retiradas de várias caixas. São mais ou menos 6h da manhã e na escuridão há poucos transeuntes que andam pela feira. Um cliente se aproxima e pega um objeto para mim desconhecido. “Quanto você quer por isso?”, “Não sei... bah? 10 euros... nem sei o que é!” exclama a vendedora. “É uma caneta eletrônica para verificar a autenticidade do dinheiro” esclarece o cliente que paga e se afasta*⁸⁵.

Como se estabelece o preço de algo que não se sabe o que é?

Pode ser que Maria Teresa tenha perdido dinheiro nessa transação, considerando que o cliente nem tentou fazer barganha, prática comum na feira. Nesse contexto comercial, em que os vendedores lidam com múltiplos objetos, essa situação pode se verificar com frequência. A inexperiência, que comporta o desconhecimento em relação aos objetos pode levar a transações que penalizam o vendedor, como ocorreu com Iannoni, moveleiro, hoje um dos vendedores mais “velhos” da feira.

*Iannoni*⁸⁶ *conta que no começo (década de 80) era jovem e algumas vezes não conhecia o valor das mercadorias. A esse propósito me conta que um sábado tinha estendido o seu pano no chão, estava na frente do Arsenal Militar, e entre as peças que expunha havia uma que não sabia o que era. Tinha uma forma cilíndrica e era toda de vidro “um objeto bonito, pesado...” que tinha encontrado, entre várias outras coisas, em um porão. Quando um senhor perguntou quanto queria pela peça ele respondeu: 10.000 liras...(o que corresponde a cerca de 7 euros hoje), pois não sabia o que dizer... e rapidamente a vendeu. Depois de uma hora um amigo que estava em um bar na Via Borgo Dora o chamou e contou que aquela peça já tinha sido vendida mais duas vezes por um preço 100 vezes maior do que aquele pelo qual fora comprada, “um milhão, um milhão e meio... até”, diz Iannoni ainda com raiva e estupor. “Subindo o mercado, foi*

⁸⁵ Diário de campo, 7 de novembro de 2008

⁸⁶ Atua na área do Canale Molassi, trabalha na feira desde 1975. É migrante originário da região Campania, sul da Itália.

revendida duas vezes e chegou àquele preço! Sabe o que era? Eu soube disso depois... um... como se chama... barômetro de um submarino de 1700!". (Me pergunto se existiam submarinos em 1700..., mas de qualquer forma...) com essa datação Iannoni pretende sinalizar que o objeto era "antigo" e "de valor". Um objeto "raro" para colecionadores⁸⁷.

Estabelecer preços envolve, portanto, a necessidade de se conhecer os objetos com os quais se está lidando ou receber informações de alguém que os conheça para estabelecer seu valor. Maria Teresa, que "é nova" no mercado, procura se informar através de outros vendedores e se embate em dificuldades que me relatou assim: *"ninguém te fala o valor dos objetos... mas todo mundo passou por isso no começo, agora tenho um par de pessoas às quais perguntar, estou aprendendo"*⁸⁸.

"Aprender" implica, neste caso, inserir-se em redes de relações onde circulam essas informações. Como Geertz escreve em relação ao *Suq* em Sefrou, também aqui, a informação é elemento central para o bom rendimento dos negócios. Adquirir informações faz parte do percurso de formação do vendedor. A distinção de conhecimentos em relação a um colega mais experiente demarca, portanto, diferença de status entre os dois. Saber reconhecer os objetos e, conseqüentemente, poder atribuir-lhe o valor correspondente é uma qualidade que se adquire no tempo, com a prática do trabalho. O tempo de prática não somente possibilita viabilizar "bons negócios", mas constrói também graus de legitimidade entre os próprios vendedores. Como Maria Teresa, na mesma entrevista citada acima, comenta: *"os novos vêm sempre por último, digamos assim, não sei... você está com o carro estacionado e um dos mais velhos te diz: 'seu carro me faz sombra', você tem que tirá-lo do lugar... te fazem sofrer"*.

Ser "novo/velho" é uma variável que define hierarquia entre os ambulantes do Balôn. As posições diferenciadas que resultam do uso destas categorias traduzem-se em formas específicas de interação, em especial remetem a práticas de subordinação como sugere a fala de Maria Teresa. Ser "velho" do mercado é uma posição de status, que remete ao "discurso da tradição", um dos critérios constitutivos da organização das relações sociais neste espaço. Essas duas categorias, "ancianidade" e "tradição",

⁸⁷ Diário de campo, 15 de novembro de 2008

⁸⁸ Entrevista, 23 de outubro de 2008.

recorrentemente acionadas pelos agentes sociais, serão objeto de análise do próximo capítulo.

Retomando a questão dos preços das mercadorias, por vezes eles podem variar situacionalmente, dependendo do tipo de cliente. Em relação a isso, Mario, vendedor de “oggettistica”, explica que o valor de uma caixa de fósforos, por exemplo, ou de um postal, será diferente se requisitado por um freguês qualquer ou por um colecionador. A esse respeito ele fez o seguinte comentário: “*eu conto toda a historia do objeto que vendo (...) preciso explicar para que serve, pra que servia, de que ano é, porque, enfim, eu te conto tudo... (...) por isso que me permito te dizer que custa dez no lugar que três, porque eu te conto a história, ... é o meu saber, de alguma forma. A história tem um preço, preciso ser remunerado por essa coisa, porque fui atrás... me informar, fui buscar*”⁸⁹.

Buscar, repassar conhecimentos ao cliente tornam-se valor agregado ao objeto, assim como Appadurai (1986) assinala, além de ser, evidentemente, uma estratégia de venda. Essa situação, “contar a história do objeto”, porém se verifica circunstancialmente, dependendo também do interesse que o freguês apresenta.

Conhecimento e tipo de demanda representam então as variáveis fundamentais desse tipo de comércio. Além disso, um mesmo tipo de peça, como uma luminária, quanto mais velha, maior o seu valor de mercado: um abajur dos anos 50 e um produzido há dois anos têm preços diferentes⁹⁰. Essa é a variável que separa os objetos de “*rigatteria*” ou “velhos”, dos “usados”.

Como os vendedores atraem seus clientes?

No Balôn raramente escutei os ambulantes apelarem aos clientes com jogos retóricos, provocações e brincadeiras como, por exemplo, acontece no mercado alimentar de Porta Palazzo e nos mercados de bairro. Nem a tradicional apresentação gritada da mercadoria que nas outras feiras é comum, verifica-se aqui. Somente na região do Canele Molassi, no meio do vozerio geral, pode-se escutar, às vezes, algum vendedor magrebino gritando : “*Venite! Tutto a un euro!*”. Ele grita em italiano nunca em árabe, apesar dos muitos clientes serem dessa proveniência. Geralmente os ambulantes ficam atrás de suas bancas, quase sempre em companhia de alguém (outros vendedores, amigos, clientes) conversando, brincando, discutindo. Os transeuntes

⁸⁹ Entrevista, 18 de outubro de 2008.

⁹⁰ Sempre que a diferença de datação seja conhecida pelo vendedor.

aproximam-se das bancas e, se interessados, observam, pegam as mercadorias. “Colocar a mão nos objetos”, como Maria Teresa comentava e como vimos na foto da banca do Dario, é comum nesse mercado e acontece sem pedir licença ao vendedor. Os produtos são vistos de perto, revirados, observados com atenção.

Foto 27 – Observando de perto (I)



“Largo” de Via Borgo Dora (2008)

Foto 28 – Observando de perto (II)



“Largo” de Via Borgo Dora (2008)

Essa prática é legitimada não somente porque representa a forma mais direta de escolher as mercadorias, mas também porque permite ao cliente conferir a integridade do produto. No Balôn não existe “garantia de qualidade”, é o freguês que precisa certificar-se, visto que as peças podem estar misturadas com mercadorias arruinadas, assim como vimos no caso da compra do presente do meu amigo Roberto. Os clientes procuram, negociam preço, eventualmente compram e levam as mercadorias, que raramente são entregues em sacolas, arrumadas em alguns cantos atrás das bancas.

As transações acontecem, na maioria dos casos, acompanhadas por barganhas e os vendedores parecem menos dispostos em baixar o preço quando os objetos são baratos. É difícil oferecer um panorama dos custos das mercadorias, mas em linha geral, na região da feira ao redor de Via Borgo Dora, esses são mediantemente maiores do que os da região do Canale Molassi⁹¹.

Em relação ao andamento dos negócios, um discurso padronizado entre os vendedores italianos se resume em uma frase: “os marroquinos estragam o mercado”,

⁹¹ No Canale podem se encontrar mercadorias desde 1 euro até 30 euros aproximadamente, excluindo os preços relativos aos moveis. Se pensar em uma media de custo das mercadorias, diria que neste contexto pode ser de 10 euros. Na outra região do mercado, o custo dos produtos varia entre os 5 euros e os 50 euros, incluindo somente “oggettistica”, por uma media de custo de 20, 25 euros.

fala essa que ouvi inúmeras vezes ao longo da pesquisa de campo. As razões, assim como aparecem nas narrativas, são essencialmente duas: os primeiros alegam que os segundos abaixam os preços prejudicando seus negócios e que os clientes estrangeiros “não querem pagar”, isto é, oferecem um preço menor do qual foi pedido, preferindo comprar produtos de seus conterrâneos. Ainda que esse tipo de recriminação se apresente de forma generalizada hoje no Balôn, verifica-se, sobretudo, entre os vendedores do Canale, quase todos “*raccoglitori*”, que vendem mercadoria não selecionada como aquela oferecida pelos ambulantes “estrangeiros” dos quais se queixam⁹².

Olho para um vendedor (...) ele está com dois clientes à sua frente, um homem e uma mulher. A mulher barganha um coador de plástico e procura entre os objetos. “Não, por 1 euro não” diz o vendedor. Ela tenta tirar a mercadoria da mão do vendedor. Este diz que não “isso não pode!”, ela paga uma soma de dinheiro, não sei quanto, não escuto, e vai embora. Falo depois com este vendedor, italiano, que tenta me vender umas calças: “compra, é bonita”. Digo que não e agradeço. Ele se queixa dizendo que “não está vendendo nada”... acabou de vender umas coisas para um casal de albaneses. O problema, diz ele, é que as pessoas não querem pagar. “Não convém mais trabalhar no Balôn, se tivesse um trabalho, não viria mais”⁹³.

Esse tipo de reclamação é frequente e pode resultar em episódios de agressões, como no caso da senhora sobre a qual comentei no começo do parágrafo a seguir.

Passa uma mulher africana e pergunta o preço de um objeto, ao que a senhora responde: um euro. A mulher pega o objeto o repõem sobre o pano e se afasta. “Cara de cu!” grita a senhora e eu “Senhora! Não faça assim!”, enquanto isso a mulher se vira e diz “ não tem vergonha de falar umas coisas dessas com a sua idade? Eu não posso falar nada...” e vai embora. Então ela um pouco ofendida, ressentida, mas agressiva ao mesmo tempo me diz: “não ouviu o que ela falou? 50 centavos, me falou, eu conheço ela, faz sempre assim!”. Eu não escutei a mulher replicar nada depois que ela fez o preço, a mulher foi educada, somente pegou a mercadoria, depois a devolveu e

⁹² Não temos, nessa feira, “artesãos”, “*rigattieri*” e “antiquários” “estrangeiros”. Os imigrantes recém-chegados atuam mais como “*raccoglitori*” e como comerciantes de produtos novos.

⁹³ Diário de campo, 4 de julho de 2008.

foi embora, “mas ela é livre para não querer comprar...” digo e ela me responde “então... vai fazer a entrevista com alguma outra pessoa...” (se referindo à minha pesquisa) depois se retrata: “é verdade, pode não comprar, mas pedi um euro e?” Depois mudamos de assunto. Enquanto isso, outra cliente que assistiu à cena me olhou fixamente com olhar surpreso e crítico⁹⁴.

Apesar desse episódio não ter elementos específicos para ser caracterizado como discriminação étnica, a intransigência em não querer abaixar o preço me parece acontecer, mais frequentemente, quando a troca se estabelece com clientes não italianos. Na dimensão de cordialidade que caracteriza o Balôn, como em todas as feiras acredito, esse discurso recriminatório permeia a atmosfera do mercado, é sempre latente, sobretudo na região do Canale, onde os vendedores se misturam do ponto de vista étnico, compartilhando, em muitos casos, o mesmo espaço. A troca, diferentemente do que afirmam os vendedores, não é etnicizada, porém esse é um viés por meio do qual se expressam alguns dos conflitos que ali ocorrem. Enquanto alguns se queixam da presença de estrangeiros, outros os reconhecem como os “novos” clientes do Balôn. Nesse sentido, ouvi de um número reduzido de ambulantes italianos que seus fregueses são em sua maioria estrangeiros, que “se eles não estivessem ali” seus negócios seriam muito prejudicados.

Não foi possível no contexto desta pesquisa qualificar a clientela do Balôn, o que teria sido interessante para se analisarem essas representações, ora favoráveis, ora desfavoráveis aos “estrangeiros”. Vale porém ressaltar que a presença deles no mercado Balôn é um dado não apenas estatístico, mas uma variável importante nos discursos dos agentes sociais, seja quando estes se referem às relações entre comerciantes, seja entre estes e sua clientela.

⁹⁴ Diário de campo, 8 de novembro de 2008.

3.2.4 Desmontando o mercado: a “chepa” de Canale Molassi

Às 13h, na região da Via Borgo Dora, as bancas são desmontadas, os ambulantes retiram os objetos, os recolhem em caixas e os carregam nos carros, vans, carrinhos de mão, tiram as mesas, dobram seus panos. A feira terminou e entre as 14 e 15 horas as ruas ficam livres para o trânsito.

No Canale, porém, o mercado se estende até as 16 horas, horário em que carros e vans começam a entupir o canal em uma fila que procede lenta, no meio de gritos e buzinas. Na Piazza San Pietro in Vincole também os moveleiros, com suas caminhonetes abertas, carregam os móveis que permaneceram sem comprador. Os vendedores do Canale juntam as mercadorias, muita coisa é deixada no local. Faz-se uma seleção do que sobrou, parte dos objetos são abandonados. Uma vez guardados os panos e as banquetas, o que “sobra” fica amontoado no chão. Segundo as normas da Associação Vivi Balôn, toda a mercadoria deveria ser retirada do espaço para deixar a rua “limpa” e livre, mas essa orientação, por muitos, não é seguida. O presidente da Associação me explica que, sendo boa parte da mercadoria proveniente de lixo e de refugo, não compensa retirá-la, porque para o mercado da semana seguinte os vendedores poderão facilmente encontrar, da mesma fonte, outros produtos. Esses ambulantes, inclusive, frequentemente não possuem depósitos onde guardar as mercadorias, sendo mais fácil abandoná-los na expectativa de substituí-los por outras que, eventualmente, podem vir a ser mais fáceis de vender. Também são abandonadas mercadorias que ficam “encalhadas”, atributo dos produtos não vendidos depois de expostas por três ou quatro vezes na feira. Segundo os vendedores não vale à pena depois disso tentar comercializá-los. Portanto, o que não compensa “carregar de volta”, ali permanece. Maria Teresa me conta que, cada vez que termina o mercado, separa os objetos a serem abandonados, que ela não deixa no chão, mas joga nos lixos das redondezas.

Muitas das pessoas que circulam por ali nesse horário aguardam que vendedores saiam deixando sobras e, logo que eles se afastam, saem em busca de algo interessante entre os montões de objetos.

Foto 29 – Catação (I)



Piazza San Pietro in Vincoli (2008)

Foto 30 – Catação (II)



Piazza San Pietro in Vincoli (2008).

Nesse momento liminar do mercado, vi diversos vendedores destruírem as sobras de suas mercadorias. Quebravam armários, pisavam sobre peças eletrônicas, jogavam no chão as louças, rompiam brinquedos, sob o olhar das pessoas ao redor, que se mantinham distantes até que eles se afastassem, para depois por a mão no meio daqueles montes de peças misturadas entre os fragmentos das coisas, entulhos e objetos ainda inteiros. Perguntei aos ambulantes porque fazem isso e me explicaram, ressentidos, que

diversas pessoas, em vez de adquirir a mercadoria, esperavam o final da feira para levá-las embora sem pagar. Em lugar de baixar os preços para vender essas peças remanescentes, como acontece frequentemente nos mercados de rua – o que, geralmente, caracteriza a “chepa” - alguns dos vendedores estabeleceram, em acordo, a prática de destruir os objetos. Essa destruição, que acontece diante de quem está esperando, representa não apenas um ato de provocação e de ressentimento, mas também funciona como um dispositivo para obrigar quem olha a comprar. A Associação não compartilha dessa prática, mas declara de não poder intervir, uma vez que os objetos, até serem abandonados, são de propriedade do vendedor, o que lhes permite fazer com estes o que quiser.

Assim que os ambulantes deixam a praça, começa a “catação”. Italianos, estrangeiros, jovens, velhos, homens, mulheres e crianças procuram atentas, observam, escolhem, levam, descartam. O que é rejeitado e jogado de novo nos montões pode ser levado por outro. Os bens coletados são levados na mão ou em sacolas, por vezes já ocupadas por outras peças. O movimento das pessoas que coletam, em geral sozinhas, se dá de forma silenciosa. Entre essas pessoas reparei em um grupo que parecia proceder de forma mais metódica e organizada. Por três sábados consecutivos os vi – eram três mulheres, sempre as mesmas, que se deslocavam arrastando grandes sacos de lixo entupidos de coisas. Em alguns momentos elas se reuniam, conversavam, paravam e esperavam. Chegava depois um carro dirigido por um homem, que carregava todos os sacos, e elas, agora de mãos vazias, continuavam a busca, até que, uma vez preenchido o portamalas e os bancos, subiam no carro, espremidas junto com as coisas, e se retiravam. Um dia, enquanto as pessoas catavam, conversei com um menino nigeriano, que me contou que eles, também nigerianos, estavam juntando os objetos para serem revendidos na Nigéria e no Senegal. Uma vez recolhida uma boa quantidade de objetos, eles compram um container e expedem as mercadorias para aquelas localidades. O que uns consideram como “lixo”, se transforma em “mercadoria” para outros.

Perto das 17h30, todos os sábados, chegam os caminhões do AMIAT (*Azienda Multiservizi Igiene Ambientale Torino*), que permanecem por um tempo aos lados da Piazza San Pietro in Vincoli e às 18h começam o trabalho de limpeza do espaço. As pás empurram entulhos e objetos entre as pessoas que ainda os recolhem.

O “abandono dos objetos” representa um “problema” para a Associação, que alega receber protestos dos residentes, os quais se mobilizaram no período da pesquisa

de campo por meio de abaixo-assinados, contra os vendedores que “sujam” o espaço deixando “lixo” na região. Esta situação, da qual se queixam, representa, como vimos, o ponto de partida que viabiliza outra dinâmica comercial, que envolve um circuito transnacional. Trata-se de uma dinâmica que não pesquisei, mas que aqui não podia deixar de apontar.

A construção do Balôn se dá seguindo normas institucionais e práticas informais, por meio das quais se criam mecanismos de organização (*allargarsi, stringersi, appoggiarsi*), que representam formas de moldar o espaço, tanto urbano quanto social, envolvendo relações de parceria que variam dependendo das situações. Tanto o manejo “rotativo” dos vendedores, quanto a atitude de “tolerância” da Polícia Municipal em relação a essas estratégias caracterizam o mercado como lugar de fronteiras *flexíveis*, composto por diferentes grupos sociais. O mercado, de fato, se caracteriza pelo trabalho de “*raccoglitori*”, “*rigattieri*”, “artesãos” e “antiquários”, mas também de “estrangeiros”, “comerciantes”, “*abusivi*”, “velhos” e “novos” vendedores. A noção de fronteira, que Barth formula para estudar questões ligadas a etnicidade, pode ser aqui utilizada como referencial teórico através do qual é possível analisar alguns traços da organização social desta feira. A noção de alteridade formulada pelos atores sociais é o critério “interno” de distinção que interessa nesse contexto. Nas narrativas e na prática dos atores, a oposição “nos/eles” inscreve proximidades e distâncias, continuidades e descontinuidades que demarcam grupos específicos, aos quais são atribuídas práticas comerciais e representações simbólicas diferenciadas. Esses “diacríticos”, como Barth os denomina ([1969] 1998:67), com o conjunto de valores, comuns e diferentes, produzidos pelos grupos, oferecem também o material para vislumbrar um pouco do *ethos* do mercado.

No próximo capítulo ilustrarei as dinâmicas através das quais esses diacríticos operam. O manejo dessas fronteiras traça configurações múltiplas e variáveis. Estas parecem se ordenar segundo padrões que remetem essencialmente às categorias de memória/ancianidade, formalidade/informalidade e autoctonia/etnicidade. Trato desses temas a seguir.

CAPÍTULO 4

O MERCADO EM TRANSFORMAÇÃO

4.1 MEMÓRIA E TRADIÇÃO

A “ancianidade”, categoria utilizada com caráter discriminante pelos vendedores do Balôn, é uma das mais significativas por eles utilizadas. Quando fui a campo pela primeira vez, em junho de 2008, logo percebi que os discursos dos vendedores italianos que trabalhavam no mercado há mais tempo (de 10 a 15 anos ou mais) remetiam frequentemente ao passado, trazendo “lembranças” relativas ao Balôn como parâmetro para argumentar sobre sua condição presente. Em especial, essas narrativas eram formuladas pelos comerciantes que atuam em Via Borgo Dora, em sua maioria antiquários. Essa rua tem uma aparência *retrô*, caracterizada pelas inscrições postas acima das lojas como: “*antichità*”, “*oggetti d’epoca*”, “*mobili antichi*”, acompanhadas, por exemplo, por motivos gráficos de estilo *liberty*⁹⁵. Os antiquários que aí atuam, como Dell’Aquila, que citei no capítulo anterior, são em sua maioria filhos de ambulantes que trabalharam no mercado. Tanto pelo fato de atuarem no mercado há muitos anos, quanto pela continuidade geracional relativa à prática de venda, são considerados os “mais velhos” do mercado.

⁹⁵ “Denominação por meio da qual na Itália foi indicado o estilo *floreal* (chamado de *modern style* na Inglaterra), típico do final do século XIX e começo do XX, caracterizado por linhas curvas e sinuosas e por uma rica variedade de motivos ornamentais naturalistas, utilizado sobretudo nas artes aplicadas, nas decorações de interiores e na arquitetura”. Tradução do dicionário Devoto Oli della Lingua Italiana, Firenze, Le Monnier, 2005.



Foto 31 - Antiquários

Senhor Chiavassa e um amigo (2007)

Estes atores se referem ao passado de forma nostálgica por meio de expressões do tipo: “o Balôn não é mais o mercado que era no passado” ou “o velho mercado não existe mais”, articulando uma comparação entre uma “imagem da memória” (Hawlbaks, 1987) e a feira atual.

Tendendo a definir a situação do atual Balôn negativamente, essas afirmações revelam que a passagem do tempo é percebida mediante categorias de continuidade/descontinuidade que contrapõem a “tradição” à atualidade. A partir dessa comparação são produzidas definições sobre o mercado de hoje. Por essa razão, considere importante analisar como, através de um olhar diacrônico, esse grupo constrói representações em relação à feira ontem e hoje. Nesse sentido, buscarei entender, ao longo das histórias que me foram narradas, quais são as categorias que esses atores percebem como contínuas e/ou descontínuas entre uma imagem do mercado “que ficou para trás”, tomada como tradicional, e o Balôn hodierno/atual, assim como compreender a lógica que os relaciona. Essa perspectiva vai me permitir também mostrar como os antiquários e sua prática comercial surgiram nesse contexto.

Com o termo “história” não entendo aqui um conjunto de fatos que se deram no passado de forma objetiva, isto é, não procurei apurar a veracidade dos acontecimentos que me foram contados, mas explorar como se articulam as representações elaboradas pelos atores. De fato, como Hawlbachs (1987) indica, a recordação, ou seja, a conjuntura de elementos que definem um momento do passado, é sempre construída partindo do presente e reelaborada segundo uma lógica contingente. Para entender como essa última opera, remeto à dimensão da memória, considerada como *criação* de um grupo social que projeta no passado uma imagem constituída a partir de valores e lógicas atuais. Como veremos, essa posição pode ser problematizada considerando o lugar que o acontecimento histórico ocupa nesse contexto. Há que se ressaltar que, como olhar retroativo, a lembrança é sempre interpretativa e é “mediada”, segundo Portelli (1991), por aspectos como a linguagem, o ambiente social, a religião, a política, que caracterizam o “aqui e agora” dos atores.

4.1.1 Ferramiu e antiquários

Narrativas sobre a “origem” do mercado, como discurso da memória e da tradição, não as escutei somente dos “velhos”, mas também de atores jovens, que não recorrem à lembrança, não tendo nenhuma ligação com esse passado específico. Se considerarmos como objeto de análise o discurso que *se faz* sobre a história, esses relatos são igualmente significativos. Nesse sentido, apesar da heterogeneidade das fontes orais, que incluem tanto pessoas que vivenciaram o passado, quanto atores que “contam o que foi contado”, todas as narrativas convergem para a definição de uma figura central, tomada como “originária” do Balôn: o *ferramiu*. Essa palavra, em dialeto piemontês, indica uma profissão específica, que segundo os relatos, começou a ser exercida na segunda metade do século XX. Os *ferramiu* vinham do Vale do Pó, situado entre as montanhas dos Alpes, próximo da fronteira com a França. Eles se deslocavam dessa região para a cidade no outono e no inverno e, nas cidadezinhas de onde provinham, Oncino, Ostana e Crissolo, durante a primavera e o verão, praticavam a atividade agrícola. Quando “desciam” em Turim “faziam” os *ferramiu*⁹⁶: trabalho que

⁹⁶ Naquele tempo, em cada vale havia um grupo de trabalhadores especializados em uma atividade. Os da Valle Po ocupavam-se da reciclagem do ferro, em outro vale, por exemplo, as pessoas trabalhavam como “*vetrai*”, os que trocam e fornecem os vidros. O número dos *ferramiu*, entre homens e mulheres, não devia ser pequeno e talvez nem todos trabalhassem no mercado. A atividade era conhecida na época, tanto que alguns relatos

consistia em comprar todo tipo de objetos usados. Com um carrinho de mão atravessavam a cidade, bairro por bairro, esvaziando os porões das casas onde estavam guardados esses artigos, que podiam provir de antigas mudanças e eram acumulados por ter perdido a própria utilidade. De fato, como muitos comentam, “naquele tempo não se jogava nada fora”; as coisas eram conservadas porque podiam vir a ser úteis em outra ocasião, servindo, por exemplo, aos filhos ou, em último caso, para serem vendidas. Além desses objetos, eles compravam metais, papéis e trapos, como roupa velha, a peso. Daí o termo *ferramiu*, quem trabalha com o ferro, material mais valioso dentre os demais. Esses materiais eram comprados e depois vendidos para pessoas que tinham depósitos, as quais os revendiam para empresas de reciclagem, como fundições, fábricas de papel e de fiação; os outros objetos eram oferecidos no mercado. Sobre panos colocados no chão, os *ferramiu* vendiam peças velhas e entre esses objetos, que incluíam desde móveis, jogos de louças, ferramentas etc. e pedaços de objetos usados para consertos, podiam aparecer artigos “de valor”, como antiguidades. Por não saberem reconhecer essas peças, vendiam-nas por preços baixos. Foi a partir dessa situação que o Balôn começou a ser identificado como lugar “*dell'affare*”, isto é, “do bom negócio”. Começando pelo descaso das pessoas que cediam as antiguidades para os *ferramiu* sem diferenciar os preços, os artigos acabavam sendo repassados para clientes da feira por valores muito baixos. Daí a motivação destes últimos em buscar, entre as centenas de objetos, a “*occasione*”, o achado, que em alguns casos podia “valer uma fortuna”. Sobretudo a partir do pós-guerra alguns dos filhos desses vendedores se inseriram na profissão. Percebendo entretanto a perda de renda dos pais, começaram a “estudar” sobre antiguidades, para adquirir as condições de valorar apropriadamente os objetos e conseguir um ganho mais adequado em cada venda. Muitos desses atores tornaram-se antiquários. A atividade desses “*ferramiu* em ascensão” no Balôn destaca-se entre os anos 70 e primeira metade dos anos 80 do século passado, quando eles compraram algumas lojas, e aí se estabeleceram com uma mercadoria mais “refinada”. Hoje eles permanecem trabalhando no mercado, instalando suas bancas em frente às suas lojas, na Via Borgo Dora e na Via Lanino. O caso de Dell’Aquila, que apresentei no capítulo anterior, ilustra esse processo do qual surgiu uma nova categoria de vendedores e uma nova forma de se fazer comércio na feira. O Balôn, então, tradicionalmente

contam que em Torino os moradores, sobretudo as mulheres, guardavam materiais e objetos para vendê-los a eles. Gritando: “*Ferramiu! Pel di cuni! Cavei dal pentu! Strasè!*”, (... Pele de coelho, cabelos, trapos, como diz a frase, eram também artigos comercializados), apresentavam-se nos pátios dos edifícios e faziam os próprios negócios. Hoje, são lembrados pela geração dos que têm mais de 60 anos.

caracterizado pelo comércio de usados e de “coisas velhas”, elitizou-se mediante a prática desse novo grupo, seja por suas mercadorias “mais preciosas”, seja pela clientela que passou a atrair. O mercado de hoje, portanto, funciona apresentando contemporaneamente essas duas dimensões comerciais. O grupo dos “velhos” antiquários introduziu uma prática comercial “nova” nesse contexto e se apresenta hoje como duplamente legitimado: tanto pelo fato de estar presente “na praça” há muito tempo, quanto por ser composto de atores considerados descendentes dos *ferramiu*, figuras tidas como “fundadoras”⁹⁷ do Balôn. A transformação da prática desses novos vendedores em relação à geração dos pais é qualificada por meio da noção de “evolução”. Como já vimos no relato de Dell’Aquila, essa mudança é vista como “crescimento”, movimento decorrente da “importância” e “valor” dos objetos que passaram a comercializar.

Em alguns relatos de antiquários, a noção de “evolução” está associada à “capacidade” pessoal, isto é, ao conhecimento adquirido através do “estudo”, o qual lhes permitiu especializar-se nesse tipo de comércio. Essas falas são marcadas pela ideia do “fazer-se sozinho”, com esforço e coragem. Além dessas qualidades, adquirir informação, como já foi apontado, é central nesse contexto, tanto pelo valor simbólico como utilitário da mercadoria: o conhecimento permite operar seleções entre os objetos e valorá-los, e no caso dos antiquários, reconhecer sua autenticidade, datação etc. Essa qualidade é reconhecida pelos vendedores como condição para o “bom andamento” dos negócios e por essa razão, eles são, em geral, reconhecidos entre os italianos como os comerciantes “de sucesso”. Angiolina, por exemplo, reitera a visão desse grupo ao relatar que “os velhos *ferramiu* evoluíram e agora todos têm as lojas de antiguidades na Via Borgo Dora”⁹⁸. Aqui, como no senso comum, a passagem do tempo é concebida linearmente, movida pelo desenvolvimento que leva à ascensão social.

A legitimação desse grupo, porém, não opera de forma tão homogênea, de fato, a esta “evolução” podem ser atribuídas qualidades negativas. Segundo Adriano⁹⁹, essas pessoas “fizeram grana” estudando sim, mas beneficiaram-se desse conhecimento em detrimento de quem não o tinha. Costumavam, por exemplo, trocar móveis de metal e

⁹⁷ Essa noção de “origem” é compartilhada entre os vendedores italianos que atuam no mercado há pelo menos 10 anos ou que trabalham há menos tempo, mas que o frequentavam precedentemente como clientes.

⁹⁸ Entrevista, 24 julho de 2008.

⁹⁹ Adriano começou a trabalhar no Balôn nos anos 70. Diário de campo, 13 de julho de 2009.

cozinhas “usadas” (“de fórmica, que se usava naquele tempo”), assim como eletrodomésticos etc. por móveis barrocos com agricultores dos arredores da cidade. Estes últimos valoravam diferentemente suas mobílias: para eles estas representavam peças “velhas”, sem valor, e eram dispostos a trocá-las com mercadorias quase “novas”, que eles remetiam à “modernidade”. Indignado, Adriano descreve assim a estratégia dos “antiquários” para viabilizar as transações:

“Sabe como faziam? Diziam para o agricultor “mas olhe esse móvel, está podre!” e o chutava (Adriano chuta uma mesa onde expõe objetos). Então eles faziam a troca, depois o restauravam e o revendiam caríssimo”. Adriano fala muito mal dos antiquários, querendo se diferenciar como comerciante “correto”. Ele está aparentemente muito brabo, grita e fica vermelho”¹⁰⁰.

A “malandragem” é uma prática comum nesse tipo de mercado e incide sobre as representações que os vendedores estabelecem entre si. O limite entre “o bom negócio” e a “roubada” é difícil de definir porque arbitrário e situacional¹⁰¹. A prática assinalada acima, que Adriano define como “desonestidade”, me foi relatada também por alguns antiquários, que sem aferir-la a si próprios, classificavam-na como um tipo de “negócio”, sem conferir-lhe qualidades éticas específicas. Há que se considerar que Adriano comercializa os mesmos artigos dos vendedores aos quais se refere: é um concorrente falando dos outros. Sua fala, portanto, tende a desqualificar o outro e é usada para se apresentar, contrastivamente, como comerciante “honesto”.

Como contam Gualtiero e Reinaldo¹⁰² em relação a sua trajetória profissional, além de comprarem as peças de “particulares”, eles as adquiriam no Balôn durante as madrugadas de sexta-feira, que precediam o mercado do sábado. Eles se misturavam aos “compradores com lanterna”, como definem os clientes noturnos da feira, a procurar as

¹⁰⁰ Diário de campo, 26 outubro de 2008.

¹⁰¹ Maria Teresa definiu os vendedores “velhos”, nesse caso se referindo aos que trabalham há anos no mercado com mercadorias usadas e velhas, como “urubus”. Com esse termo remete à sua “ganância”, entendida como “voracidade”.

¹⁰² Os dois são filhos de *ferramiu* considerados como referências no mercado. Amigos de infância cresceram no bairro e ambos têm 45 anos. O primeiro exerceu a atividade de ambulante por 20 anos e na sequência abriu um bar na Via Borgo Dora. Apesar disso, declara não ter abandonado a atividade de venda e alega ter um depósito onde continua a comercializar suas peças. O segundo é dono de duas lojas de antiguidades, uma na Via Borgo Dora e outra no centro da cidade.

“boas peças” que os coletores não sabiam valorar¹⁰³. Dessa maneira, então, os antiquários reiteram a prática de compra-venda dos pais, estando, porém, posicionados “do outro lado da banca”.

4.1.2 Várias histórias/diferentes memórias

De que maneira esses sujeitos representam a figura e o trabalho dos pais, os *ferramiu*?

As lógicas interpretativas que essa nova geração de vendedores acionam na construção de um discurso sobre a figura, também paterna, do *ferramiu* como representante da tradição, são usadas para definir o presente. Nesse sentido, a imagem daquele tipo de comerciante é re-elaborada e matizada pelos atores, levando-os a formular narrativas diversas. Não temos aqui, propriamente, uma “memória dividida”, como no caso que Portelli (1991) analisa, sobre o massacre de Civitella. Diria mais algo como “memória *modulada*”. De fato, como veremos, os elementos significantes que compõem os eventos são diferentemente retidos no processo de construção da lembrança. Ordenados segundo critérios de importância diversificados, eles priorizam alguns aspectos frente a outros, e vice-versa.

Os “velhos” do mercado, que tornaram-se antiquários, tendem a descrever o Balôn do passado e o trabalho dos *ferramiu* dando mais ênfase à exposição e à venda de peças velhas e antigas. Giacomo Perotti relata:

“Posso dizer que aqui sempre teve o mercado nos anos passados. No início tinha o mercado de frutas e verduras, que depois foi substituído por pessoas que desciam das montanhas e faziam coleta de coisas velhas. Depois, com o passar do tempo, o mercado dessas coisas velhas continuou. Houve a guerra. Depois da guerra dos anos 40, continuaram a fazer esse mercado, aonde os antiquários da cidade ou também os de fora, da província, vinham se abastecer de coisas velhas, isto é, quadros, não quadros,

¹⁰³ Na época, o lugar onde de madrugada funcionava o Balôn era ocupado pelos “coletores” que, mais tarde, foram removidos pela Polícia Municipal para o Canale Molassi.

digamos móveis e alfaias, o que tinha de antigo e interessante para eles”¹⁰⁴.

Falando da continuidade com o trabalho paterno Perotti alega:

“A minha história, porém, é um pouco diversa, porque quando tive, digamos a razão, o bom senso, comecei, ao invés de fazer o trabalho dos meus pais..., montei uma fundição e fazia a fiel imitação do peltro¹⁰⁵ antigo de forma artesanal (...). Fazia objetos no estilo liberty e depois trabalhava as antiguidades”.

E mais adiante acrescenta:

“Continuei fazendo o meu trabalho em peltro, continuei a trabalhar com um pouco de antiguidades, a trabalhar com antiguidades eu também”.

Nessa narração não é usado o termo *ferramiu*, em dialeto piemontês, mas “catador”, “coletor” em italiano, prática que é abandonada quando ele adquire a “razão”, “o bom senso”, extraíndo da profissão só o que tem de “nobre” e “valioso”. Ele deixa de fazer o *ferramiu*, começando *outra* profissão, *mas* continua a trabalhar com antiguidades “também”, criando uma analogia entre a profissão de *ferramiu* e de antiquário, isto é, mantendo da profissão “originária” o aspecto que teria promovido uma melhoria do status sócio-econômico, concebida como ascensão. De um lado ruptura, de outro, continuidade, omite-se toda uma série de elementos que constituem essa figura e muitas das características do próprio mercado que, no seu relato, só é frequentado por clientes antiquários. O que desaparece em sua fala é o aspecto mais humilde do trabalho do pai: catar ferro, papel e papelão e vendê-los a peso e, no mercado, comercializar “de tudo”, incluindo peças valiosas desconhecidas que, às vezes, acabavam por prejudicá-lo nos negócios.

Na fala de Dell’Aquila a questão é matizada de forma diferente: ele reconhece a diferença de seu trabalho em relação ao do pai, distinguindo-o a partir da qualidade das mercadorias comercializadas: de um lado “quinquilharias”, de outro “preciosidades”. É a partir dessa distinção que ele “faz negócios”, usando uma prática para viabilizar a

¹⁰⁴ Entrevista de Giacomo Perotti, 17/07/2008. Tem 80 anos e nasceu em Crissolo, Valle Po. Trabalha no mercado desde os 50. Se define como “artesão” e hoje tem uma loja de luminárias em Via Borgo Dora .

¹⁰⁵ Um tipo de metal, usado para fazer objetos e luminárias.

outra. Quando conclui, enfatizando com a frase “são 40 anos que faço esse trabalho”, refere-se à atividade que realiza através das duas práticas conjuntas.

Dell’Aquila, Perotti, como a maioria dos outros antiquários, operam uma omissão da prática considerada “humilde” do trabalho do *ferramiu*, que é suprimida da memória, aparecendo no discurso somente se induzida pelas minhas perguntas e comentários.

A partir dessa omissão molda-se a forma de ver o Balôn de hoje. Perotti representa assim a feira:

*“Aqui o mercado mudou mesmo, se você vai, não acha mais as coisas antigas, só miudezas (quinquilharias) e os clientes da colina não vêm mais porque dizem que tem gente feia”*¹⁰⁶.

E ainda outros antiquários alegam:

*“Hoje não se encontra mais nada”*¹⁰⁷.

“Nada ficou do velho mercado, o antigo deslocou-se para as lojas”.¹⁰⁸

Onde o “antigo” adquire aqui a dupla significação de mercado e mercadorias, destacando assim que ambos *fazem* a tradição e a identidade do Balôn.

Neste grupo é consenso que o mercado de hoje empobreceu: os objetos são de “pouco valor”, “é tudo plástico”, como muitos dizem¹⁰⁹. Os “clientes da colina”¹¹⁰, isto é, os compradores com alto poder aquisitivo, que começaram a frequentar o Balôn na

¹⁰⁶ Diário de campo, 12 de agosto de 2008.

¹⁰⁷ Reinaldo, diário de campo, 09 de julho de 2008.

¹⁰⁸ Chiavassa, diário de campo, 14 de novembro de 2008.

¹⁰⁹ A passagem entre o “período dos *ferramiu*” e o atual é caracterizada também por um processo de mudanças sócio-econômicas mais amplas que aqui não são contempladas. É claro que as consequências do primeiro e do segundo “boom econômico”, que aconteceram respectivamente em 1963 e 1980, inauguraram uma nova forma de produção dos objetos, influenciando a sua valoração, a relação das pessoas para com eles e, em consequência, as práticas dos vendedores.

¹¹⁰ Se refere às colinas próximas da cidade onde se encontram alguns bairros residenciais.

década de 80, depois da instalação das lojas de antiguidades, não frequentam mais a feira por essa razão e também por medo e rejeição às “pessoas feias”.

Esse adjetivo, que em italiano remete também à esfera do “perigoso”, é usado por Perotti tanto para indicar os imigrantes estrangeiros que trabalham e frequentam o mercado quanto para as pessoas de baixa renda que, embora presentes em toda a feira, são identificadas como o grupo que se concentra no Canale Molassi. Segundo o parecer dos “velhos” antiquários, de fato, essa área comercial “estraga” o mercado, seja pelo fato de vender artigos de “baixa qualidade” provenientes dos lixões ou roubados, como eles alegam, seja por serem os vendedores pessoas “feias”, isto é, ameaçadoras e com hábitos e práticas que não condizem com os seus. Em relação a isso, Perotti, assim como o grupo todo, cita episódios de roubos e de receptação como se esses fossem fenômenos que começaram com a chegada dos imigrantes. Nesse caso também há uma “modulação” dos fatos porque essas práticas sempre caracterizaram a feira e o bairro de Porta Palazzo. Este, por exemplo, nos 60 constituía “o centro do contrabando de cigarros da cidade, controlado por grupos de imigrantes catanesi e pugliesi”¹¹¹. Também no Balôn, episódios de receptação sempre se verificaram. Essas práticas são explicitadas por um ditado popular: os torinenses estes costumam dizer, por exemplo quando é roubada uma bicicleta, “vai procurar no Balôn!”.

O discurso da “evolução” promove, portanto, uma desqualificação da área Molassi, onde também operam “velhos” vendedores que, segundo essa perspectiva, não “cresceram”, não tendo mudado suas práticas de trabalho. Pude observar essa discriminação, por exemplo, em relação a Raso¹¹², *ferramiu* do Valle Pó que começou sua atividade na feira em 1945, mas que não me foi indicado como uma voz que representasse a *tradição* do mercado.

O senhor Raso, segundo os antiquários que comercializam objetos “valiosos”, oferece os artigos opostos: as peças vendidas por ele são simples, de baixo custo e são trazidas para a praça com um velho carrinho. Com um ímã no bolso, objeto típico dos *ferramiu*, Raso avalia o valor de seus artigos. Ele não se dedicou às antiguidades e

¹¹¹ Diário de campo, a fala é de Dell’Aquila, 23 de setembro de 2008.

¹¹² Raso tem 80 anos, começou a exercer a atividade de *ferramiu* em 1945 e continuou o trabalho até hoje. Mora entre Torino e a Valle Pó onde alternativamente pratica o comércio e a agricultura.

continua vendendo mercadoria usada e metais, alegando que prefere “não se arriscar nos negócios”, visto que não conhece “aquele tipo” de mercadoria¹¹³.

Foto 32 – Senhor Raso



O mais velho *ferramiu* da feira (2008).

Foto 33 - ... e suas mercadorias.



Mercadorias de *ferramiu* (2008).

¹¹³ Entrevista, 21 de julho de 2008.

Embora Raso faça parte do grupo dos velhos *ferramiu*, sendo o último que permanece em atividade conforme a prática daqueles¹¹⁴, ele é excluído pelos antiquários da memória do Balôn juntamente com tudo o que remete à esfera considerada como “humilde” dessa atividade. Guardando alguns elementos da prática “originária” que são priorizados e suprimindo outros, os antiquários ressignificam o discurso da tradição, que se polariza em esferas opostas e antitéticas. As noções de “valor” *versus* “simplicidade” remetem a dimensões mais amplas: a primeira inclui, como se comentou, o que está hierarquicamente “acima”, que “evoluiu”, é “bonito”, “seguro” e “valioso”, por oposição ao que é associado à “pobreza”, que segundo os atores se explicita na “feiúra”, no “perigo” e na “desonestidade”, caracterizando muitas vezes, aos seus olhos, quem “vem de fora”. Usando, então, o critério evolutivo como medida, o *ferramiu* valorizado é aquele que se torna “antiquário”, figura empregada como parâmetro para a legitimação da condição de uns e respectiva desqualificação dos vendedores que não se enquadram nessa prática. O discurso da tradição assim, usado como estatuto de autenticidade, por um lado promove a construção de identidades e por outro legitima o exercício de um papel hegemônico por um determinado segmento de participantes da feira. Nesse sentido esta representação precisa ser confrontada com a ideação do mercado Gran Balôn e a atual política promovida pela *Associazione Commercianti Balôn*¹¹⁵ que o organiza e administra. Esta associação, fundada originariamente pela velha geração de *ferramiu*, hoje composta por alguns comerciantes do bairro (todos italianos) é dirigida pelos antiquários. São eles que ocupam os postos de liderança. Suas iniciativas são voltadas à uma elitização do espaço comercial, acompanhadas por discursos desqualificativos das práticas que não se conformam a seus padrões. O principal alvo da associação e de muitos dos seus componentes é a região do Canale

¹¹⁴ Porquanto ele se defina como *ferramiu* e represente o mais velho desse grupo, sua atividade mudou ao longo do tempo. Raso declara que a venda por peso de alguns materiais, como tecidos e alguns tipos de metais, não é mais praticada porque desapareceram os circuitos comerciais onde eram veiculados.

¹¹⁵ A associação declara 90 sócios, todos italianos, dos quais 30 lojistas, 56 ambulantes e 4 transportadores. O mercado Gran Balon, que começou na metade dos anos 80, tem 250 lugares, anualmente ocupados numa média de 190.

O presidente atual da associação é Claudio Fornasieri, antiquário, que tem sua loja em Piazza Lanino e o vice-presidente é Giovanni Falciola, com sua loja na Via Borgo Dora. O primeiro é filho de um *ferramiu* reconhecido, enquanto que o outro não descende dessa categoria de trabalhadores. Os dois se criaram no Balôn, mas enquanto o primeiro não mora mais no bairro, o segundo vive na Via Borgo Dora.

Molassi, mais especificamente os imigrantes estrangeiros que frequentam a feira, tanto vendedores quanto clientes.

Reportarei em seguida algumas anotações e trechos da gravação que efetuei durante uma reunião da Associação¹¹⁶. Estavam presentes aproximadamente 10 pessoas, entre as quais Dario, que citei no capítulo anterior, o único ambulante¹¹⁷, sendo os demais lojistas da região. Da diretoria participavam a secretária Laura, o “porta-voz dos residentes” Massimo Gazzitano, o presidente Fornasieri e o vice-presidente Falciola.

Fornasieri preside a reunião, permanecendo pouco tempo. Relata para os ouvintes seu encontro com o “*Consortio*”¹¹⁸ e a “mesa de trabalho” com o assessor do comércio, Alessandro Altamura. A este último foi solicitado que “*desse uma mão*”, que ajudasse em relação à Via Cottolengo¹¹⁹, definida pelo presidente como “*uma doença terrível que aflige o Borgo*”. Nesse sentido o presidente alega: “*quem vai lá nunca mais vai aparecer aqui*”, ressaltando assim a periculosidade do lugar. Alguns lojistas comentam sobre a questão se perguntando se no sábado anterior a rua estava “*limpa*”, isto é, livre dos “*abusivi*”. Em relação a essa situação Fornasieri relata que para o assessor “*foi pedida a presença contínua*” dos órgãos de segurança pública e que o chefe da polícia, também presente ao encontro relatado, perguntou se teria sido necessário “*sequestrar*” a rua. O presidente da associação concorda: “*que lhe dêem uma área... não sei aonde, isto é, façam o mercado ‘árabe’ em outro lugar, que façam seu mercado, mas não podem fazê-lo aqui, que andem em outro lugar, porque assim eles obstruem a rua*”.

¹¹⁶ A minha inserção no contexto da Associação e a participação nessa reunião foram difíceis, em virtude da desconfiança que alguns componentes da “direção” apresentaram. O vice-presidente, a meu pedido, alegou que somente os comerciantes poderiam participar porque iriam discutir a realização de alguns eventos comerciais que deveriam permanecer ocultos até o momento de serem realizados. Percebi então, que existia um clima de tensão e conflito, que se delineou mais claramente durante o encontro seguinte.

¹¹⁷ Os ambulantes geralmente não participam das reuniões, como me foi alegado pelo mesmo Dario (entrevista, 22/10/09). A Associação, de fato, representa mais o interesse dos proprietários das lojas do bairro.

¹¹⁸ Constituída sob a monitoração de *The Gate* em 2008, é uma sociedade que, segundo o que ela mesma declara, reúne a “*Associazione Commercianti Balôn*”, “*Associazione Vivi Balôn*” e “*Associazione Cortile del Maglio*”, que representam as atuais realidades comerciais presentes na área do Balôn, a prefeitura, a *Ascom* e a *Confersercenti*” – os últimos dois sujeitos representam uma associação de consultoria e um sindicato. Sua finalidade é a promoção social, econômica e cultural da região. Nessa sociedade, que *The Gate* declara representar a “realidade comercial da área”, não está incluído nenhum sujeito comercial de propriedade de imigrantes estrangeiros.

¹¹⁹ Essa região, como se comentou, é onde se instala o maior número de vendedores marroquinos (regulares e irregulares) do mercado e, no domingo, abriga uma feira “abusiva”, definida como “mercado árabe” pelos comerciantes e ambulantes italianos do bairro. Desse assunto tratarei especificamente mais adiante.

E prossegue mudando de assunto:

“Para mim a coisa verdadeiramente fundamental é fazer um plano para o mercado de sábado. Porque se nós conseguirmos ter quatro sábados ao mês... decentes... que possam trazer um público bonito... enfim... não digo de fazer um tipo... ou quem sabe o que, mas um mercado decente... agora tem coisas que são ... indecentes... também o Canale Molassi, me desculpem, mas... pessoal... não dá..., eu não quero dizer, mas não dá...”

O dono de um dos bares do “largo” da Via Borgo Dora queixa-se da degradação em frente a sua loja se remetendo aos “abusivi” “que ocupam os lugares vazios”.

Fornasieri rebate que o “largo” é “o paraíso” em comparação à região Molassi onde, “é diferente... lá você não pode aventurar-se, porque...”

uma senhora complementa “é um casbah¹²⁰”, rindo,

“exato” assente o presidente, “sim, precisa levantar o mercado como mereceria, porque em todos os mercados do mundo o mercado de pulgas¹²¹ da cidade é um lugar onde, de qualquer forma, os turistas vão dar uma volta...”

Outro lojista ressalta: “... em todos os lugares do mundo, os espaços sociais são longe do centro...”

“Bravo!” exclama Fornasieri, “nós não fazemos política”, (começa uma discussão acalorada),

“as áreas sociais existem em todos os lugares do mundo...” continua o lojista,

“não, mas desculpa...”, responde o presidente que é novamente interrompido,

¹²⁰ O termo “casbah” indica uma tipologia de cidade da Arábia e do norte da África, aqui usado para definir o mercado Molassi de um ponto de vista étnico depreciativo, apontando à quantidade de marroquinos que atuam.

¹²¹ Pela primeira vez em campo, escutei essa definição de mercado do usado.

“... mas nas extremas periferias!” complementa o outro, “a evolução do nosso trabalho é ter coisas cada vez mais importantes, mais bonitas para propor aos clientes... a evolução é essa, quero dizer, alguém começa a tratar coisas “de pouco” e depois de repente começa a tratar umas coisas mais bonitas, depois trata de tudo, mas o que significa... não?... nós não fazemos política, quero dizer... se eles, ao contrário, nesse bairro querem fazer ... isto é, querem deixá-lo uma zona franca, uma zona onde se pode fazer qualquer tipo de coisa, qualquer tipo de comércio... de fato... o social tem que fazê-lo em outro lugar ou nos falem isso e então se é assim a gente ... toma as decisões apropriadas e vamos embora”.

Fornasieri relata que isso foi falado durante a reunião do Consórcio, *“porque as coisas têm que ser ditas”*. *É uma situação desastrosa... Ou encontram uma solução ou se não eu... eu... não sei...”*.

Como podemos conferir, os dois assuntos centrais para o presidente são o “caso Via Cottolengo”, que tratarei a seguir, e o mercado Canale Molassi, definido como “indecente” e com uma qualidade étnica. O termo “*casbah*”¹²² remete, nessas narrativas, para um lugar fechado, perigoso, onde é melhor não “aventurar-se”, que deveria ser deslocado. Não lhe é conferida nenhuma função, ao contrário, acredita-se que “afasta” os turistas, que poderiam se tornar frequentadores e clientes do mercado¹²³. No projeto de elitização comercial do Balôn, sustentado por essa posição, existe a intenção de transformar a feira e o bairro num lugar turístico. Como acenei no primeiro capítulo, a cidade de Torino está atravessando uma fase de profundas mudanças econômicas e, depois da fase da desindustrialização, um dos projetos nos quais a prefeitura está investindo muito é o que trata dessa questão. A região do Quadrilátero Romano, representa uma referência para esses comerciantes. Ouvi-os inúmeras vezes se referirem a esse espaço como o lugar ideal para seus negócios, porém, se sentem dele “distantes” por estarem alocados em um bairro que não foi igualmente “requalificado”. Daí decorrem narrativas que representam o Balôn como uma “ilha”, isto é um lugar isolado, ao qual os clientes do Quadrilátero não têm acesso. O requerimento de “limpeza” de Via

¹²² As vezes esta porção da feira é também chamada de “*suq*” e/ou “*medina*”.

¹²³ É importante lembrar que, apesar da desqualificação operada no discurso, muitos antiquários continuam frequentando esta região da feira na sexta-feira de madrugada, a procura de “bons negócios”.

Cottolengo, nesse sentido, deve ser interpretado como uma tentativa de viabilizar a entrada do centro da cidade para esta área comercial, que, segundo essa representação, estaria “fechada” entre o “enclave”, Piazza della Repubblica, e o hospital “Cottolengo”, que ocupa toda a região urbana entre Via Andreis e Via San Pietro in Vincoli. Segundo essa perspectiva, o que é considerado como “não evoluído”, “degradado” e “perigoso” deve ser deslocado para longe do centro, para “seu” lugar, isto é, a “periferia”.

Quando Fornasieri declara que “eles não fazem política” está se referindo, como veremos melhor adiante, ao desacordo desse grupo frente ao plano da prefeitura que, através do *The Gate* criou o mercado do Canale Molassi como “projeto social”. Nesse sentido, o presidente da associação pede um esclarecimento às instituições:

“se eles, ao contrário, nesse bairro querem fazer ... isto é querem deixá-lo uma zona franca, uma zona onde se pode fazer qualquer tipo de coisa, qualquer tipo de comércio... de fato... o social tem que fazê-lo em outro lugar ou nos falem isso e então se é assim a gente ... toma as decisões apropriadas e vamos embora”.

O termo que traduzi com “deixar”, em italiano “*restare*”, significa também “permanecer”. Nesse sentido, Fornasieri define o Balôn como lugar tradicionalmente “franco”, isto é “comercialmente livre”, sem regras aplicadas pelo Estado. O caráter “social” estaria, também, na isenção das contribuições fiscais, as quais, ao contrário, os comerciantes com alvará são chamados a responder. A responsabilidade por uma possível mudança “para melhor”, a que a associação aspira, é atribuída às instituições, com as quais esse grupo está em contínua negociação. A atitude “tolerante” da Polícia Municipal frente ao “abusivismo” no mercado, assim como a ação do *The Gate* sobre o território, é criticada. Estes agentes são os que promovem, segundo eles, a política “social” que mantém o bairro com aquelas características “populares” das quais eles querem se distanciar. Assim, criticando essa prática “política”, a associação atua pressionando as instituições à intervir.

A *modulação* da memória, operada pelos “antiquários” a partir da noção de “ascensão” sócio-econômica gerou, portanto, uma ruptura com a geração anterior, produzindo também uma descontinuidade com parte da realidade que caracteriza o Balôn hoje. A desqualificação da região Molassi por parte da *Associazione Comercianti Balôn*, por exemplo, se traduz também em conflitos diretos com a *Associazione Vivi Balôn*, que a gerencia. Essa posição “elitista” da associação de comerciantes além de

criar tensões externas gerou também desentendimentos entre seus componentes. Gualtierio e Dell’Aquila, por exemplo, que participaram do grupo preenchendo posições de liderança, o primeiro até o ano passado e o segundo até 3 anos atrás, se afastaram. Gualtierio relata ter se dissociado porque os comerciantes não aceitaram algumas das propostas que ele promoveu, voltadas à inclusão do “mercado árabe”. Ele declarou-se “cansado” de lidar com colegas “rígidos e ignorantes”, que não sabem conviver com “as mudanças” do mercado. Dell’Aquila, por outro lado, também se define “cansado”. Vale à pena destacar que ele foi o único antiquário que participou da criação do mercado Molassi, sendo um dos fundadores da *Associazione Vivi Balôn*, da qual continua participando como sócio honorário. Dell’Aquila considera a região Molassi, como o “verdadeiro” Balôn, e declara: “se eu tivesse que dizer para um turista o que é e onde está o Balôn, lhe diria para começar por Piazza San Pietro in Vincoli”.

Foto 34 – Coletor



Fonte: Thomas.

Coletor que trabalha no Canale Molassi (2008)

4.2 PRÁTICAS INFORMAIS E MERCADO MOLASSI

A partir de 1997 a prefeitura de Torino começou a promover uma série de intervenções voltadas à “requalificação” da área urbana de Borgo Dora e do mercado Balôn. Essas ações, além das intervenções urbanas das quais se comentou no capítulo anterior, envolveram a formalização do trabalho de um grupo de vendedores. Entre os anos 2001 e 2004, parte destes foi removida e deslocada para outra área da feira e a atividade que exerciam passou a ser administrada por uma associação, a *Associazione Vivi Balon*, constituída em parte por eles próprios, sob o monitoramento da prefeitura.

Vou esboçar aqui etnograficamente esse processo, que mudou radicalmente a estrutura do Balôn tanto na sua configuração (organização social, fluxos de atores no espaço urbano, dinâmica dos movimentos econômicos, relações políticas), quanto no imaginário dos vendedores. A criação desse novo mercado (formalizado), constitui um tema recorrente nos discursos de muitos vendedores italianos. Tanto os antiquários do bairro (e a *Associazione Commercianti Balôn*), quanto o grupo de ambulantes italianos que trabalha com alvará, de posições diferentes, alegam respectivamente o prejuízo que essa região, definida como vimos como “indecente”, causaria ao resto da feira. Esta é constituída por “operadores não profissionais”, que atuam sem licença comercial, representados como “irregulares”.

4.2.1 Formalidade, informalidade e ilegalidade

As práticas informais no Balôn podem ser consideradas como constitutivas do mercado. Olhando retrospectivamente, de fato, já no passado, a feira se realizava através de algumas características informais, que também hoje estão presentes. Bianchi (1991), em seu texto sobre a história de Porta Palazzo, aponta, por exemplo, que, diferentemente de outros mercados da cidade, no Balôn parte dos vendedores montava suas bancas sobre as calçadas e vendiam em horários maleáveis, não se atendo rigidamente aos tempos e aos espaços formalmente estabelecidos pela prefeitura. Essa *flexibilidade* se intensificou depois da promulgação de uma legislação, em 1936, chamada “autorização 121”, que consentia a qualquer um estabelecer-se no mercado para *trocar* objetos. Diferentemente da prescrição indicada, praticava-se a venda de

mercadorias sem sanções por parte da fiscalização. Essa permissão, gratuita, consistia no alvará dos vendedores.

Os vendedores italianos que estão há mais tempo no mercado, segundo relatos que recolhi, compartilham a representação do Balôn “antigo” como um espaço tradicionalmente “livre” e atribuem ao trabalho dos ambulantes da época uma dimensão de “improvisação”.

Como também Semi (2005) aponta, se as categorias de formalidade, informalidade e ilegalidade podem ser mantidas separadas do ponto de vista analítico, no contexto de Porta Palazzo não se aplicam empiricamente com a mesma distinção, sendo que seus limites se articulam em vários níveis ao mesmo tempo. A informalidade, tal como se verifica no Balôn, pode se apresentar de várias maneiras: abarca tanto os ambulantes que trabalham sem pagar pelo uso do solo público, ocupando os espaços vazios entre as bancas, os chamados “*abusivi*”, quanto os que trabalham de forma aparentemente formalizada “apoiando-se”, como costumam dizer, em vendedores com alvará, usando parte da bancas destes para o comércio de suas mercadorias. A informalidade se verifica também em outras situações e contextos. Existem, de fato, práticas comerciais que não operam convencionalmente, *sobre* as bancas, entendidas como pontos territorializados de venda, mas dão-se, diria, *entre* elas. O caso de Iannoni, que relatei anteriormente, ilustra um circuito alternativo de circulação das mercadorias¹²⁴.

O que esse vendedor relata é um evento “típico” que, com a mesma dinâmica, se verifica ainda hoje. O Balôn, de fato, não deve ser pensado como um mercado que se realiza em termos de relações de troca entre o vendedor formal e cliente, mas envolve um conjunto de práticas mais complexo. Clientes podem ser ao mesmo tempo vendedores, na medida em que comercializam e trocam mercadorias próprias e/ou recém-adquiridas; alguns dos vendedores compram objetos de colegas e de clientes, estabelecendo assim um fluxo de relações onde os papéis se tornam intercambiáveis, dependendo da situação específica nas quais se encontram. Essas dinâmicas de relação mostram que as categorias de “vendedor” e “cliente”, neste contexto, não são fixas, mas situacionais. No Balôn esse tipo de dinâmica acontece em toda a parte, mas há alguns lugares onde as trocas são mais visíveis: o recorte de rua ao lado da varanda do bar de Dino, no “largo” da Via Borgo Dora, por exemplo, é um ponto de encontro, dentre

¹²⁴ Ver pag. 110.

vários outros, de colecionadores de postais, cartões telefônicos, moedas, selos e vários outros tipos de objetos.

O que possibilitou que o barômetro de Iannoni fosse revendido com tanta rapidez em um espaço e tempo tão restritos é essa flexibilidade dos papéis e da rede de relações sociais que sustenta a circulação dos objetos. A noção de “rede social” formulada por Barnes (1987) pode aqui ser útil porque se refere à “análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que ultrapassam os limites de grupo e categorias”¹²⁵. As relações que o autor discute são as que estão “efetivamente existindo”, são, isto é, “parte de um modelo que explica o que efetivamente acontece, e não o que as pessoas pensam que aconteça ou que pode acontecer” (id. *ibid.*:156). Segundo o modelo, essas relações correspondem a conexões entre os atores, formando malhas que se caracterizam por estrelas, zonas e densidade. Partindo de um sujeito α , é possível mapear os seus contatos diretos, que constituem uma estrela primária. A essas relações se sobrepõem os contatos adjacentes de α : a configuração dessas relações no primeiro nível é chamada de zona e indica também a densidade da rede. Procede-se, assim, com novos atores entrando a cada nível, construindo-se estrelas cada vez mais complexas. A construção da estrela e da zona é feita de forma egocêntrica, isto é, a partir de um indivíduo que é escolhido pelo observador, mas o modelo pode ser observado a partir de qualquer outro sujeito que o compõe. O que me interessa destacar aqui é a noção de densidade: no caso hipotético de um grupo no qual todas as pessoas têm contato direto com todas, teremos uma rede de malhas estreitas e uniformes. O caso contado por Iannoni, assim como outras situações que observei durante a pesquisa, remetem a um modelo próximo a esse. Entre os clientes, muitos se conhecem e interagem entre si, o mesmo ocorrendo entre os vendedores formais, assim como entre as duas categorias. Essa dinâmica permite operações comerciais “extras”, se assim se pode dizer, que fazem do mercado um espaço múltiplo de compra e venda. As transações, porém, não se limitam à circulação de mercadorias e compreendem trocas simbólicas que envolvem esferas não comerciais das relações.

¹²⁵ Em BARNES John, *Redes sociais e processos políticos*, Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos. Org. FELDMAN-BIANCO, Bela. São Paulo: Global, 1987, p. 163.

Estava sentada atrás da banca da Elida descansando e olhava para o Bruno¹²⁶ e a sua banca à minha frente. Do Canale Molassi chega um homem com uma luminária na mão e se dirige até ele, o cumprimenta de forma amistosa e lhe mostra o objeto. Parece entusiasmado com sua compra, diz o preço que pagou e pede confirmação sobre sua datação. Bruno assente: foi um bom negócio. Mas o aconselha a trocar uma peça. O homem fala, enquanto isso olha para outro objeto na banca ao lado, indica-o para o Bruno e pergunta quanto acha que a vendedora cobraria. “Não sei”, responde este, agindo como se quisesse sair de um impasse, isto é, de uma possível condição de mediação em que o homem parece colocá-lo. Assim, rapidamente, ele apóia a luminária sobre a sua banca, “cem euros se alguém pedir!”, lhe diz e com as mãos livres se aproxima da banca ao lado. Compra uma cabeceira de cama que arrasta e apóia atrás das mercadorias que Bruno tem à venda. Depois de conversar ainda um pouco, deixa aí os objetos e sai para dar uma volta. Me aproximo da banca do Bruno e pergunto: “novas mercadorias?”, “é um cliente antigo... se as peças não venderem ele as vem buscar de volta, ele compra várias coisas pra si”. “Puxa! mas você não cobra nada por todas as informações que dá?” falo brincando, “ele trabalha na prefeitura... uma vez me ofereceu uma ‘casa popular’, mas eu não aceitei...”¹²⁷.

Aqui podemos observar outra dimensão na qual a informalidade do mercado opera: o cliente usa a banca de Bruno se tornando um vendedor indireto. Tanto a cessão do espaço de venda, quanto as consultas oferecidas têm, para Bruno, um possível retorno em forma de “favores”¹²⁸.

A dimensão social da troca, que sustenta essa dinâmica, é destacada por Semi, que define o mercado como “um mecanismo de organização social” (2005:78) onde a prática econômica não pode ser separada da esfera social, sendo que esta última precede e possibilita a primeira, estabelecendo posições que os atores adquirem dentro de um modelo que, aqui, é variável.

¹²⁶ Bruno, 65 anos, originário do sul da Itália, atua no mercado há 20 anos, vende objetos usados mistos, faz mudanças, é “operador não profissional” do Canale Molassi.

¹²⁷ Diário de campo, 15 de outubro de 2008.

¹²⁸ O vendedor, afirmando que o homem “ofereceu” uma casa para ele, confere, de alguma forma, poder à relação de reciprocidade que estabeleceram, mostrando como o cliente está disposto a transpassar barreiras jurídicas. Essa prática estabelece uma tipologia de relação que vai além da esfera unicamente comercial, se expressando como “proteção” e “favoritismo” mútuos em contextos que extrapolam as fronteiras do mercado.

Os aspectos formal, informal e ilegal do mercado, portanto, coexistem, se entrelaçam e são, em alguma medida, interdependentes, constituindo práticas que *fazem* o mercado. Nesse contexto, que situacionalmente se modifica, as redes sociais mudam de configuração nos diferentes níveis, modificando-se na medida em que os atores *trocam* os próprios papéis. Nesse sentido é impossível não pensar o mercado como um espaço de intensa e complexa sociabilidade.

A Polícia Municipal que atua na região, como já apontei, se mostra propensa a “tolerar” algumas dessas práticas¹²⁹. Relatarei em seguida algumas situações.

Caso 1 – “Velhinha”

Encontrei por três sábados consecutivos uma senhora de idade no começo do Canale Carpanini, perto dos artesãos. Vendia sua mercadoria sobre um pano, ocupando mais ou menos dois metros de rua¹³⁰. Em relação à sua atividade, me contou (...) que nos sábados anteriores tinha se instalado no final de Via Borgo Dora e que “havia outros “abusivi” e que os guardas passaram dizendo: “vão embora, senão nós sequestramos as coisas”. “Mas eu tenho que trabalhar”, ela disse, “a senhora espera aqui”, me respondeu um guarda de barba (Lanzetti). Então eu fingi recolher as minhas coisas e ele, que foi muito gentil, me disse para vir aqui e que se alguém falasse alguma coisa, deveria dizer que foi ele que me autorizou¹³¹.

Caso 2 – Mohamed e a apreensão dos que vendem mercadoria falsificada

Domingo. Estou passeando pelo “mercado árabe”¹³² quando vejo chegar três carros da polícia. Dois meninos oesteafrianos vendem bolsas falsificadas... Louis Vuitton. A polícia os prende, obriga um deles a entrar em um carro. A polícia cata a mercadoria no chão. O primeiro que é levado ri e “tira uma onda”, muitas pessoas se

¹²⁹ Sobre os critérios de seletividades adotados pelos Órgãos de Segurança Pública neste contexto, cfr. TEOBALDO, Daniele, La selettività nei processi di controllo. Un’indagine sul rapporto tra polizia e immigrati. *Stranieiri*. Milano, n.4, p.414, 419. Luglio e agosto 2006.

¹³⁰ Essa senhora é a mesma que relatei no capítulo anterior, que agrediu uma cliente por não ter adquirido a peça da qual tinha pedido o preço.

¹³¹ Diário de campo, 9 de novembro de 2008.

¹³² Como afirmei, o mercado “abusivo” composto na maioria por marroquinos, que acontece aos domingos em Via Cottolengo.

recolhem e ficam olhando, quase todos árabes que comentam o evento entre si. Pergunto o que aconteceu: “não sei...” diz um, “um deles é menor” comenta outro, depois Mohamed (vendedor com o qual estava conversando, um que, aos sábados, “quando está desempregado”, trabalha também no Canale Molassi) me explica: “eles estavam vendendo coisas falsificadas, às vezes os carabinieri¹³³ pedem somente para recolher as coisas...”

V. - *“Mas ninguém aqui tem a licença?” pergunto, (ainda não sabia que esse mercado era “abusivo”),*

M. - *“No”, replica,*

V. - *“Os guardas não dizem nada?”*

M. - *“Não, nós os conhecemos.”*

V.- *“São sempre os mesmos?”*

M. - *“Sim”¹³⁴.*

Caso 3 – “Abusivi italiani”

No “largo” de Via Borgo Dora, dois senhores italianos, um da região do Piemonte e outro da Sicília, na faixa dos 50 anos, com alguns objetos espalhados sobre um corte de tecido (roupas, sapatos etc), contam que recebem mercadorias de pessoas de outras bancas, e que estão vendendo para “levantar um dinheirinho, para comprar os cigarros, comer alguma coisa”.

V. - *“E os guardas aqui como são?”*

A. - *“São bons... não te dizem nada. Eu, faz três semanas que estou aqui. Eles vieram, me olharam... eu sou pai de família, tenho filhos em casa, tenho que trabalhar para ganhar algo, não me falaram nada, nunca me falaram nada... às vezes te fazem pagar alguma coisa, 6 euro, 7 euro.”*

V. - *“Sim? Fazem pagar?”, (pergunta),*

A. - *“Sim, se tem muitas coisas, se você vende muitas coisas sim, te fazem pagar alguma coisa.”*

V. - *“Mas te dão um...”*

A. - *“Sim te dão um papelzinho, te fazem pagar a permissão.”*

¹³³ A Polícia Civil.

¹³⁴ Diário de Campo, 13 de julho de 2008.

V. - “E se é um banco assim, como o senhor tem?”

A. - “Não, se é assim não te falam nada, não te falam nada”¹³⁵.

Caso 4 – Manejo dos espaços

Durante alguns meses, por causa de intervenções urbanas no Canale Molassi, alguns operadores desse mercado (40 mais ou menos), sob o consentimento da prefeitura, foram deslocados para o Canale Carpanini, em uma área próxima da região designada aos artesãos.

No Canale Carpanini, logo que chego encontro Thomas que (...) se queixa de que duas pessoas da Associazione Vivi Balôn estavam ocupando o lugar na frente dele (reservado aos artesãos). Diz que de manhã já lhes falou para se deslocarem e que não podiam ter permanecido aí. Angiolina¹³⁶ os fez instalar ali sem pedir nada aos guardas, alega, e por isso Lanzetti (que estava no lugar porque tinha sido chamado por Thomas) está muito ressentido, se cria um clima de tensão. Foi Thomas que o fez intervir enquanto estava passando. Há algumas discussões entre os vendedores do Canale e os guardas; os primeiros dizem que foi Angiolina que os fez instalar e que eles não têm culpa. Um transeunte fala para um dos guardas que é prepotente. Thomas se coloca no meio dizendo que não está certo que eles fiquem aí, está preocupado com o fato que alguns conhecidos dele, artesãos, queiram começar a trabalhar, sendo que estamos perto do Natal, e encontrem os lugares ocupados¹³⁷. Thomas adquire uma posição de liderança e ao lado dele estão dois “abusivi”, que ocupam o lugar da Elida, com os quais já combinou, “já falei com eles”, diz, “quando ela chegar devem deixar o lugar”. Os guardas discutem com os dois vendedores da Associazione Vivi Balôn e não dizem nada aos “abusivi”. Salvatore, um dos dois vendedores, diz que eles deveriam se ocupar dos “abusivi” e que ele está atuando regularmente. Se “espalhou” muito e tem uma parte de banca que ocupa o recorte todo da rua, Lanzetti o faz retirar, “o que você

¹³⁵ Gravação, 20 de setembro de 2008.

¹³⁶ Lembrando que na época da pesquisa era a coordenadora da Associazione Vivi Balôn.

¹³⁷ Os artesões são a única categoria de vendedores que atuam na região fiscalizada pela Polícia Municipal sem precisar de alvará comercial para atuar, assim não tem posto fixo e nem precisam ser alocados pelos guardas entre os “rotativos”. Por esta razão, Thomas “segura” o lugar para Elida e se preocupa com seus colegas que podem “aparecer” no período do Natal. Os artesões, geralmente poucos, aumentam nessa época para vender “artigos natalinos” como, por exemplo, presépios.

acha...” diz. Do outro lado de Thomas está o mesmo senhor “abusivo” que estava na frente deles um mês atrás e que depois se posicionou no Canale por um mês consecutivo, o que vende “vintage”¹³⁸. Talvez hoje no Canale não houvesse lugar. Ele está instalado com sua banca no chão junto com outra pessoa. Chega Elida e imediatamente o “abusivo” que vendia sapatos se retira e vai embora dando “tchau”. Thomas explica para Elida que se ela chegar tarde o coloca no dever de segurar-lhe o lugar. “Se você chega sempre a esta hora, fica difícil...”, Elida não diz nada, concorda e monta sua banca. O senhor do “vintage” retira sua mercadoria quando os guardas estão presentes, e fica ao lado de Thomas assistindo a cena, depois a coloca de novo no chão, quando os fiscais vão embora¹³⁹.

A Polícia Municipal parece usar critérios de distinção: no primeiro caso foi não somente permitida, mas incentivada pelo guarda a atividade “irregular” daquela senhora. Não tenho dados sobre as características dos vendedores que foram removidos (sua idade, nacionalidade e tipo de mercadorias comercializadas), e não posso, então, avaliar apropriadamente a motivação de seu afastamento. Mas seus posicionamentos, próximos das lojas de antiguidades do final da Via Borgo Dora e o “discurso” alegado pela senhora, somado a sua idade, podem ter sido determinantes. O guarda escolhe para senhora um espaço de venda onde não há lojas, no Canale Carpanini. No segundo caso, a fiscalização prende os ambulantes e confisca-lhes as mercadorias falsificadas, deixando permanecer os vendedores que, porquanto “irregulares”, oferecem objetos velhos e novos. Na outra situação os “abusivi” italianos, declaram que dependendo do espaço “irregularmente” ocupado, cobra-se-lhes uma taxa. Na última situação os guardas operam a pedido de Thomas, mas não intervêm em relação ao vendedor “irregular” que está ao seu lado.

Quando um dia, tendo percebido essas dinâmicas, conversando com Lanzetti, perguntei se atuava com “tolerância” em relação às pessoas que estavam presentes na feira irregularmente, alegando que esta prática poderia ter sido “clemente” por parte da Polícia Municipal, considerando que o Balôn “sempre abrigou” quem precisava arredondar as contas do final do mês, ele alegou: “mas olha...”, me indicando sua farda, “posso ser penalizado por causa disso, se isto que você diz acontece é porque eu não

¹³⁸ Do francês, “vintage”, é a roupa (vestidos, chapéus, bolsas) usada desde os anos 70 para trás.

¹³⁹ Diário de campo, 9 de novembro de 2008.

vi”¹⁴⁰. Lanzetti ressalta sua posição como representante das instituições e nega uma “tolerância”, digamos, “consciente” dessas práticas, admitindo que esses fatos podem ocorrer no caso de *não serem vistos*. Precisa ainda destacar que quando os fiscais atuam removendo os “abusivi” o fazem por meio da ameaça aos vendedores de levar embora os objetos, e esta ação também representa uma prática informal, de fato, formalmente, o guarda deveria confiscar as mercadorias e multar os sujeitos.

O relato de Luca Rossi, o guarda que tinha me contado o episódio do achado da caveira, pode ajudar a entender esta dinâmica.

Rossi me conta que para mandar embora um “abusivo” o trabalho é demorado e burocrático: confiscar as coisas comporta fichá-las todas, recolhê-las e, se o “abusivo” não tem documentos (é clandestino), como muitas vezes acontece, é preciso levá-lo á policia e isso obriga o fiscal a abandonar o território. Há mais ou menos trinta guardas municipais que trabalham na área de Porta Palazzo, relata, e segundo ele são poucos (dessa forma justifica parte da falta de monitoramento). Diz também que quando se encontram coisas abandonadas, o processo de apreensão é mais rápido. (...). Deixa então entender, me parece, que para poder efetuar a apreensão se utiliza desta estratégia tendo em vista a agilização do serviço: se codifica a mercadoria como abandonada e esta é recolhida, deixando livres as pessoas. Se são clandestinos o processo é muito longo, enfatiza. Conta que as cenas são bizarras às vezes. A maioria dos “abusivi” clandestinos estão em suas primeiras experiências. Logo chegaram em Torino, estão aí para arcar com a sobrevivência, e “ainda não sabem que devem fugir dos guardas, precisam de um pouco de tempo para entender que se vêem dois chapéus brancos, (a roupa que usam) devem abandonar as mercadorias e fugir”¹⁴¹.

A versão de Rossi permite entender algumas questões. Primeiramente o porquê do uso das ameaças aos vendedores: intimá-los a retirar as mercadorias e abandonar o espaço simplifica duplamente o trabalho de monitoramento, permitindo aos guardas não dever recolher os objetos e não se colocar nas condições de controlar os documentos dos “abusivi”. Afirmar que os recém-chegados “não sabem que devem fugir”, remete a comportamentos que os fiscais esperam se estabeleçam para fazer funcionar mais “agilmente” o sistema de fiscalização. Este é então burlado pelos mesmos guardas que

¹⁴⁰ Diário de campo, 23 de setembro de 2008.

¹⁴¹ Diário de campo, 4 de outubro de 2008.

usam suas presenças em campo, considerada em termos de *visibilidade* (“os dois chapéus brancos”, sempre circulam em duplas), como meio que, por si, deveria operar uma ordem.

A Polícia Municipal no Balôn aplica as sanções somente em algumas circunstâncias: quando se comercializam objetos roubados ou falsificados, prática que, do ponto de vista normativo, remete à esfera da ilegalidade e quando os “irregulares” estão instalados em áreas comerciais mais elitizadas, como Via Borgo Dora. Nesse último caso a polícia pode adotar práticas de repressão menos drásticas: Lanzetti manda a “velhinha” se instalar no Canale Carpanini. O “abusivo” tem que saber *onde* se posicionar e estabelecer relações com os vendedores “regulares” vizinhos que lhes garantam seus consentimentos, como no caso do ambulante ao lado de Thomas. Nas demais situações os fiscais “fecham um olho”. Entenderemos melhor o porquê dessa postura mais adiante. Por enquanto há que se ressaltar que a “tolerância” para com a informalidade, por parte da Polícia Municipal, tem lógicas e regras, assim como ilustram os relatos de ambulantes que trabalham também em outros mercados. Seguirei com um exemplo:

Na semana do Natal Lanzetti tirou férias e foi substituído por outros guardas. Enquanto eles fiscalizavam uma banca, Mario, olhando a operação me comentou: “quando Marco não está e vêm pessoas novas é sempre assim, eles não sabem como funciona aqui”¹⁴².

Situações de irregularidade são observadas não somente entre os ambulantes. Alguns antiquários trabalham em locais que são normativamente classificados como depósitos, onde não se poderiam efetuar operações comerciais, mas que são usados como espaços de venda. Essa situação se verificou em uma ocasião:

(Encontro-me com) Paolo Galimberti¹⁴³, que me convida para visitar sua loja (...). Me leva até lá, me mostra a loja, tem vários móveis. Conta que seu sócio trabalha na área dos moveleiros do Canale Molassi e vende de tudo. Fazem as mudanças. Antes

¹⁴² Diário de campo, 17 de dezembro de 2008.

¹⁴³ Vendedor que começou a atuar como ambulante abusivo nos anos 80 e depois integrou o grupo de feirantes do Canale Molassi.

de sairmos cobre, por dentro, as vitrines com grande painéis coloridos alegando que se chega a fiscalização ele diz que é um depósito, assim “não podem falar lhe nada”¹⁴⁴.

Em outro contexto, Galimberti define a ilegalidade:

Em relação à fiscalização me explica que o que é ilegal e perseguido é: pelos estrangeiros estarem no território sem visto, serem clandestinos, e/ou venderem objetos roubados ou falsificados. Quando rebato que no Balôn sempre se venderam coisas roubadas, ele diz que sim, mas não de forma evidente, por baixo dos panos... diz que se tudo for roubado, esta se torna regra e é preciso que o mercado tenha uma aparência de legalidade¹⁴⁵.

“Cobrir vitrines”, atuar “por debaixo dos panos”, ser visto/não ser visto, ver/não ver. A questão da visibilidade é central nesse contexto, tanto em relação às práticas dos guardas, quanto dos vendedores, tornando-se o dispositivo através do qual é possível viabilizar circuitos informais e/ou ilegais de comércio. A atitude da Polícia Municipal é criticada pelo grupo dos comerciantes, sobretudo os lojistas, que alegam “não estar fazendo o seu trabalho”. A informalidade, então, não é praticada pelos vendedores e “tolerada” pelos guardas, mas é produzida em conjunto. Nesse sentido os fiscais não devem ser vistos como operadores externos, mas como atores que agem usando dinâmicas através dos quais o mercado (entendido como lugar territorial e espaço sócio-econômico) se constrói.

A “informalidade”, nesse sentido, representa parte do *éthos* do Balôn e deve ser considerada como um dos elementos constitutivos de sua identidade. É no contexto deste *éthos* que se moldam as representações de muitos vendedores que o qualificam como espaço “livre”, “espontâneo”, reivindicando ser este um aspecto perdido pela feira ao passar pelo processo de formalização que, na metade dos anos 1990, a prefeitura empreendeu.

¹⁴⁴ Diário de campo, 24 novembro de 2008.

¹⁴⁵ Diário de campo, 11 de outubro de 2008.

Foto 35 - Manifestação de grupo de “*ex-centoventunisti*” na praça do Arsenale.



Fonte – Bruno. “No Balôn não se mexe”.

4.2.2 Mediações estratégicas

“Eu me lembro de uma noite quando tinha a polícia, falavam de uma ação dura e então você se prepara... todos lá..., e então um de nós diz “preparamos tudo”, pega uma lata onde tem, tipo, quatro litros e meio de água e meio de gasolina e na frente da polícia diz “me ponho fogo!” e derrama sobre si o conteúdo dessa lata. A gente está ali e eu vou logo pra polícia e digo “agora, se acontece alguma coisa a culpa é de vocês porque vocês viram, ele se encheu de gasolina, então, cuidado como vocês se mexem!”. Ligamos para os jornalistas, todas essas coisas aí e o outro lá com o fósforo na mão que diz: “eu me ponho fogo, eu me ponho fogo!” e explica, diz... “porque eu preciso trabalhar”, mostra as contas, as receitas de medicamentos que tem que pagar e então todos, sabe, seguravam a onda dizendo “não, não faça isso, fica parado!”, ao mesmo tempo eu pra polícia, “não se mexam! Porque se vocês se mexerem, serão responsáveis e todos somos testemunhas de que a culpa é de vocês.”

(Dario Di Gennaro, 13 outubro 2008)

Fabrizio Moggi, membro da Polícia Municipal da seção central de Porta Palazzo, referindo-se à atividade dos guardas antes do reordenamento ocorrido na metade dos anos 1990, relata:

“A gente controlava só uma parte do mercado, até a ‘praça dos orelhões’ (o atual “largo” da Via Borgo Dora), o resto se deixava, só fazíamos sequestros se alguém vendia coisas novas porque tinham nos mandado ser inflexíveis com isso. Ainda hoje isso não é aceito. Só uma parte era controlada, tinha controle, mas não de fato entre a banca e quem estava atrás”¹⁴⁶.

Nessa época o mercado se estendia desde a Via Cottolengo, Via Mameli e Piazza Lanino até a Piazza dell’Arsenale (o final da Via Borgo Dora) ocupando também o ponte Mosca sobre o rio Dora.

¹⁴⁶ Diário de campo, 19 de dezembro de 2008.

Enquanto quem possuía licença estava instalado no espaço até o largo, misturando-se com alguns “centoventunista”¹⁴⁷, para além desse espaço se colocavam exclusivamente esses últimos. Moggi, como pudemos ler, aponta uma distinção que os guardas faziam em relação ao monitoramento desse espaço e dos vendedores que aí se instalavam. Naqueles anos iniciou um processo de “reordenamento” do mercado, que começou nas regiões próximas da Piazza della Repubblica em direção ao rio: “Começamos de cima e gradativamente descemos até o final...”, explica Moggi representando o centro e a periferia da área, alegando que na época a organização formal do Balôn era confusa: “não se entendia quem estava e quem não estava, quem tinha licença e quem não tinha”¹⁴⁸. Foram concedidos lugares que estavam vagos, redistribuídos vendedores com alvará em toda a região entre a Piazza della Repubblica e a “praça dos orelhões” dando a prioridade aos lojistas para a ocupação dos espaços em frente às suas lojas e depois para os vendedores ambulantes. Em 1998 a lei “Bersani” determinou a abolição do artigo 121 sobre todo o território nacional, de modo que os vendedores que possuíam esse alvará, representando quase 70% dos operadores do mercado, para continuar a trabalhar precisavam adquirir uma licença comercial. A maioria deles, quase todos “coletores” e “abusivi”, ficavam concentrados na “periferia” do mercado, isto é, entre a “praça dos orelhões” e a ponte Mosca, região, como vimos, menos monitorada pelos guardas. Esse espaço comercial era freqüentado pelos antiquários nas madrugadas das sextas-feiras, sendo o lugar onde, segundo eles, se faziam “os bons negócios”.

A nova lei mudou a condição dos “centoventunisti” que passaram à condição de “abusivi”. Apesar das tentativas oficiais de remoção, eles permaneceram trabalhando até o ano 2000, participando de episódios de conflitos devidos à intervenção da polícia. O relato de Dario Di Gennaro, que transcrevi acima, se insere neste contexto. Os ambulantes declaravam aos guardas estarem impedidos de se formalizar devido ao custo do alvará e de sua manutenção, e reivindicavam o direito de trabalhar sem licença. Alegavam que o Balôn sempre fora um mercado “livre” e “tirá-los”, isto é impedi-los de atuar, significava “perder” um elemento tradicional da cidade¹⁴⁹. O argumento que os vendedores usavam, e que ainda hoje alegam, remete a duas questões: uma ligada à prática do trabalho e outra à forma de atuação “na praça”. Os “centuventunisti”

¹⁴⁷ Quem trabalhava com o alvará 121.

¹⁴⁸ Diário de campo, 19 de dezembro de 2008.

¹⁴⁹ Entrevista de Lucy, Bruno, Thomas, Dario.

declaravam estar reproduzindo a atividade “originária” dos *ferramiu*, assim como Dell’Aquila afirmava, e a “liberdade” de exercê-la sem pagar impostos. Dessa forma, estabeleciam uma continuidade com a história desse mercado, identificando-se com sua tradição e sua identidade: fazendo da prática da informalidade um aspecto tradicional, procuravam legitimar os próprios direitos como trabalhadores. Se de um lado, como vimos anteriormente, os antiquários omitiam a “coleta” - prática associada à “simplicidade” e “pobreza” - da memória da feira, aqui esta se torna o alicerce para viabilizar a legitimidade desses vendedores. O discurso da tradição nesse contexto, então, se desdobra em duas apropriações antitéticas por parte dos respectivos grupos, representando uma “memória partida” (Portelli, 1991). Esta partição se explicita, não somente na disputa simbólica do espaço do mercado, mas também em práticas políticas empreendidas por parte dos dois grupos.

O discurso dos “*centoventunisti*” foi construído em encontros e reuniões dos vendedores se tornando um “projeto social” (Velho & Kuschmir, 2001:33). No intuito de garantir o direito de continuar a trabalhar sem licença, os atores se reconheciam em “interesses comuns” definindo-se como agente político e interlocutor direto com a prefeitura. “A estabilidade e a continuidade desses projetos supraindividuais dependerão de sua capacidade de estabelecer uma definição de realidade convincente, coerente e gratificante – em outras palavras, de sua eficácia simbólica e política propriamente dita” (id. *ibid.*:33). O êxito deste projeto e das lutas empreendidas, como veremos, resultou no reconhecimento e regularização de sua condição como trabalhadores “não profissionais”.

Depois do trabalho da Polícia Municipal a prefeitura passou a atuar através de *The Gate*, para tentar mediar os conflitos que estavam se criando. Em relação à questão dos novos “*abusivi*”, a presidente da agência, Ilda Curti, aponta que a mudança da lei e os problemas de ordem pública eram as razões primárias que levavam a prefeitura a intervir¹⁵⁰. “Tirar” esses trabalhadores, porém, tinha, segundo ela, duas consequências: uma relativa à identidade do mercado e outra à sua função de “amortecedor social”.

¹⁵⁰ Além das causas declaradas pela prefeitura, outras questões estavam presentes em uma conjuntura de fatos que favorecia a remoção ou o deslocamento desse grupo daquela região: a pressão dos “comerciantes”, isto é, os vendedores com alvará, que reivindicavam e apelavam à uma legalidade para todos, os abaixo-assinados dos moradores incomodados com o barulho do mercado “abusivo” e, enfim, os pedidos de Ernesto Olivero, presidente do Sermig, a instituição de caridade alocada ao lado do Cortile del Maglio, no ex-arsenal militar.

“...o perigo era de perder a maior parte do Balôn, porque não é que você perde um mercado qualquer... perde alguma coisa..., porque estávamos todos cientes, também os... os mais legalistas entre os comerciantes do Balôn que na verdade esses 300 ‘ex-centoventunisti’ constituíam também a identidade, a identidade histórica do mercado, isto é sem eles... o perigo, digamos, que todo mundo via, e nos mesmos, era de esterilizar o mercado, de torná-lo diferente do que era (...). A valoração que fizemos também com os serviços sociais da época era que, se impedíamos a essas pessoas de fazer o Balôn, tudo isso ia pesar também sobre a assistência social porque se torna... essa é uma forma de amortecedor social”¹⁵¹.

Com esta afirmação Curti explicita o ponto de vista da prefeitura em relação ao mercado. O Balôn representa um “amortecedor social” e, como também em conversações sucessivas me foi apontado pelo vice-presidente da agência, é preciso, segundo esta perspectiva, construir uma política de controle sobre o território que dê margem à “informalidade”. Depois de realizar um levantamento demográfico e das condições sócioeconômicas dos trabalhadores, de fato, comprovou-se a condição de pobreza e “necessidade” dos vendedores. Para atender às reivindicações dessas pessoas, garantindo, ao mesmo tempo, que o fluxo comercial do Balôn não fosse prejudicado, a solução que *The Gate* encontrou foi criar um *outro* mercado no mercado.

Para a viabilização desse projeto foi planejada a criação de uma associação, constituída pelos vendedores, através de uma deliberação prescrita *ad hoc* pela prefeitura que legalizasse “a atividade de venda e troca de coisas usadas por parte de operadores não-profissionais”¹⁵². Aceitava-se, então, que os vendedores continuassem a exercer o próprio trabalho sem precisar de uma licença comercial, mas para isso eles deviam reunir-se em uma associação. Sobre seu surgimento há uma discordância de versões, de fato, tanto *The Gate* quanto alguns dos trabalhadores que participaram das lutas, declaram de ter sido os proponentes. Dos relatos emerge que, enquanto *The Gate* começava a operar sobre o território, no período das manifestações do grupo, a formulação do “projeto” dos “centoventunisti” consistia também em se formalizar através de uma associação. De qualquer forma, foi *The Gate* que apresentou a fórmula que lhes permitia permanecer trabalhando. A constituição de uma associação

¹⁵¹ Entrevista, 3 de Outubro de 2008.

¹⁵²“Regolamento per la gestione dell’attività di vendita e scambio non professionale di cose usate nell’area del Canale Molassi”. Raccolta dei regolamenti municipali, Città di Torino, 2006.

representava a condição necessária para que a prefeitura pudesse elaborar um decreto, por meio do qual suas relações com este grupo se tornariam formalizadas. Curti comenta assim a fase das negociações:

(a associação) “...nasceu porque era, na verdade, a única modalidade possível, não? Definir uma área e dizer: a associação administra. O problema era que devíamos ter uma associação verdadeira, não uma associação de mentira que chegava de fora, isto é, devíamos fazer com que lá nascesse uma comunidade capaz de se reconhecer na associação que administrava a área. Assim começou esse percurso mais ou menos em 2001, 2002 naqueles anos com discussões, reuniões e encontros, então: o que é uma associação, o que significa fazer associação... essas eram todas pessoas na realidade que tinham uma vida de rejeitados, não? (Sorri)... com enormes... nenhuma vez na vida tinham visto diretamente um assessor, nunca tinham tido relações com as instituições que não fosse com os guardas e a polícia.”

A partir deste momento, *The Gate* passa a monitorar o processo de criação da associação: foram escolhidas 20 pessoas que a agência oficializou como “*lideres*”, por meio dos quais fez antes um levantamento dos vendedores, para saber quem eram os vendedores “*abusivi*”, que Curti define como “presenças invisíveis”, e depois, sempre através deles, foi constituída a associação. Workshops, reuniões, encontros serviram para formar lideranças que foram orientadas pela agência sobre o que era uma associação, quais eram suas funções e como deveriam proceder para o seu empreendimento. Nasceu assim a *Associazione Vivi Balôn* que tem como “objeto social a valorização das relações e das tradições culturais da área do Balôn” e a função, sancionada por uma convenção específica, de “organizar” e “administrar” o mercado por conta da prefeitura¹⁵³. Aceitando que os “*ex-centoventunisti*” trabalhassem sem licença a prefeitura legitimou o mercado como um espaço “tradicionalmente informal” e, conseqüentemente, formalizava os trabalhadores, regularizando-os.

A forma que *The Gate* escolheu para operar nesse contexto levou em conta a flexibilidade de papéis, o intenso interacionismo e as dinâmicas informais que caracterizam as relações entre os atores. A estrutura proposta por *The Gate* facilitava

¹⁵³ “Regolamento per la gestione dell’attività di vendita e scambio non professionale di cose usate nell’area del canale Molassi”. Raccolta dei regolamenti municipali, Città di Torino, 2006.

esse processo. De caráter misto, público-privada, com a prevalência da prefeitura, *The Gate* atua como setor técnico terceirizado. Foi a partir dessa posição que desenvolveu a estratégia adotada nesse contexto: assumindo o papel privado para agir sobre o território. Ilda Curti comenta assim essa escolha de atuação:

“... certamente o elemento de terceirização do Gate tanto em relação à administração pública quanto aos sujeitos do território foi uma escolha que ganhou porque permitiu adquirir um papel que diferentemente não teria... porque a oficialidade... quero dizer que a prefeitura quando em 2000 começamos a enfrentar o tema dos ‘centoventunisti’, a prefeitura não podia fazer o trabalho que a gente fez porque a administração pública tem que aplicar a lei e então também os funcionários públicos devem aplicar a lei. Então lembro que naquela fase, por exemplo, discutíamos com a prefeitura os possíveis caminhos, mas não fazíamos expor nenhum funcionário à relação direta com eles, porque teriam... podiam ser acusados de ‘omissione d’atti d’ufficio’¹⁵⁴, enfim ... a administração pública não pode discutir de forma explícita com os “abusivi” e então nós entramos para preencher esse vazio e depois quando se formalizou a associação então foi a associação que tinha relações diretas com a administração”.

Ao Estado, como representante legal-normativo, não é permitido ter uma relação direta com a dimensão ilegal se não como sancionador. Assim, sendo que o interesse era transformar a realidade desses trabalhadores e não aboli-la, a prefeitura procurou um meio através do qual pode interagir. *The Gate* entrou como mediador nas negociações e empreendeu uma política voltada à construção de uma outra figura, que posteriormente pudesse substituí-la, garantindo assim uma relação “direta”, formal, entre trabalhadores e prefeitura. Curti comenta em outra parte da entrevista que a explicitação de *The Gate* como membro da prefeitura na praça teria dificultado a construção de relações de confiança com os vendedores, assim, a agência se apresentou aos vendedores de uma forma não institucional. Essa ambiguidade é assim comentada:

“Também uma modalidade um pouco ambígua não é? O fato de jogar pela

¹⁵⁴“Prevaricação”：“É a prevaricação um delito atribuído ao agente público, quando este retarda ou deixa de praticar, indevidamente, ato de ofício, ou mesmo vem a praticá-lo contra expressa disposição legal, para satisfazer interesse ou sentimento pessoal (CP, art. 319)”.
<<http://www.jfrn.gov.br/docs/doutrina178.doc>> Acesso em 12 de Outubro de 2009.

prefeitura, mas sem ser a prefeitura nos permitiu ter informações, um conhecimento muito detalhado das situações que depois influenciaram as políticas públicas. Estabelecido isso, nós sempre tentamos... ser leais seja em relação a quem nos falava as coisas, seja em relação à prefeitura, isto é jogar com lealdade não é muito fácil porque às vezes se tem que escolher de que lado ficar. Nos sempre consideramos o Gate como um instrumento da prefeitura de Turim, então, com um nível de lealdade. Em algumas fases também, por exemplo, a gente não concordou com as escolhas que a prefeitura fazia, porém com um nível de... consciência e de confiança que nos permitiu também ter crédito para ir até a prefeitura e dizer: “hei, olha que essas coisas que você pensou aí não estão funcionando” por que..., não?... “se diz que”... muitas vezes usamos a frase “se diz”..., não? “olha que lá (em baixo)¹⁵⁵ dizem...” Porém isso certamente permitiu ter... digo, depois de dez anos podemos afirmar isso, uma boa legitimidade com o território, mas também uma boa legitimidade com a prefeitura. Depois, o fato de eu ter me tornado assessor é a prova disso”.

A ambiguidade da posição do *The Gate* decorre do fato de que ele usa estrategicamente uma aparência de neutralidade, embora seja um “instrumento da prefeitura”. *The Gate* é um mediador politicamente posicionado e a configuração hierárquica da sua relação com os “*ex-centoventunisti*” é aqui evidenciada pelo termo “*giù*” que indica o lugar ocupado por estes últimos na representação da agência. Essa posição, reciprocamente, é reiterada pelo presidente da associação Dario Di Gennaro que falando de como nasceu a *Vivi Balon* disse:

“Então, a idéia foi do Gate que precisou chegar aqui¹⁵⁶(em baixo), rodar pelo mercado e procurar convencer... (...). O Gate fez um grande trabalho seja sobre o mercado, seja sobre as pessoas. Eu, o que sempre falei é: “agradeço vocês porque eu foi para a escola (...) e aprendi como me mexer, como raciocinar”.

The Gate ao longo de todo esse percurso, operou construindo relações de aparente reciprocidade, afirmando a sua posição hegemônica frente ao grupo dos “*ex-centoventunisti*” para poder implementar a associação segundo os interesses da política

¹⁵⁵ Entrevista, 13 de outubro de 2008. O presidente de Gate diz, em italiano, “*giù*”, que deveria ser traduzido literalmente com “lá em baixo” e repete o mesmo termo logo depois.

¹⁵⁶ Em italiano “*giù*”.

municipal. Disso resulta a lógica assimétrica por meio da qual se constituiu a Vivi Balôn. A associação, com a sua estrutura administrativa e os sujeitos que a compõe, assim como a política que empreende em relação ao mercado precisam ser analisados levando em conta essa modalidade ambígua, que caracterizou o processo de sua institucionalização. Isto nos oferece, então, os instrumentos para entender melhor algumas das dinâmicas que hoje a caracterizam.

Do ponto de vista da prefeitura o nascimento da associação e de *outro* mercado foi uma manobra conveniente. De fato, o processo levou à terceirização da tarefa de organização e controle sobre esse espaço, assim que, hoje, a prefeitura passou a ter um controle indireto sobre uma realidade que antes estava fora da alçada do Estado¹⁵⁷.

Do ponto de vista dos trabalhadores a mediação foi bem sucedida porque puderam continuar exercer seu trabalho sem licença. A ação do *Gate*, porém, redefiniu as relações políticas entre os vendedores. Antes da formalização, quando o grupo atuava na praça na frente do Arsenale, eram os próprios ambulantes que administravam a distribuição dos espaços. A pessoa que trabalhava há mais tempo era reconhecida como tendo direito sobre o território e o “lugar” onde era alocada sua banca era tomado e defendido com a “força”, caso viesse a ser ocupado indevidamente. O tamanho da área era variável e remetia, na representação dos vendedores, a diferenças de poder entre os participantes da feira. Os moveleiros, por exemplo, que usavam uma área maior, tinham se legitimado pela “ancianidade” e/ou por práticas violentas de imposição, sendo classificados como lideranças do grupo. Alguns vendedores dessa categoria foram os que mais se bateram pela permanência do mercado. Hoje a associação reconhece a noção da “ancianidade” assinalando lugares fixos para quem trabalha no Balôn desde aquela época e a categoria dos moveleiros permanece tendo legitimidade tanto entre os vendedores quanto entre os coordenadores da associação, o que se expressa através de concessões e construção de relações caracterizadas por atitudes de respeito.

¹⁵⁷ Quando implementaram a política de reordenamento, o mercado estava aumentando em direção ao ponte Mosca. Não tenho dados numéricos nesse sentido, mas os relatos que recolhi, tanto dos vendedores quanto dos guardas que operaram sobre o território, concordam sobre o fato que o mercado estava se expandindo rapidamente. Fabrizio Moggi, se referindo àquele período, chama esse recorte de mercado com termos como “*macello*”, “*casino*”, “*puttanaio*”, em português “zona”. A representação de um espaço “selvagem”, palavra que ele mesmo usa, aponta à uma realidade “desordenada e violenta”. Consequentemente, a instituição do mercado no Canale Molassi, com o relativo deslocamento do grupo, é visto pelo Moggi como uma “vitória da ordem” e conclui dizendo: “enfim conseguimos confiná-los”. A dimensão de “selvageria” se reitera na visão de *Gate*, assim como revelam alguns trechos da entrevista de Ilda Curti, que menciona, em relação ao próprio trabalho operado, as características de “educação” e “justiça”.

Mostrei aqui brevemente uma dupla continuidade de valores e práticas que, nesse caso específico, se articula nos níveis formal e informal. Nela a noção de “ancianidade” foi formalizada, enquanto que a legitimidade dos moveleiros continua, por alguns aspectos, se verificando informalmente. Por outro lado, o elemento de ruptura com o passado, que aparece com mais evidência nos relatos, se refere à questão do espaço de trabalho. De fato, o tamanho padrão de dois metros por dois e de quatro por quatro dos moveleiros é apontado como restritivo pelos “*ex-cetoventunisti*”. A limitação, como consequência de uma organização “justa” do mercado, é um tema recorrente nas declarações e se relaciona tanto aos lugares quanto ao recorte de espaço destinado para o mercado. A garantia de “livre” acesso à feira, qualidade que, ao princípio, os vendedores que participaram das lutas reivindicavam como tradicional, não se verifica. A estes, como vimos, se atribuíram “postos fixos” através de um acordo interno, que se tornou norma da associação¹⁵⁸. O critério usado favorece os “velhos” da feira, alguns dos quais aposentados, frente aos “recém-chegados”. Para estes últimos sobram 40 vagas, que, como comentei no capítulo anterior, não satisfazem os numerosos pedidos de novos vendedores, em sua maioria imigrantes estrangeiros.

Se a questão da regulamentação foi resolvida é preciso lidar, agora, com uma realidade problemática que vê muitos sujeitos necessitarem de um espaço para trabalhar. De fato, as férias coletivas determinadas na maioria das fábricas da cidade, em consequência da recente crise econômica, estão aumentando os pedidos de lugares que a associação não consegue satisfazer. Os limites físicos da área preestabelecida e a política exclusivista da associação deixam “de fora” muitas pessoas que se posicionam hoje, “abusivamente” na região entre Piazza San Pietro in Vicoli e Via Cigna. O mercado Molassi se caracteriza, então, como “espaço aberto” e “espaço fechado”. Legitimando os “antigos ocupantes” atribuindo-lhes lugares fixos, fecha-se o acesso a uma área do mercado aos “recém-chegados” que, à margem das políticas públicas, procuram novos espaços. Sem disputar o lugar dos “antigos”, reproduzem a dinâmica do “espaço aberto” nessa outra região. A requalificação social dos espaços do Balón, então, cria e legitima hierarquias, de forma que os recém-chegados enfrentam

¹⁵⁸ Diário de campo, 23 de outubro de 2008.

resistências tanto por parte dos “estabelecidos” (Elias, [1965] 2000), quanto do poder público.

O mercado Molassi, o “mercado dos pobres”¹⁵⁹, como o definiu Angiolina, sua coordenadora, é visto pelos residentes do bairro como “mercado abusivo”. Estes, periodicamente, apresentam abaixo-assinados, se queixando do “lixo” deixado pelos vendedores na praça e, frequentemente, interpelam a Polícia Municipal para a remoção dos vendedores “irregulares” que se alocam a margem da Piazza San Pietro in Vincoli. Por outro lado, os ambulantes do resto do mercado, especialmente os “comerciantes” como Dario, sobre o qual relatei no capítulo anterior, produzem discursos sobre a “irregularidade” dos operadores que aí atuam, representando o fato de eles estarem trabalhando sem licença como atitudes de “esperteza” e “malandragem”. Os lojistas do bairro, por sua vez, membros da *Associazione Commercianti Balôn*, identificam o Molassi como espaço *outro*, apelando negativamente à qualidade étnica que parcialmente o caracteriza. Apesar desses argumentos desqualificativos, essa região da feira é o lugar onde “comerciantes” e “antiquários”, e também clientes específicos como “coleccionadores” e “advogados”¹⁶⁰, se dirigem de madrugada para procurar o “achado”. O trabalho dos “coletores”, que jogam sobre seus panos todo tipo de mercadorias, oferecidas usando um critério de valoração não específico, caracteriza o mercado Molassi como a região do Balôn onde “é ainda possível” fazer bons negócios¹⁶¹.

¹⁵⁹ Diário de campo, 27 de outubro de 2008.

¹⁶⁰ Quem dá esta informação é Gualtiero. Diário de campo, 12 de outubro de 2008.

¹⁶¹ Gualtiero, diário de campo, 12 de outubro de 2008.

4.3 DISPUTAS CRUZADAS: O “CASO” VIA COTTOLENGO

Foto 36 – Mercado de Via Cottolengo



Um sábado em Via Cottolengo (2008)

Assim como o Canale Molassi representa um mercado dentro do mercado, tanto do ponto de vista normativo quanto a partir das representações dos agentes que compõem o Balôn, *outra* região da feira é identificada, pelos vendedores italianos, por meio de marcadores que remetem à alteridade: a Via Cottolengo. Este espaço, que formalmente faz parte da região administrada pela prefeitura, como vimos no capítulo anterior, é quase totalmente constituído por ambulantes magrebinos, e em minoria, oesteafrianos. Como também já aponte, aos olhos dos vendedores italianos existem graus de “pertencimento” às áreas e/ou grupos sociais do Balôn, matizados a partir da noção de “ancianidade”. Esta categoria, que comporta a idéia de “autoctonia”, se expressa através de fronteiras traçadas em relação aos “recém-chegados”, representados pelos “estrangeiros”. Segundo essa lógica, a porção de mercado em que esses últimos se concentram se apresenta aos olhos dos vendedores dos italianos como “distante”.

No dia 15 de setembro de 2008, quando fiz o mapeamento dessa região da feira, pude observar que na quadra que se estende da esquina da Piazza della Repubblica até a Piazza Lanino, havia 19 estabelecimentos comerciais distribuídos entre os lados esquerdo e direito da rua, dentre os quais quatro estavam fechados e dois estavam à venda. Eram sete os que abrigavam imigrantes estrangeiros: um de artigos chineses, um supermercado de propriedade chinesa chamado “Etnicmarket”, que vende alimentos e produtos árabes e oesteafrianos, duas lanchonetes árabes que oferecem pizzas e *kebab*, um açougue e um cabeleireiro árabes. As lojas italianas eram em número de seis: um bar, uma loja de autopeças, duas lojas que vendem e consertam bicicletas, uma loja de ferramentas e um centro médico, com estacionamento. Essa rua do Balôn é uma das áreas de maior concentração do comércio estrangeiro. A esquina com a Piazza della Repubblica está quase sempre ocupada por grupos de jovens marroquinos que conversam, em pé ou sentados na calçada e nos degraus das lojas. Este espaço de sociabilização é, também, um ponto de venda de drogas. Casas muito degradadas fazem parte dessa paisagem urbana, dentre elas, os maiores cortiços do bairro. Alguns destes conjuntos habitacionais que ficam entre Corso Regina, Piazza della Repubblica, Via Cagliero e Via Cottolengo encontram-se, por isso mesmo, incluídos nos “Planos de recuperação obrigatória” da prefeitura (*The Gate*, 2004), juntamente com outras três áreas de Porta Palazzo. Até agora, porém, não houve intervenção para a requalificação urbana da região. Quanto à proveniência dos residentes, essa é a área de maior densidade de população imigrada em Porta Palazzo. Resumidamente pode ser

caracterizada como uma área comercial¹⁶², situada em uma região urbana degradada e com um dos maiores índices de presença “estrangeira” de Turim.

Aos sábados, a Via Cottolengo abriga o mercado Balôn e, aos domingos pela manhã, reuniam-se aí centenas de magrebinos, em sua maioria marroquinos que trabalhavam informalmente. A feira do domingo, o “mercado árabe” como era chamado pelos italianos, funcionava até mais ou menos meio dia. Esta feira “abusiva” desapareceu depois de uma batida policial ocorrida na região, no dia 11 de outubro de 2008, realizada a pedido dos moradores e comerciantes do bairro para a remoção das atividades “ilegais”.

O que se vende especificamente nesta área de mercado e quem são os vendedores?

Reportarei aqui o mapeamento por mim realizado no dia 13 de dezembro de 2008, alguns meses após a batida policial. Por essa razão, não incluí as dezenas de vendedores “informais” que aí atuavam.

Com lugar para 23 bancas, como indica o mapa utilizado pelos guardas municipais, o local é ocupado por 22 pontos de vendas, dos quais dois são de vendedores italianos, 16 de magrebinos e quatro de oesteafrianos. O número de bancas não coincide necessariamente com o número de vendedores, sendo que o lugar de venda pode ser, como já relatei, compartilhado entre quem tem a licença, responsável formal pelo espaço, e outro vendedor informal. A etnicização desse espaço não remete somente aos vendedores, mas também aos clientes. Na foto apresentada acima, as pessoas retratadas são de origem magrebina, à exceção das quatro mulheres que parecem contornar a feira dirigindo-se em direção à calçada. Com relação aos vendedores, os dois únicos italianos que vendem mercadoria nova, um deles artigos para cozinha e banheiro, como tapetes e toalhas e o outro objetos para uso doméstico como secadores de cabelos, panelas e liquidificadores, estão instalados “nas pontas”, nos dois extremos da rua, um na esquina com a Piazza della Repubblica, o outro na esquina com a Piazza Lanino, sendo a parte central da rua ocupada inteiramente pelos ambulantes estrangeiros. As mercadorias oferecidas nessa região são constituídas principalmente por material eletrônico novo e usado como celulares, relógios, câmeras digitais, baterias etc., roupas e sapatos novos e usados, ferramentas e objetos usados para uso doméstico, como panelas, louças etc.. Em menor quantidade pode-se encontrar artigos provenientes

¹⁶² Com algumas dificuldades relativas à atividade do comércio fixo, de fato, 1/3 das lojas está inativo.

do Marrocos e da Arábia Saudita, como incensos, perfumes, livros para criança, Alcorão e terços. Os artigos novos são, na maioria, produtos de origem chinesa.

Antes da “limpeza” realizada pela polícia, assim chamada pelos moradores e comerciantes italianos a operação de repreensão atuada pelos Órgãos de Segurança Pública, os vendedores informais que trabalhavam na Via Cottolengo, quase todos imigrantes africanos e magrebinos, muitos dos quais clandestinos, instalavam-se entre as bancas regulares, com mesas ou panos estendidos no chão. Essa prática, como também já foi visto, é comum no mercado Balôn, mas nesta rua adquiria proporções mais expressivas. Chegando em diferentes momentos do dia, eles ocupavam os recortes livres de rua entre os vendedores ou atrás deles, sendo criada assim uma fila dupla próxima aos edifícios. Dois corredores eram, portanto, criados e repletos de clientes que fluíam em duplo sentido durante a manhã toda. Quando vi os “abusivi”, percebi que além de venderem produtos que descrevi anteriormente, comercializavam também mercadoria nova, sobretudo, roupa e sapatos de marcas falsificadas, dispostas em cima de caixas de papelão, ou dentro de bolsas abertas e dispostas no chão, ou, ainda, em cima de pequenos panos¹⁶³. Sentados na calçada das lojas e da rua, os vendedores, com estes suportes improvisados, podiam recolher rapidamente a mercadoria caso houvesse alguma fiscalização repentinamente. Entre os vendedores marroquinos, a grande maioria eram homens com idade variável entre os 25 e 45 anos; as poucas mulheres que participavam do comércio ficavam posicionadas na esquina com a Piazza della Repubblica, oferecendo produtos alimentícios, principalmente pão caseiro e hortelã. Dezenas de pessoas frequentavam este mercado pela conveniência dos preços, muito mais baixos em comparação ao das lojas. Pode-se, por exemplo, adquirir uma panela, luvas chinesas ou um par de sapatos por 5 € (euros), uma calça por 3 € (euros), uma camisa por 2 € (euros), enquanto que os mesmos produtos novos podem valer o dobro, o triplo ou mais¹⁶⁴ em lojas regulares.

O mercado de domingo, porquanto não o tenha pesquisado especificamente (visitei-o apenas 4 vezes), me pareceu similar ao de sábado. Embora, do ponto de vista normativo, faça-se distinção entre ambos, uma vez que o primeiro é “abusivo”, a

¹⁶³ Não realizei fotos nesse contexto porque muitos vendedores não quiseram ser retratados. Andar com a câmera à mostra nessa rua provocava incômodo e desconfiança. A única imagem que tenho, que apresentei na página anterior, foi feita do alto de um prédio, sem que fosse vista por eles.

¹⁶⁴ Um euro vale atualmente cerca de 2,7 reais, mas para se ter uma idéia do valor destes produtos, passarei alguns dados que indiquem aproximadamente o custo de vida em Turim: um salário mínimo equivale a mais ou menos 900 euros, o preço mínimo do aluguel de um apartamento é de 300 euros, 1 quilo de pão custa 2 euros e 30 centavos, 1 litro de leite vale 1 euro.

tipologia dos objetos e os vendedores assemelham-se muito. A presença magrebina, porém, aumentava aos domingos, quando a rua era ocupada por vendedores e clientes quase que exclusivamente árabes. Esse mercado funcionava como catalisador de ambulantes marroquinos que aos sábados trabalham em outras áreas do Balôn, como o “largo” de Via Borgo Dora e o Canale Molassi. No domingo eles traziam suas mercadorias para fazer um dia de mercado a mais¹⁶⁵. Frequentemente me vi como única mulher e única italiana a transitar ali, no meio de dezenas de homens, pedindo licença para passar dada a quantidade de pessoas reunidas em círculos estreitos ao redor dos vendedores, onde ficava escutando as barganhas, gritadas em árabe, para mim incompreensíveis.

Nessa área da feira, tanto aos sábados quanto aos domingos, trabalha Joseph¹⁶⁶. Vende produtos árabes que compra no Marrocos e, em menor número, artigos de produção chinesa. A sua banca está posicionada na esquina com a Piazza Lanino.

¹⁶⁵ Assim como vimos no caso de Mohamed, que relatei no item anterior.

¹⁶⁶ Ele tem 45 anos, 3 filhos e mora na Itália desde a metade dos anos 80 com sua família.

Foto 37 – Joseph e sua banca



Via Cottolengo (2008)

Sendo essa sua principal fonte de renda, ele trabalha com alvará e atua em outros mercados de bairro. Em relação à atividade informal dos vendedores que, aos sábados, instalam-se perto da sua banca, alega que “eles também precisam viver”. Seu irmão, Kamal¹⁶⁷, presente durante a conversa, complementa: “às vezes, as pessoas que ganham 900 euros por mês e... sabe... às vezes não dá, é difícil, assim, aos sábados e domingos elas vêm aqui, às vezes querem viajar para o Marrocos...”¹⁶⁸. Quando o encontrei, estava ajudando o irmão na venda. Nessa área de mercado muitos vendedores trabalham com parentes, sobretudo irmãos e primos.

Um dos vendedores que trabalha informalmente no Balón é Karim. No sábado atua no “largo” de Via Borgo Dora e em Via Cottolengo “de vez em quando”, aos domingos, em ocasião do mercado “abusivo”. Karim é marroquino e mora na Itália desde 1999, faz o mercado Balón há dois anos. Trabalhou como carregador para uma empresa que depois o demitiu. Quando conversei com ele estava prestando serviço para uma cooperativa que o chamava somente de vez em quando e pela qual esperava ser remunerado, “não me pagam”, alega. “Faço o mercado para recuperar alguma coisa...

¹⁶⁷ Ele tem 39 anos, está há 8 anos na Itália, morou por 4 anos na Espanha e declara ser caminhoneiro.

¹⁶⁸ Diário de campo, 13 de julho de 2008.

vendo um pouco de tudo...” conta referindo-se à atividade no Balôn “.... vendo um pouco de novo e um pouco de usado...”, produtos eletrônicos, como velhos computadores e celulares, e objetos de produção chinesa que adquire no atacado, como pen-drives, cartões de memória, etc. Diz que não vende “marcas boas”, “os chineses... (...) produzem sempre submarcas (...) que duram pouco. Mas para fazer um bom comércio, precisa de dinheiro... dois mil, três mil euros, só para começar”. Conta que “está parado há uma semana”, (que não está sendo chamado pela cooperativa) e que não tem licença, trabalha com um amigo que tem alvará, “somos sócios”, declara, “nós damos força um ao outro!”. Relata que ganha uma média de 30 a 40 euros por sábado, dinheiro esse que usa para fazer as compras no mercado de Porta Palazzo para a semana. No dia da entrevista, havia ganho apenas três euros e estava desconsolado. “Hoje volto para casa sem compras!”. No mercado de domingo, vende “pilhas chinesas” por 1 euro cada uma. Durante essa feira, declara, consegue “levantar” a mesma quantia de dinheiro que no Balôn. Karim gosta do mercado do domingo e declara que “é uma forma para se encontrarem”. Referindo-se à remoção dessa feira, que havia acabado de ocorrer quando fez a entrevista, afirmou: “se nos deixassem trabalhar aos domingos..., por que não? Se não... é viver a pão e água”¹⁶⁹. A declaração de Karim sobre a feira do domingo, como espaço de sociabilidade reitera uma definição que ouvi, em uma ocasião, quando conversava com outro vendedor marroquino. Este declarou: “aqui todo mundo se encontra e pode ter notícias de um e do outro, de parentes... essa feira é a internet dos pobres!”¹⁷⁰.

4.3.1 Etnicização do espaço e relações “de esquina”

A concentração de vendedores de origem marroquina nessa porção de território promoveu uma etnicização da área, o que ocorreu por uma conjunção de fatores que retratarei através dos depoimentos de alguns atores.

Em relação ao reordenamento do mercado, Fabrizio Moggi relata que os vendedores foram repartidos por regiões segundo o critério da tipologia de produtos vendidos, conforme mencionei no capítulo anterior, estabelecendo Via Cottolengo e Via Mameli como ruas que abrigariam também mercadoria “nova”. Ele alega que na metade

¹⁶⁹ Diário de campo, 8 de novembro de 2008.

¹⁷⁰ Diário de campo, 13 de julho de 2008.

dos anos 90, a Via Cottolengo “já apresentava problemas” e por isso “as pessoas que não queriam ficar lá, foram deslocadas”, de modo que “durante um período havia somente 2 ou 3 bancas no começo da rua”¹⁷¹. Apesar do deslocamento de alguns ambulantes, a Polícia Municipal posicionou nessa região os vendedores que comercializavam artigos “novos”.

Segundo Marco Filiberti¹⁷², o reordenamento do mercado operado pela Polícia Municipal na metade dos anos 90 “estragou a feira”. Responsável por essa piora teria sido de um lado o realocamento dos “centoventunisti” para o Canale Molassi, porque provocou o desaparecimento de parte da clientela prejudicando os ambulantes que permaneceram nessa área do mercado, e, de outro, o posicionamento de alguns ambulantes na Via Cottolengo. Em relação a isso afirma:

*“Jogaram pessoas na Via Cottolengo, naquela bagunça, pessoas que trabalhavam aqui há 30 anos foram jogadas lá, onde são todos estrangeiros... aquele é o gueto deles... encheram aquele lugar de gentinha... Imagina... te jogam em Via Cottolengo? Eles não aguentaram e foram embora, assim o mercado perdeu pessoas... Aqui ainda é um lugar civilizado, mas lá...”*¹⁷³.

A indignação do Filiberti decorre da postura, segundo ele incorreta, da Polícia Municipal, que não estava legitimando os “estabelecidos”, obrigando-os a instalar-se no espaço do *outro*, classificado como “não civilizado”. Esses vendedores, não “aguentaram” e tiveram que renunciar ao próprio lugar, abandonando o mercado. Com o deslocamento desses vendedores mais antigos, ambulantes magrebinos com licença comercial os substituíram. Essa dinâmica repete-se também em relação aos lugares “rotativos”, verificando-se como no caso seguinte.

No mesmo dia em que relatei o processo da “*spunta*” na região de Via Borgo Dora:

Salvatore, (...) que geralmente está alocado perto de Giuseppe (na esquina com Via Cottolengo, onde se concentra o maior número de ambulantes marroquinos), *disse*

¹⁷¹ Ver citação item anterior.

¹⁷² Filho de pai siciliano que chegou a Turim com 15 anos de idade e trabalha por 40 anos no Balôn, comercializando livros e jornais. Marco tem 47 anos, vende produtos eletrônicos novos e usados com a esposa, em Via Mameli. Tem alvará e essa é sua única profissão.

¹⁷³ Diário de campo, 13 de dezembro de 2008.

que queria montar sua banca em Via Mameli. Já tinha ido lá verificar e realmente faltava uma banca. Assim, falou para Lanzetti que se deslocaria para lá. O guarda certificou-se: “Não está mesmo? Não chegou?”, Salvatore respondeu que não, assim o guarda o “liberou”. Os vendedores “rotativos” preferem sempre instalar-se no mesmo lugar, como relatou aquela vendedora “gentil” sobre a qual comentei antes, pois dessa forma podem ser facilmente encontrados pelos fregueses e, assim, garantir a constituição de uma relação continuada com sua clientela. Apesar disso, logo que se apresenta a ocasião, Salvatore decide deslocar-se, afirmando que “prefere não trabalhar no meio dos marroquinos”¹⁷⁴.

O deslocamento de Salvatore, assim como outros “rotativos” italianos que preferem se instalar fora dessa região, contribui para a intensificação da etnicização da Via Cottolengo. Da mesma forma, a dinâmica contrária por parte dos marroquinos “rotativos” que a elegem como espaço preferido, reforça esse processo.

Que relações se estabelecem entre os vendedores que trabalham na fronteira que, ao mesmo tempo, junta e separa essas duas áreas do mercado?

Aos sábados, na esquina da Piazza Lanino com a Via Cottolengo, geralmente estão alocados Joseph, Giovanni e Salvatore.

Caso 1 – O troco

Salvatore está alocado (...) ao lado de Joseph. A mulher que trabalha com Salvatore chama Joseph, dizendo “moço!” e cordialmente lhe pede para trocar dinheiro. Logo, Joseph assente e se aproxima, tirando a carteira do bolso. Enquanto isso, Salvatore, que está um pouco afastado, na outra ponta da banca, grita para ela com tom assertivo e incomodado, “não, não, eu tenho!”. Então ela, sem falar, vira-se de costas para o Joseph, que já está com o braço estendido esperando fazer a troca, e se afasta. Joseph repõe as notas no bolso, se vira e volta na minha direção¹⁷⁵.

¹⁷⁴ Diário de campo, 18 de setembro de 2008

¹⁷⁵ Diário de campo, 10 de outubro de 2009.

Meses antes desse episódio, quando havia perguntado para Salvatore sobre o relacionamento com seus vizinhos marroquinos, respondeu-me: “nada... se tiver que trocar dinheiro...”¹⁷⁶. A troca do dinheiro é considerada como interação mínima entre dois vendedores de rua, com bancas adjacentes. No episódio que relatei, a interação foi bloqueada por sua intervenção, que interrompeu a comunicação entre os dois vendedores. Enquanto que Salvatore produz o discurso padronizado entre a maioria dos comerciantes italianos da feira, articulado sobre a representação do outro como “violento”, “invasivo” e “selvagem”, Giovanni nunca se pronunciou nesses termos. Alegando que ele “se dá bem com todo mundo”, e que “nunca lhe fizeram nada”, esse ambulante mais velho, tanto “na praça” quanto pela idade, procura manter-se à margem dos conflitos. Ao meio dia, é o primeiro a desmontar sua banca, comentando que assim “deixa o lugar para os marroquinos”. Essa afirmação sugere temor à possibilidade de agressão. Desmontar logo a banca é uma forma de evitar uma situação na qual poderia encontrar-se em minoria frente ao grupo dos marroquinos, que deixam a praça mais tarde. Os italianos que trabalham na Piazza Lanino representam para ele um amparo. Esse ambulante, como muitos outros italianos que trabalham no mercado, tem medo.

Episódios de roubo e de agressão na Via Cottolengo são relatados por muitos atores, entre os quais o próprio Joseph, que junto com outros vendedores com o posto fixo nessa rua, queixam-se, alegando a falta de intervenção da polícia¹⁷⁷. Sobre as relações com os outros vendedores italianos, Joseph comenta que “está tudo bem”.

¹⁷⁶ Diário de campo, 21 de dezembro de 2008.

¹⁷⁷ Joseph, junto com outros vendedores marroquinos representam os sujeitos que praticam ações ilegais (roubo e venda de drogas) como “*pessoas que chegaram aqui com barcos*, (referindo-se à imigração clandestina de seus conterrâneos), “*malandros, que não têm nada a perder*”. É interessante perceber como o discurso de muitos italianos e desses ambulantes está padronizado da mesma forma.

Foto 38 – Esquina Via Cottolengo e Piazza Lanino



Esquina, domingo metade da tarde. O Gran Balôn é monitorado pela polícia.
(2008)

Caso 2 – O “Muro”

Se durante o Balôn se verifica uma interação, por mínima que seja, entre os atores, as relações interétnicas “endurecem” no domingo, quando a esquina é ocupada de um lado pelo Gran Balôn e do outro pelo “mercado árabe”.

No mesmo dia em que relatei o sequestro das mercadorias falsificadas e a apreensão dos vendedores “irregulares” oestefricanos no mercado “árabe”, logo após o acontecido, dirigi-me para o Gran Balôn.

(...) me dirijo em direção à Piazza Lanino para entrar no Gran Balôn. Quando chego na esquina, tem uma “fronteira”, percebo que três vans estão alinhadas entre os dois mercados. Duas dessas são de dois ambulantes italianos que estão expondo suas mercadorias do lado oposto ao mercado árabe, em direção à praça. Me aproximo deles e, em relação à música árabe em alto volume que, apesar das barreiras físicas por eles

criadas, chega do “outro” mercado, um dos vendedores comenta: “começam as rezas!” e corporalmente faz o gesto de saudação que abre as preces islâmicas. Riem. Começamos a conversar, eles dizem que posicionam as vans assim para “fazer muro” porque quando colocaram as barras “eles (os vendedores marroquinos) as jogaram fora”. Alegam que os lugares que ocupam, sendo tão próximos desse mercado, são cobrados mais baratos pela associação (Associazione Commercianti Balôn): “pagamos 30 euros ao invés de 50 porque aqui ninguém quer se instalar”. Um deles conta que uma vez “botaram fogo” na van dele e descreve o espaço como selvagem e violento¹⁷⁸.

A associação dos comerciantes, como vimos no trecho da reunião que relatei, procurava soluções para evitar o “prejuízo” causado pelo mercado ao lado e, antes da negociação com o assessor e o chefe da polícia que desembocará na “ocupação militar” ocorrida em outubro, tinha articulado algumas estratégias. Uma vez que estavam perdendo operadores na Piazza Lanino, baixaram o preço dos lugares lá posicionados, mas antes dessa medida, tentaram *recuperar* a região da Via Cottolengo, oferecendo lugares gratuitos para alguns vendedores¹⁷⁹. Mario, “velho” do mercado, foi o primeiro a ser “enviado” pela associação e conta a experiência como uma “missão” na qual, porém, fracassou.

Mário, que também participa do Gran Balôn, conta: “me colocaram para trabalhar lá e depois eu fui embora, não dava para falar nada... senão eles me jogavam a banca pro ar¹⁸⁰!”, mas “quem te colocou?”, pergunto, “a associação, porque queria que houvesse outro acesso ao mercado e então me colocaram lá, me deram o posto gratuito, porque eu sou um duro... ! (ri). Me instalaram na ponta, na esquina com a Piazza della Repubblica, porque diziam “as pessoas te conhecem e assim se aproximam. Mas eu fui embora”. Conta que instalou-se 2 ou 3 vezes. “Falei: se querem que fique lá, vão me pagar! Porque ninguém vinha até a minha banca, os clientes tinham medo... eles... me cercavam”, Mario descreve a situação como se

¹⁷⁸ Diário de campo, 13 de julho de 2008.

¹⁷⁹ Essa rua, aos domingos, é a área mercantil do Gran Balôn, mas, por ser considerada violenta e perigosa, nenhum operador quer ali instalar-se. O mercado “árabe”, além de ser “abusivo” expropria a associação de um espaço que, formalmente, está designado a ela.

¹⁸⁰ “*Mi lanciavano il banco sulla luna*”, literalmente “me lançavam a banca para lua”.

*tivesse sido engolido por uma outra realidade, perigosa, que o tornava invisível aos clientes, sozinho no meio “deles”*¹⁸¹.

O medo era dos clientes, mas também de Mario, que se sentia ameaçado. A associação deixou de oferecer vagas gratuitas depois do episódio de uma briga que aconteceu entre alguns marroquinos, durante o qual as peças comercializadas por uma vendedora (vasos e louças) foram destruídas. A banca daquela senhora não foi alvo da agressão, mas foi derrubada durante a briga, como conta a secretária da associação¹⁸². Outro vendedor italiano relata que naquela ocasião alguns ambulantes marroquinos juntaram-se para recolher um dinheiro e ressarcir a dona da mercadoria. Mas enquanto o episódio da destruição me foi contado por vários comerciantes para confirmar a “não civilidade” desses sujeitos, somente uma pessoa ressaltou a tentativa de reparos dos danos acarretados.

O endurecimento da fronteira interétnica nesse contexto verifica-se a partir de uma dinâmica que se articula em duas frentes opostas: a intensificação da etnicização marroquina de um lado e a elitização da feira Gran Balôn de outro. Os clientes dessa última não são os mesmos, sendo em geral, mais velhos e possuidores de maior renda. “Fazer muro”, construir fisicamente uma fronteira, serve tanto para isolar, demarcando para os clientes descontinuidades entre os dois mercados, quanto para tornar o *outro* invisível. O que percebi foi que a forma de ocupar o espaço público por parte do grupo marroquino é representada, por muitos dos ambulantes italianos, como uma provocação. Sentar na calçada, apoiar-se nos carros, reunir-se em grupos e conversar nas esquinas são práticas interpretadas como “invasivas” e ameaçadoras.

Foram essas as principais experiências que levaram à intervenção do Comitê dos Residentes do bairro e à pressão feita pelos comerciantes, conforme relatado pelo presidente da *Associazione Commercianti Balôn*, culminando na batida policial para a remoção “definitiva” dos “abusivi” que atuavam em Via Cottolengo.

¹⁸¹ Diário de campo, 3 de julho de 2008.

¹⁸² Entrevista com Laura, 4 de setembro de 2008.

4.1.3 A “ocupação militar” de Via Cottolengo

Apresentarei em seguida a cronologia dos fatos que levaram à “ocupação militar” de Via Cottolengo, assim como foram apresentados nos artigos publicados em “La Stampa”, jornal diário de tiragem nacional e de maior circulação em Turim¹⁸³.

Considero relevante apresentar este material porque, através da publicação da imprensa, esse discurso ganhou o espaço público.

30 de setembro de 2008 (terça-feira)

Na sessão de crônica do jornal, aparecem três páginas sobre “o caso” da Via Cottolengo. Três artigos tratam do assunto. O título principal é:

“A cidade abandonada. Uma vida entre traficantes, drogados, degradação e rixas. Gueto Via Cottolengo, “Reféns dos criminosos”. A revolta dos residentes: aqui não chega nem mais a polícia”.

O tom alarmista e de gravidade do título caracteriza a matéria como um todo, construída através de um clímax narrativo que agrega os fatos em um crescendo de dramaticidade. O jornal reproduz a voz dos moradores italianos que constroem uma narrativa na qual apresentam a si próprios como vítimas, frente aos vendedores do mercado, representados genericamente, como *criminosos*. Esses, tidos como um sujeito único e homogêneo, são considerados responsáveis pela desqualificação e degradação do lugar. Os residentes reagem às práticas ilícitas “trancando-se nas suas casas”. A representação da Via Cottolengo como um gueto e a exacerbação da imagem da violência é utilizada para justificar o confinamento a que se vêem constrangidos: o que os italianos residentes denunciam, de fato, é a condição de *expropriação* do espaço público a que se sentem submetidos, segundo eles, pela ausência do Estado. O artigo passa em seguida a tematizar a questão em termos étnicos: “somos estrangeiros na nossa própria casa” alega-se. Complementando com um paradoxo, os moradores caracterizam provocativamente a própria situação como de uma autoctonia “às avessas”. A auto-

¹⁸³ Todos os artigos aqui citados podem ser lidos integralmente pela internet através do site www.lastampa.it, link “archivio storico”.

representação em termos de uma hierarquia subvertida é um artifício discursivo para justificar os constantes pedidos de intervenção policial, chamada para restabelecer “a ordem”. A dificuldade que este grupo apresenta de confrontar-se diretamente com os imigrantes, com os quais convivem no mesmo espaço, se traduz antes em uma denúncia recriminatória e depois em um pedido direto às instituições: “queremos somente”, dizem, que a polícia “peça os documentos, sequestre a mercadoria abusiva e repatrie os delinquentes clandestinos”.

01 de outubro de 2008 (quarta-feira)

No dia seguinte à publicação deste artigo, na mesma sessão de crônica, aparece a réplica das instituições.

“Operação Via Cottolengo. A prefeitura: também aqui é necessária a intervenção do Exército.”

O artigo relata o encontro entre o prefeito e o governador para planejar o que eles definem como “ocupação militar” a ser executada na região. Descrito como “caso explosivo”, o assessor de comércio, Altamura, sugere “transferir a dúzia de bancas regulares que constituem o coração da atual atividade da Via Cottolengo” para alguma região próxima, mas a proposta é barrada pela polícia que discorda, afirmando que a operação pode causar problemas de ordem pública. O artigo termina anunciando “a ocupação militar no *weekend*”. O poder público reitera, portanto, a representação negativa do mercado da Via Cottolengo, reduzindo-o inclusive a um pequeno comércio, que embora reconhecido como forma de ocupação é, ao mesmo tempo, identificado como responsável da degradação.

4 e 5 de outubro de 2008 (terça e quarta-feira)

A televisão anuncia uma *blitz* policial no maior cortiço da Via Cottolengo, local que abriga o maior número de residentes estrangeiros do bairro.

12 de outubro de 2008 (domingo)

No jornal “La Stampa”, é descrita a intervenção militar que aconteceu no sábado anterior. O título:

“Via Cottolengo “sequestrada”. Com 200 homens por um dia voltou à legalidade. Nas ruas onde as pessoas não aguentam mais”.

O artigo expressa a satisfação dos residentes e do poder público reiterando a promessa de “manter a ordem”. O sucesso da ação militar é associado à restauração da imagem de “ordem” e de “limpeza”.

Apresentarei agora a operação conforme a retratei no meu diário de campo.

11 de outubro de 2008 (sábado)

“Às 8 e meia da manhã estou na Via Cottolengo. A entrada está tomada pela polícia e “carabinieri” com fardas diferentes (nunca os tinha visto com essa roupa). (...) Falo com o senhor Sertori ou Sartorio, não lembro, um policial. Há realmente muita polícia, dessa vez também na outra entrada da rua onde estão dois micro ônibus dos “carabinieri”. Há policiais em todo lugar. Eles ficam tranquilos, dando voltas pelo mercado, em grupos de três, deslocando-se entre os visitantes, olham as mercadorias, fumam, conversam. Ficam rodando o tempo inteiro, diferentemente do sábado anterior quando, na metade da manhã, se retiraram deixando a Via Cottolengo como sempre, cheia de “irregulares”. O astral é estranho hoje, a Via Andreis está com o trânsito congestionado, enquanto a Via Borgo Dora está praticamente vazia. Olga me diz: “parece que hoje vai vir o prefeito com o governador”. Também Francesco me repete a mesma coisa, especificando: “hoje os guardas municipais disseram que é um dia especial. “Façam as coisas direito que hoje é um dia especial” nos disseram, “todo mundo fala que o prefeito vai vir”. Eu, que tinha pensado em fazer o mapeamento das bancas, mudo de rumo e decido seguir a polícia e os guardas. Finalmente encontro Lanzetti que, junto com outros dois fiscais, rapidamente dirige-se para a Via Borgo Dora em direção à Via Cottolengo. Sigo-os... Lanzetti, à frente, comenta coisas com os vendedores imigrantes as quais não entendo; isso acontece com três pessoas ao longo

do trajeto, todos os imigrantes o cumprimentam pelo nome “ciao Marco!”, sorrindo. Ele passa rápido falando alguma coisa, eles concordam. Depois, na Via Cottolengo, Marco controla um senegalês que acabou de chegar: Diop é o nome dele. Lanzetti é muito enérgico, resoluto (...). Depois sai da Via Cottolengo e se perde entre as bancas da Piazza della Repubblica (...).”

A polícia continua circulando até o final da tarde. A partir deste dia, a Via Cottolengo fica “limpa”, mas o problema dos “irregulares” é somente deslocado. No sábado seguinte, dezenas de vendedores informais posicionam-se ao final do Canale Molassi, em direção à via Cigna e aí permanecem por vários meses. Algumas semanas mais tarde, o mercado informal de domingo, composto pelos mesmos sujeitos que atuavam na Via Cottolengo e oferecendo as mesmas mercadorias, reaparece na Piazza della Repubblica.

Tanto no que diz respeito à narrativa da mídia, quanto ao comportamento das “*forze dell’ ordine*”¹⁸⁴ assistimos à construção de um “evento”, como uma “*messa in scena*”. Com esta expressão, não quero minimizar a dimensão violenta da ação policial. De fato, para os vendedores informais, sobretudo se clandestinos, os quais representam a maioria na Via Cottolengo, esta demonstração “de força” foi suficiente para fazê-los se retirar, restringindo-lhes as possibilidades de trabalho e o acesso a um espaço de sociabilidade. O discurso reivindicatório de residentes e comerciantes da área, construído através da sobreposição entre “ilegalidade” e “imigração”, e o consequente apelo ao Estado, como agente chamado para restabelecer a “ordem” é característico das “crises urbanas” (Allasino et al., 2000). Esse episódio representa um dentre os numerosos casos de conflitos que, nesta área, verificam-se seguindo sempre o mesmo padrão.

Além do deslocamento dos “*abusivi*”, que levou a uma nova configuração do mercado, a “batida” teve outras consequências. Dentre elas, a manifestação de um grupo anarquista na semana seguinte, durante a realização do Gran Balôn, que reivindicava o “direito” dos imigrantes de trabalharem na feira, do qual decorreu um confronto no “largo” de Via Borgo Dora com alguns comerciantes (entre eles, o vice-presidente da *Associazione Commercianti Balôn*, que liderou a discussão). Este episódio comportou a

¹⁸⁴ Orgãos de Segurança Pública.

intervenção da polícia, que se apresentou “à paisana”, e da DIGOS¹⁸⁵. A “ocupação militar” da Via Cottolengo levou também alguns comerciantes lojistas e ambulantes da feira, uma minoria, a se queixarem, considerando a presença maciça das forças de segurança como prejudicial a seus negócios¹⁸⁶.

O conflito interétnico no mercado Balôn se dá, na prática, em dimensões diversificadas: enquanto os residentes e comerciantes italianos articulam estratégias de defesa de seus interesses na esfera institucional e da mídia, os imigrantes “*abusivi*”, que não são representados institucionalmente, constroem estratégias “de sobrevivência” que envolvem a manipulação da informalidade. A forma que encontram para enfrentar os ataques é, primeiramente, deslocar-se. O que me parece significativo é que a ocupação itinerante do espaço público se dá sempre no mesmo bairro. Porta Palazzo, como se comentou anteriormente, não é apenas o lugar onde, tradicionalmente, *se faz mercado*, mas se reafirma como o território que abriga novos imigrantes, sendo escolhido por eles para estabelecer práticas de sociabilidade e estratégias de sustento.

¹⁸⁵ A DIGOS (*Divisione Investigazioni Generali e Operazioni Speciali*) é o corpo da polícia que se ocupa especificamente de operações antiterrorismo. Se na semana anterior a presença dos Órgãos de Segurança Pública se apresentava ostensivamente aos olhos de residentes, comerciantes e clientes do mercado, nesse contexto, a intervenção na região central de Via Borgo Dora, no meio da feira de antiquariado, foi realizada de forma quase que *invisível*.

¹⁸⁶ “*Os clientes se espantam... esses acontecimentos, a seus olhos, confirmam esta região como perigosa: sábado passado aqui parecia Beirute*” comenta Gualtieri. (Diário de campo, 20 de outubro de 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta etnografia, procurei ressaltar como o mercado Balôn se apresenta hoje, bem como seu processo de construção. As dinâmicas que levam à sua contínua reorganização espacial e social, assim como a redefinição das interações e crivos sociais que delimitam suas fronteiras foram observadas sob diferentes prismas, demarcados segundo definições operadas pelos diversos agentes sociais que interagem no contexto. No que se refere aos vendedores, eles se reconhecem como grupos diferentes a partir de uma série de variáveis, considerando especialmente o tipo de prática de trabalho que desenvolvem, os objetos vendidos e as formas de sua obtenção (antiquários/coletores) bem como as formas através das quais se inserem no espaço urbano. Isso remete à dimensão da “legalidade/ilegalidade/informalidade” (“*abusivi*”, “operadores não profissionais” e “comerciantes”) e ainda, à “ancianidade”, considerada como o tempo de atuação na feira. Tal categoria discursiva incide de forma marcante nesse contexto. Os vendedores mais “velhos”, tanto antiquários quanto os “anciãos da praça”, se representam e operam como “estabelecidos” (Elias, [1965] 2000), produzindo discursos e práticas que visam legitimar sua presença no espaço público. Nesse sentido, podem ser lidos, tanto os conflitos entre as duas associações que atuam no mercado, quanto os que se referem, aos “recém-chegados”. A reivindicação de “autoctonia”, modulada através das apropriações diferenciadas da noção de tradição (“*ferramiu*” como coletores *versus* “*ferramiu*” como antiquários) define clivagens entre os “mais antigos no mercado”, que expressam conflitos por legitimidade, condição continuamente renegociada como se procurou demonstrar nesta etnografia.

A organização do Balôn molda-se a partir dessas tensões, que hoje envolvem especialmente os vendedores “estrangeiros”, os quais representam os mais “novos” desse universo. Falar de “autoctonia” em Porta Palazzo, como no Balôn é, porém, problemático. Essa noção pressupõe uma certa estabilidade na relação com o território, baseada numa suposta procedência temporal, quando na realidade o que ocorre, em função da periódica incorporação de sujeitos que chegaram de *outros* lugares, é uma redefinição das categorias e relações entre elas. Da luta pela legitimidade com base na “tradição” participam, de fato, tanto os italianos (comerciantes e residentes do bairro),

como também os vendedores recém-chegados. A fala de Karim é, neste sentido, significativa. No domingo, 5 de outubro de 2008, uma semana antes da *blitz* da polícia, encontrei-o atrás da sua banca, na esquina com a Via Lanino e, falando a respeito da sua condição de “irregular”, alega: “*em 73, aqui (Via Cottolengo) estavam os meridionali*¹⁸⁷, *a gente entrou no lugar deles!*”. (Ri).

Karim refere-se ao trabalho informal que os migrantes do sul da Itália empreenderam aqui nos primeiros anos de sua chegada. Esta afirmação sugere uma reelaboração da condição de “*autoctonia*” que é alegada para legitimar o grupo naquele espaço. A partir das diversas apropriações desse conceito se estabelecem as dinâmicas através das quais a dimensão social do Balôn se reconfigura. Uma *sobreposição* de “estabelecidos” (Elias, 1965) caracteriza, portanto, este território (tanto o bairro quanto o mercado), de forma que, nesse contexto de fluxo, essa condição assume conteúdo variável. Em Porta Palazzo, de fato, todos¹⁸⁸ se consideram *estabelecidos* e é a partir da autoatribuição desse estatuto que as crises e os conflitos se manifestam com mais força e frequência.

Considerando-se a proposta de Viazzo (2003), segundo a qual é necessária uma observação transversal dos diversos fluxos migratórios, o mercado Balôn representa uma “janela” que possibilita observar as clivagens sociais decorrentes desse fenômeno. As descontinuidades entre grupos de imigrantes (meridionais e “estrangeiros”, mas também, na geração anterior, em relação às pessoas provenientes dos vales rurais piemonteses) são demarcadas pelos atores sob a forma de conflitos, mas também é postuladas em termos de continuidades. A fala de Karim, acima citada, encontra reciprocidade na fala de Mauricio¹⁸⁹, por exemplo, que em relação às queixas de alguns comerciantes quanto à venda de pão caseiro na rua, por parte das mulheres marroquinas, afirma: “*(...) os meridionais nos anos 60 vendiam azeitonas, não vejo nada de mal nisso*”¹⁹⁰. As relações interétnicas, nesse caso, podem ser pensadas e observadas não somente a partir da contraposição entre “italianos” e “estrangeiros”, mas por meio de outros matizes de proveniência, que os atores apontam. Nesse sentido parece-me interessante relatar uma piada de Chiavassa. Um dia, cansada de ouvir recriminações em relação aos estrangeiros por parte do grupo dos “antiquários”, lhe disse:

¹⁸⁷ Os imigrantes do sul da Itália.

¹⁸⁸ Afirmações de pertencimentos a este espaço são produzidas por vários atores estrangeiros, o exemplo acima é somente um dentre os que escutei em campo.

¹⁸⁹ Maurizio, tem 46 anos e trabalha no Balôn esporadicamente desde a metade dos anos 80.

¹⁹⁰ Diário de campo, 23 de novembro de 2008.

“Mas o senhor é racista mesmo!”

*E ele me deu uma empurradinha no ombro e rindo respondeu “Eu... racista? Não fico brabo se um africano casar com uma siciliana!”*¹⁹¹

A brincadeira e a gozação sobre *os outros* são práticas comuns no mercado, como aponta também Sarnelli (2003), apresentando-as como formas de demarcação de fronteiras étnicas. Quando essas não expressam os conflitos por meio de continuidade, ou são mascarados, como nesse caso, ou apresentam-se, como vimos, na identificação entre “ilegalidade” e “imigração”. Esta sobreposição pode ser interpretada, então, como uma estratégia para a desqualificação do outro, ao qual o Estado é chamado a intervir.

Do ponto de vista do Estado, o mercado Balôn é considerado como um “amortecedor social”, razão pela qual em determinados contextos, especialmente de crise econômica, sua atuação se caracteriza por uma aplicação *flexível* das normas institucionais. Disso decorre o “fechar um olho/fazer vistas grossas” pelos guardas em relação a certas práticas dos comerciantes e, em outro nível, a aplicação de políticas que viabilizem uma abertura do espaço aos grupos “desfavorecidos”. Segundo essa visão, imigrantes recém-chegados, bem como pessoas com uma difícil inserção sócioeconômica no mercado de trabalho (desocupados, subassalariados, pessoas em férias coletivas), têm a possibilidade de acessar a feira, encontrando ali, na maioria das vezes, uma condição transitória de sobrevivência. A ação do *The Gate* ganha importância na medida em que visa promover processos de formalização *ad hoc*. Ao mesmo tempo, parece necessário por parte do Estado deixar uma margem de informalidade para que os vendedores possam atuar. Essa informalidade pode implicar num monitoramento aparentemente “confuso” por parte da Polícia Municipal, como relatou Moggi, concorrendo para a construção de dinâmicas de organização do espaço e da prática do trabalho que são representadas em termos de “liberdade” e “improvisação” pelos vendedores¹⁹². Estas características representam atributos simbólicos que definem a identidade do Balôn.

A promoção pelo Estado de políticas que reforçam a segurança pública se dá em termos de visibilidade/invisibilidade, como estratégias de atuação neste espaço. A

¹⁹¹ Diário de campo, 4 de setembro de 2008.

¹⁹² Nesse sentido, as práticas relativas à formalidade, informalidade e ilegalidade no Balôn se articulam de forma diferente da região do mercado de Porta Palazzo etnografada por Semi. Se na feira da grande praça essas dimensões se apresentam de forma distinta (em espaços e tempos diferenciados), no Balôn há uma interligação maior entre elas.

espetacularização/ostensividade da presença dos Órgãos de Segurança Pública em algumas ocasiões, como no caso da batida policial em Via Cottolengo, me parece ser realizada essencialmente para aplacar momentaneamente as queixas dos moradores da região, que pressionam por intervenções, como se viu, através de abaixo-assinados e da atuação de seus comitês.¹⁹³ O deslocamento dos “abusivi” entre Piazza San Pietro in Vicoli e Via Cigna se tornou permanente, implicando na formalização desses novos vendedores no espaço monitorado pela Associazione Vivi Balôn. Conforme declararam o presidente da Associação Vivi Balôn e a secretária Maria Rosa¹⁹⁴, hoje o mercado Molassi é constituído por 344 lugares, sendo 104 novos. Quase todos eles foram ocupados por imigrantes estrangeiros, primeiramente magrebinos e *rom*¹⁹⁵. Segundo a mesma declaração, o número de “postos fixos”, designados para os “excentoventunisti”, está se reduzindo, pois estes estão abandonando a atividade em função da idade (alguns faleceram) e, também, porque a Associação está procurando “eliminá-los” para garantir maior rotatividade, de modo a atender novas demandas¹⁹⁶. Segundo a declaração de Di Gennaro, o mercado “árabe”, que estava alocado em Via Cottolengo, agora está sendo realizado na frente do Palafuksas (Piazza della Repubblica) e é composto por 400 vendedores. Se antes eles eram em sua maioria marroquinos, hoje o grupo se apresenta de forma mais heterogênea do ponto de vista étnico. Magrebinos, oesteafriicanos, *rom* e italianos se instalam nessa região a cada domingo, oferecendo mercadoria usada e nova, grande parte de marcas falsificadas. Segundo seu relato, o mercado “está sendo monitorado” pelos guardas e Órgãos de Segurança e está sendo “tolerado”. “Estamos no meio da crise”, declara Di Gennaro, e “não tem como conter esse fenômeno”. Alega também que nesse novo contexto os episódios de roubo e venda de droga se reduziram. O processo de deslocamento dos vendedores informais para áreas periféricas do mercado e a sucessiva regularização promovida pela prefeitura faz pensar o mercado como um sistema e aponta para a dinâmica do seu crescimento nos últimos 10 anos. Ele se caracteriza como espaço “aberto” e “fechado” ao mesmo tempo,

¹⁹³ Compostos quase que inteiramente por italianos.

¹⁹⁴ Esses dados me foram passados durante uma ligação telefônica, no dia 9 de fevereiro de 2009.

¹⁹⁵ Etnia cigana.

¹⁹⁶ Até alguns anos atrás os lugares fixos eram cerca de 190; hoje se reduziram a 160. Dos 104 criados, todos são rotativos. Portanto hoje se tem 160 lugares fixos e 184 rotativos no mercado. Também o número de estrangeiros aumentou proporcionalmente. Hoje no mercado Molassi trabalham cerca de 60% de vendedores estrangeiros e 40% de italianos. Em fevereiro de 2009 o contrato da Associação para a administração e monitoramento da área foi renovado pela prefeitura.

tendendo a “se abrir” em situações de crise, como a atual, e “se fechar” em contextos de maior estabilidade sócioeconômica¹⁹⁷.

O mercado é, portanto, um espaço simbólico onde são tecidas relações, se delineiam fronteiras e se reconfiguram distâncias/proximidades culturais. O Balôn é uma “paisagem” multiétnica (Appadurai, 2004), que reúne e explicita diferentes diásporas e é também um recorte territorial, um *lugar* de fluxos (Hannerz, 1998), onde se cruzam pessoas em trânsito. Esse cruzamento, como vimos, não é pacífico, mas se constitui por tensões que tornam a organização social um modelo dinâmico em contínua transformação.

¹⁹⁷ A inserção do grupo de antiquários e consequente criação do mercado Gran Balôn deu-se, como comentei, na metade dos anos 80, período marcado pelos segundo “boom” econômico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLASINO, Enry; BOBBIO, Luigi; NERI, Stefano. *Crisi Urbane: Che cosa succede dopo?, Le politiche per la gestione della conflittualità legata ai problemi dell'immigrazione*. Instituto Ricerche Economico-sociali Del Piemonte. Working paper n.135. Torino, maggio 2000.

APPADURAI, Arjun. *The social life of things*. Cambridge: Cambridge University, 1986.

----- *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema, 2004

AUGÉ, Marc. *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus Editora, 1994.

BAGNASCO, Arnaldo. *La città dopo Ford: Il caso di Torino*, Torino: Bollati Boringhieri, 1990.

BARBAGLI, Maurizio, COLOMBO, Asher, SCIORTINO, Giuseppe. *I sommersi e i sanati*, Bologna: Il mulino, 2004.

BARNES, John. "Redes sociais e processos políticos". In: Org. FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos*. São Paulo: Global, 1987.

BARTH, Fredrik. [1969] *Grupos Étnicos e suas Fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe., STREIFF-FERART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo, UNESP, 1998.

----- *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. (Org.) de Tomke Lask. Contra Capa Livrarias: Rio de Janeiro, 2000.

BIANCHI, Cesare. *Porta Palazzo e Balôn. Storia e mito*. Torino: Edizioni il Punto, 1991.

CICSENE, *Relazione sulle trasformazioni dell'area di Porta Palazzo 1996/2001*, Torino: Progetto The Gate Porta Palazzo, 2006.

COHEN, Abner. *O homem bidimensional. A Antropologia do Poder e o Simbolismo em Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

COHEN, Abner. *Custom and Politics in Urban Africa*. London: Routledge & Kegan Paul, 1969.

DE MELLO, Thiago. *Saara: reinventando etnicidades e ambiências num mercado popular carioca*, LeMetro, UFSC, 2005.

-----, *Chineses no Saara: conflitos num mercado popular do Rio de Janeiro*, 25º Reunião Brasileira de Antropologia – Goiânia – Brasil, 2006.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1965] 2000.

GEERTZ, Clifford. *Meaning and order in Moroccan society: Three essays in cultural analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

GOFFMAN, Erving. *La vita quotidiana come rappresentazione*. Bologna: Il Mulino, 1969.

HALBWACHS, Maurice. *La memória collettiva*. Milano: Edizioni UNICOPLI, 1987.

HANNERZ, Ulf. *Conexiones transnacionales. Cultura, gente, lugares*. Madrid:

Cátedra, 1998.

------. *Esplorare la città*. Bologna: Il Mulino, 1997.

------. *La diversità culturale*. Bologna: Intersezioni, 2001.

HANS, Vermeulen & CORA, Govers (Orgs.). *Antropologia da Etnicidade. Para além de 'Ethnic Groups and Boundaries'*. Lisboa: Fim de Século, 2003.

HARVEY, David. *The condition of postmodernity. An enquiry into origins of cultural change*. Oxford, Basil Blackwell, 1989.

MAGNANI, Guilherme. "*De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*". In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, (n. 49, p. 11 – 29), São Paulo: 2002.

MITCHELL, Clyde James. *Cities, Society and Social Perception: A central African Perspective*. Clarendon: Oxford, 1987.

PORTELLI, Alessandro. *Death of Luigi Trastulli and Other Stories: Form and Meaning in Oral History*. Albany: SUNY Press, 1991.

PROCOPIO, Maria, OMEDE', Massimo. *Gli stranieri residenti a Torino nel 2004: strutture demografiche e aspetti socioeconomici*. Torino: Direzione Servizi civici, Ufficio di statistica, 2004.

RABOSSI, Fernando. *Nas ruas de Cidade del Leste: vidas e vendas em um mercado de fronteira*. Rio de Janeiro: Tese de doutorado, 2004.

PARK, R. E. and BURGESS. [1925] *The City: suggestions for the Investigation of Human Behavior in the Urban Environment*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

PERALDI Michel, FOUGHALI Nouara, SPINOUSA Nancy. *Le marché des pauvres, espace commercial et espace public*. In *Marseille et ses étrangers*. Reveu Européenne des Migrations Internacionales, (n. 1, volume 11, p. 77-96), Marseille, 1995.

PERALDI, Michel. *Cabas et Containers: Activités marchandes informelles et réseaux migrantes transfrontaliers*. Paris: Maisonneuve et Larose, 2001.

POLANYI, Karl. [1944] *A Grande Transformação*, Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000.

POLANYI, Karl, ARENSBERG, Conrad, PEARSON, Harry, *Trade and Market in the Early Empires*, New York : The Free Press, 1957.

PUGLIESE, Enrico. *L'Italia tra migrazioni internazionali e migrazioni interne*, Bologna: Società editrice Il Mulino, 2002.

SARNELLI, Enrico. *Relazioni scherzose. Senegalesi e autoctoni in un mercato di Napoli*. In: GALLINI, Clara (org.) *Patrie elettive. I segni dell'appartenenza*. (p.25-60). Torino: Bollati Boringhieri, 2003.

SEMI, Giovanni. *Il multiculturalismo quotidiano: Porta Palazzo tra commercio e conflitto*. Milano: Tese de doutorado, 2005.

SIMON, Patrick. *La société partagée. Relations interethniques e interclasses dans un quartier en rénovation: Belleville, Paris XXe*. In *Cahiers internationaux de Sociologie* (n. 98), Presses Universitaires de France: Paris, 1995.

STOLLER, Paul. *Money has no smell. The africanization of New York City*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

TARRIUS, Alain. *Arabes de France: Dans l'Économie Mondiale Souterraine*. Éditions de l'Aube: Toulouse, 1995.

TEOBALDO, Daniele. *La selettività nei processi di controllo. Un'indagine sul rapporto tra polizia e immigrati.* In *Stranieiri*. Milano, n.4, p.414, 419. Luglio e agosto 2006.

VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina. *Mediações, Cultura e Política.* Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VIAZZO, Pierpaolo & SACCHI Paola. *Piú di um sud: studi antropologici sull'immigrazione a Torino.* Milano: Ed. Fran. Angeli, 2003.

ZUKIN, Sharon. *O Espaço da Diferença.* In: Arantes, Antônio Augusto (org.) Campinas, Papirus: 2000.

